PÁG. 3: OLIVEIRA MARQUES ESCREVE SOBRE AS UNIVERSIDADES DOS ESTADOS UNIDOS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 919 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

O prof. Gouveia Monteiro, de quem a Universidade de Coimbra (e a Universidade portuguesa em geral), de que é novo reitor, espera uma fecunda obra de renovação e reconciliação, e a prof.ª dr.ª Maria Helena Rocha Pereira — a primeira senhora que vai exercer, no nosso País, funções de reitoria

UNIVERSIDADE DE COIMBRA:

O NOVO REITOR TEM PRESTADO AOS ESTUDANTES LEAL E FRANCA COLABORAÇÃO

COIMBRA, 27 — A propósito da nomeação dos novos reitor e vice-reitores da Universidade de Coimbra, respectivamente prof. Gouveia Monteiro, prof.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira e prof. dr. Fernandes de Carvalho, lembra-se que o dr. Gouveia Monteiro, sôbre ser um cientista de renome, é um professor que sempre se tem dedicado aos problemas do ensino e da vida institucional da Universidade com uma lúcida atenção crítica, e sempre tem prestado aos estudantes uma leal e franca compreensão e colaboração.

(Continua na 10.ª página)

O ministro da Educação e a Comissão Associativa

Entretanto, a Comissão Associativa Pró-Eleitoral de Coimbra (CAPE) tornou público que solicitou ao ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, uma audiência.

Foi já anunciado que o prof. Veiga Simão receberá aquela Comissão (constituída pelos estudantes eleitos para a direcção da Associação Académica no ano lectivo transacto) depois do seu regresso de Moçambique, que está previsto para 4 de Fevereiro. O titular da pasta da Educação parte hoje para Lourenço Marques, acompanhado do seu chefe de gabinete, dr. João Falcato.

EVITAR A INFLAÇÃO

— OBJECTIVO DE NIXON AO VETAR A LEI DE FINANÇAS

(Ler notícia na Pág. 15)

SEGUNDO UM CIENTISTA DOS EUA

AS RADIAÇÕES NUCLEARES FIZERAM AUMENTAR (NA INGLATERRA E NA AMÉRICA) A MORTALIDADE INFANTIL

LONDRES, 27 — (F. P. e R.) — As cinzas radioactivas das bombas nucleares já custaram a vida a uns 400 000 recém-nascidos americanos e 100 000 ingleses, afirmou ontem em Londres o dr. Ernest Sternglass, especialista americano em radiações e professor na Universidade de Pittsburg (Pensilvania). A mortalidade infantil que diminuiu regularmente em 1930 a 1950 recomeçou a aumentar desde esta data. A taxa de notalidade observada segue uma curva paralela à frequência das experiências atómicas.

Sternglass calcula que mais de 10 000 crianças morrem por cada megaton detonado em experiências nucleares francesas e chinesas.

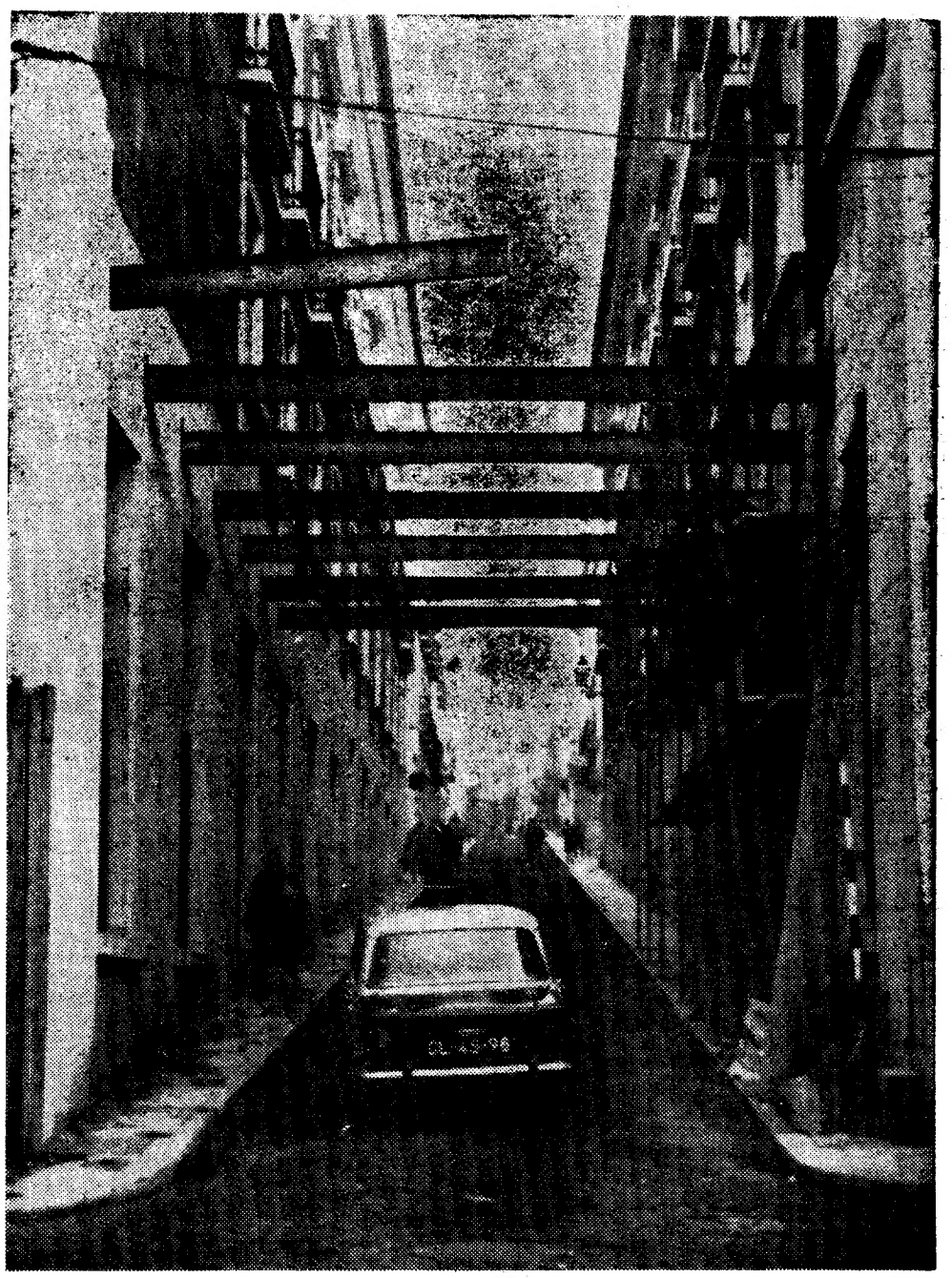
O professor Sternglass, de 46 anos, concordou que as suas opiniões e provocariam enérgicos protestos de peritos que estabeleceram os níveis autorizados de radiação.

Declarou que uma deterioração na mortalidade infantil nos países desde a América do Norte até á Escandinávia coincide com o auge dos ensaios nucleares pelo Ocidente.

A causa, porsseguiu, estava relacionada com a queda e material absorvido pelo organismo através de água potável e de limentos.

Afirmou que o mal tinha sido provocado por lesões nas células reprodutoras de homens e mulheres por intermédio de um mecanismo que tem recebido escassa atenção e por meio do qual o organismo processa estrôncio 90.

O estrôncio enfraquece e torna-se num isótopo do elemento ítrio. Decorridos cerca de quatro anos, esse novo elemento é distribuído novamente pelos órgãos, incluindo os reprodutores.



A gravura mostra-nos os trabalhos de construção de uma passagem aérea entre os dois edifícios da Caixa Geral dos Depósitos, na Rua da Rosa. Destina-se a obra, além de contribuir para a melhoria do aspecto arquitectónico do conjunto, a assegurar um mais fácil funcionamento dos serviços da instituição. Com o mesmo objectivo, encontra-se já construída uma passagem subterranea a ligar os dois edifícios que trazem evocações históricas: as fundações de um deles sustentaram as paredes do quartel-general de Beresford; no outro, antigo Palácio dos Duques de Palmela, funcionou outrora o Ministério dos Negócios Estrangeiros

HOJE 28 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

As crianças de Alfama também participaram no «Álbum de Lisboa». A recepção de cadernetas decorreu ontem no «stand» Gazcidla daquele bairro.

CONCURSO «ÁLBUM DE LISBOA»

A recepção de cadernetas nos bairros de Lisboa

Como temos noticiado, está a proceder-se á recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla dos bairros de Lisboa, para comodidade dos concorrentes. Pedimos atenção ás datas que indicamos, para evitar aglomerações e demoras que a todos prejudicam. Só depois de finda a recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla de Lisboa esta se fará nos nossos serviços da Rua Castilho, 185. Os funcionários do «Diário de Lisboa» em serviço nos «stands» Gazcidla possuem colecções de gravuras já publicadas, sendo-lhes possível atender os concorrentes que tenham as suas colecções incompletas. A partir de amanhã, é, pois, esta a ordem de recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla:

JANEIRO

28 — Rua da Atalaia, 131 — Bairro Alto

29 — Largo da Graça, 63-D — Graça

30 — Rua de Campolide, 94-C — Campolide

31 — Rua Infantaria, 16-57-A — Campo de Ourique

FEVEREIRO

2 — Rua Alexandre Ferreira, 32 — Lumiar

3 — Rua Emília das Neves, 4-B — Benfica

4 — Rua Cidade de João Belo, lote, 88-ij, B — Olivais

5 — Avenida Miguel Bombarda, 56-A

6 — Rua José Duro, 27-C — Alvalade

7 — Avenida 24 de Julho, 94-A

9 — Rua do Alecrim, 77

10 — Praça Marquês de Pombal

11 — Largo do Calvário, 12-C — Alcântara

12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — Arroios

Atenção, portanto, ás datas que indicamos. Sem deslocações ou demoras, nos «stands» Gazcidla dos bairros lisboetas, os concorrentes da capital poderão fazer a entrega das suas cadernetas. Diàriamente, porém, recordaremos a localização desses «stands».

GRÉMIO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS TEXTEIS

Rua de Gonçalo Cristóvão, 96-1.º e 2.º

Telefones: 37961/2/3/4 (P. P. C.)

PORTO

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos legais e estatutários, realizou-se no dia 21 do corrente, na sua sede social, no Porto, a Assembleia Geral Ordinária do Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, a fim de proceder á eleição da Mesa da Assembleia Geral e do Presidente da Direcção, a qual apresentou o seguinte resultado:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE: Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, S. A. R. L.
Eng.º João Mendes Ribeiro

VICE-PRESIDENTE: Companhia Nacional de Fiação e Tecidos Torres Novas, S. A. R. L.
António de Medeiros e Almeida

SECRETÁRIO: Empresa Têxtil do Bugio, S. A. R. L.
António Alberto de Meireles Campos

SECRETÁRIO: António da Costa Guimarães Filho & C.ª, Lda.
Alberto Costa

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar, S. A. R. L.
Eng.º António José Simões Trindade dos Santos

Usaram da palavra vários agremiados, sendo de salientar a brilhante e detalhada exposição do Presidente da Direcção cessante Ex.mo Senhor Eng.º Ireneu Moreira Paes sobre a actividade da mesma durante o seu mandato, correspondente ao triénio de 1967-69. A Assembleia aplaudiu e agradeceu.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

A BANDEIRA DESFRALDADA

Portugal está aberto á colaboração com a Alemanha e aos investimentos alemães em Portugal. De tal forma são expressivas as declarações do eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, ao regressar da sua visita á Alemanha Federal, que aquele membro do Governo terminou até com um facto transformado em símbolo: «Aquela imagem de uma grande bandeira portuguesa desfraldada no mastro de honra do Ministério federal de Economia, em honra do nosso País pela visita de um membro do seu Governo. Ali, implantada no coração da economia alemã, a mais rica e poderosa da Europa, desfraldou-se uma bandeira: que isso seja estímulo á administração pública e ao empresário privado português para explorar a brecha; que isso seja chamariz ao empresário privado alemão para se lembrar de nós antes de mais ninguém quando decidir investir no estrangeiro. Que o seja: são os meus desejos; porque uma bandeira que se implanta nunca é mais que um símbolo de triunfo no momento: assim a retaguarda ajude e o grosso das tropas não hesite». Esperavam o secretário de Estado da Indústria, no aeroporto, diversas personalidades. Disse ele que a sua viagem visara a «incrementar o investimento privado alemão em Portugal», acentuando depois que «o nosso desequilíbio da balança de pagamentos (com a Alemanha) persiste e que o «deficit» representa 80 por cento das importações, por outros termos, de cada cinco marcos que dela importamos não conseguimos arranjar para lhe vender em troca senão um marco». Acrescentou ter visitado firmas privadas na Alemanha: «De Norte a Sul da Alemanha, trabalhámos assim, nesta semana, com seis firmas privadas; esclareceram se dúvidas, ampliaram-se projectos, rasgaram-se novos empreendimentos; e, resultado concreto, e é isso que ao público português que me ouve interessa, se nenhum obstáculo imprevisto surgir, a efectivação destes planos corresponde a que nos próximos dois anos se criarão por esta via entre 8 e 9 mil novos empregos, desde o Minho ao Alentejo. E note-se: não se trata só de lugares para operários, mas para escalões de hierarquia industrial, até aos diplomados, cientistas. O investimento correspondente será da ordem dos 90 milhões de marcos, isto é, entre 700 e 800 mil contos; a importância deste número ressalta se pensarmos que até hoje o total de investimentos alemães em Portugal não passa de 62 milhões de marcos; passará, pois, para duas vezes e meia do que hoje é.»

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS

Entre Aveiro e Viseu, nas proximidades dos sítios de Santiago e de Fez, despistou-se um automóvel guiado pelo sr. Artiolino Sardo, de 66 anos, comerciante, do lugar do Monte, Murtosa. Despistou-se e enfiou por uma ribanceira, junto á margem do Vouga. Morreram o condutor e o sr. Anselmo Lopes, de 55 anos, guarda-fiscal, tendo ficado feridos outros dois ocupantes do carro.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, os srs. prof. dr. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional; deputado prof. dr. Gonçalves de Proença, presidente da Comissão Parlamentar de Política e Administração Geral e Local; dr. José Manuel Fragoso, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro; dr. Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da R. T. P.; eng.º Luís de Azevedo Coutinho; e Sérgio Geraldes Barba.

DELEGADOS DE SAÚDE

No Ministério da Saude e Assistência, sob a presidência do dr. Baltasar Rebelo de Sousa, efectuou-se ontem uma reunião de delegados de Saude de todo o continente, assistindo o secretário de Estado, prof. Gonçalves Ferreira, e a directora-geral, dr.ª D. Maria Luísa Van-Zeller.

OS PORTUGUESES NO JAPÃO

Ontem á noite, na Sociedade de Geografia falou o sr. prof. Charles Haguenauer sobre o tema: «Os primeiros contactos dos portugueses com o Japão no século XVI». Presidiu o comandante João de Figueiredo, secretariado pelo major Nascimento Moura e dr. José de Bragança.

POR UM QUARTIL DE VINHO

Por um quartil de vinho se mata um tio. Houve discussão numa taberna, em Fermil de Basto, entre Joaquim Marinho Alves, de 38 anos, e outro indivíduo. O pomo da discórdia: um quartil de vinho. Em dada altura, interveio o sr. Augusto José Joaquim Alves, de 58 anos, agricultor, casado. Os contendores porém lutaram e o sobrinho da vítima vibrou-lhe na nuca grande golpe com a coronha de uma pistola. Transportado ao Hospital de Santo António, no Porto, ali morreria.

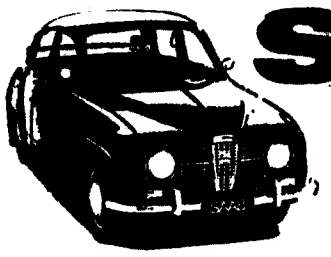
HOMENAGEM A ANTÓNIO SÉRGIO

A Cooperativa Piedense, na Cova da Piedade, rendeu ontem homenagem a António Sérgio, o grande doutrinador e fomentador do cooperativismo, numa palestra do jornalista dr. Alvaro Salema. Analisou ele a vida e a obra do grande ensaísta, tendo-se seguido um colóquio em que intervieram muitos dos assistentes entre os quais se contavam os escritores Ferreira de Castro, Castelo Branco Chaves e editor dr. João Sá da Costa.

RETUMBANTE E ESMAGADORA VITÓRIA NO 1.º RALLY DO ANO!

Vitória do «SAAB» no XVI Rally Nocturno do Sporting

UMA DAS MAIS DURAS E ESGOTANTE PROVA AUTOMOBILÍSTICA QUE SE DISPUTA EM PORTUGAL



SAAB

1.º NA CLASSIFICAÇÃO GERAL
1.º NA CATEGORIA
CARPINTEIRO ALBINO/SILVA PEREIRA

«SAAB» — SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E PERFORMANCE

REPRESENTANTE EM PORTUGAL
CIMPOMÓVEL
AV. 5 DE OUTUBRO, 97-C — LISBOA

AGENTE NO PORTO
STAND DA CONSTITUIÇÃO
R. DA CONSTITUIÇÃO, 89

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS—VIII

MAIS UMA VEZ AS UNIVERSIDADES

por A. H. de Oliveira Marques

Confesso que ia um pouco apreensivo quando cheguei aos Estados Unidos para ensinar história da Idade Média numa Universidade do Sul. Não me preocupava excessivamente o problema da língua nem o da substancia dos conhecimentos a transmitir: ao fim e ao cabo fora eu próprio quem escolhera os títulos dos cursos e seus limites cronológicos. Mas assustavam-me problemas como o do comportamento dos alunos, a disciplina a impor nas aulas, e outros correlacionados, de que ouvira contar horrores na Europa. Só me serenava um pouco pensar que chegava do Velho Mundo, o que talvez pudesse constituir certo motivo de prestígio e de autoridade, se disso necessitasse. Dizia a mim mesmo que tudo correria bem.

E correu. Logo na Universidade da Virgínia, por onde passei a caminho da minha escola e a convite de um professor amigo, tive oportunidade de contactar com alunos, de os ouvir falar e discutir, de os «ver» enfim. Pareceram-me disciplinadíssimos, bem comportados, simpáticos, acolhedores para com os estrangeiros. Nas várias universidades em que ensinei tive sempre ocasião de constatar o mesmo. Desde que, claro, nos habituemos á sua maneira de viver.

Para começar, o bom comportamento do aluno não significa aprumo á maneira portuguesa. O estudante americano não se coíbe de pôr o pé (ou os pés) em cima da cadeira da frente, nem de se espreguiçar em amplos gestos, nem de bocejar (sem ruído), nem ainda de assumir as posições mais estranhas e menos «próprias», como cá se diria. Fuma sem pedir licença. Come as suas sanduíches e bebe a sua coca-cola ou o seu copinho de café quente. Tudo isto dentro das aulas, entenda-se, e com o professor a falar. Enverga as indumentárias mais exóticas, com «shorts» ou «blue jeans» estiados em baixo e rotos, a fralda da camisa por fora, sapatos sem meias ou simples sandálias de praia ou ainda pantufas, camisolas sujas, e assim por diante. Nas bibliotecas não são permitidas comidas nem bebidas mas aceita-se o mesmo vestuário. É frequente, durante o verão, verem-se os universitários com simples camisolas interiores, brancas, sem camisa por cima.

Tudo isto é habitual, não suscita reparos, nem constitui má educação. Vê-se tanto entre os estudantes como entre os professores. Presenciei muitos colegas meus a darem aulas com o seu corpo ao lado ou mastigando pão com tomate. Vi-os sentados sobre a secretária, de pernas a bambolear. No Verão, era o próprio Director do Departamento de História que ia para a Faculdade de perna ao léu e sapatos de ténis brancos.

O bom comportamento nota-se noutras coisas. É raro os alunos conversarem uns com os outros ou fazerem barulho de qualquer maneira. Em regra, prestam atenção á aula e distraem-se pouco. Nunca interrompem o professor, levantando sempre o braço quando querem fazer perguntas. São honestos nas questões que põem e vão imediatamente direitos aos fins, sem propósito de «atrapalhar» o mestre ou de lhe passar rasteiras. Exigem, claro está, respostas igualmente honestas e satisfatórias. Quando não percebem qualquer coisa, perguntam logo, sem acanhamentos nem receios. Recordo-me de uma aula sobre história dos séculos XIV e XV. Falava-se de papas de Avinhão e do Grande Cisma do Ocidente. Para melhor compreensão, escrevi no quadro os nomes dos vários pontífices. Havia entre eles diversos Clementes, Beneditos e Inocêncios. Reparei que um dos alunos sorria e levantava a mão. O que era? Queria saber se aqueles eram nomes autênticos. Um pouco desconfiado, lá lhe fui dizendo que os papas costumavam adoptar um nome quando ascendiam ao trono. Ficou um tanto mais sossegado de espírito. — Mas então porquê? — indaguei eu. Não concebia que houvesse pessoas a hcamarem-se Clementes, Beneditos e Inocêncios... Afirmei-lhe com a maior solenidade que esses nomes, se bem que não muito frequentes, eram nomes «cristãos», de baptismo, e ainda usados nos países latinos. Até lhe disse que um antigo membro do Governo português se chamava Inocêncio. Não sei se acreditou.

Esta historieta, para além da ignorância que demonstra num aluno de Letras e num estudante universitário em geral, é bem reveladora da sinceridade e desinibição com que o estudante norte-americano expõe as suas duvidas em classe. Mesmo admitindo ignorância idêntica, dificilmente um universitário português mostraria perante os seus colegas e o seu professor o espanto que nomes como Rutherford, Woodrow ou Dwight lhe poderiam suscitar.

Com massa discente desta natureza, pode sem duvida fazer-se muito, desde que o professor tenha a paciência, a sabedoria e a competência indispensáveis para a trabalhar. O americano requer, acima de tudo, ordem e precisão. Não se lhe pode vir falar de ideias gerais nem de princípios vagos, a menos que umas e outros assentem lógica e largamente sobre um corpo de verdades já demonstradas. Em Letras, se exigências deste tipo dificultam a par e passo as exposições brilhantes e as figuras de rectórica tão do agrado latino, impõe, por outro lado, uma extraordinária disciplina ao professor, um cuidado permanente em rever as suas próprias convicções e hipóteses mais caras, antes de as «vender» na aula aos estudantes.

Treinado como está desde a escola secundária, o universitário dos Estados Unidos não tem pelo professor — entenda-se, o bom professor — aquele respeito e aquela humildade que o estudante português no fundo tem, apesar de toda a arrogância latina e de todo o aparente «je sais tout», típicos da nossa gente. O americano apresenta-se com um comportamento essencialmente democrático, habituado como está a discutir, a ser ouvido e a tomar levemente as coisas da cultura. A generalização do «do it yourself» (fá-lo tu mesmo) reflecte-se na atitude frente á própria cultura humanística. Se cada qual pode fazer tudo, ou tentar fazer tudo, desde pintar uma casa até desmontar um automóvel — havendo, claro, um manual simples, preciso, que o ensine —, também compreender a história, ler um documento ou interpretar um texto de literatura hão-de requerer apenas algum treino, bebido num compêndio que se mostre claro e exacto. O mestre, no fundo, pouco mais sabe que o discípulo. E discutindo e simplificando poder-se-á chegar ao objectivo final.

Esta atitude, que tem muito de camponês e de autodidacta, relutantes em aceitar complexidades herméticas a que não possam aceder num instante, demora a aprendizagem profunda — porque tudo se tem de pôr em causa e em tudo se duvida do que expõe o professor — mas colmata o habitual fosso mestre-discípulo, tornando o ensino mais humano, e mais permanente a instrução conseguida.

ECOS

HAVERÁ realmente ouro alquímico? Um jovem engenheiro electricista, vindo do nada, como costuma dizer-se, Armand Barbault, publicou em França, com grande êxito, um livro perturbante, talvez mistificatório, em boa parte místico, mas com certa ossatura científica. O ouro que cura, o elixir da vida no primeiro grau... A matéria primeira, para Armand Barbault, é a terra. Simplesmente a terra. Mas para dela tomar posse, há uma «via interior a percorrer, ou concentração do espírito». O livro de Barbault intitula-se **«Or du millième matin»:** terra, sol, orvalho, secados a lume brando (entre 40 e 50 graus). E esta operação repete-se um cento de vezes. Depois há fases de incineração. É claro que não levamos nada disto muito a sério. Mas a verdade é que há cientistas que se debruçam sobre tais experiências, a que a **Planète** concede a maior atenção. Será que o nosso racionalismo, que repugna à elaboração do «ouro potável» é, ainda, no seu cepticismo, anticientífico?

★

JACK HENRY MOORE, um dos campeões intelectuais da juventude norte-americana, declara: «Todos os dias muitos deles (dos velhos — leia-se reaccionários) morrem, enquanto muitos dos nossos nascem.» Esquece-se, é claro — há que notá-lo com espírito de isenção —, que os jovens também vão envelhecendo, muitas vezes pelo menos, e em todos os sentidos. Prossegue Jack Henry Moore: «Um dia, de toda a maneira, tomaremos o poder. Então porque esperar para melhorar o mundo?»

★

NO seu estudo «The Organization Man», W. H. White Jr. estigmatiza, como graves problemas do mundo industrial, do mundo administrativo, universitário e hospitalar, nos Estados Unidos, problemas do «homem de organização» das sociedades de consumo, ou seja, uma triste mescla de conformismo e arrivismo e a preocupação das boas relações humanas, na verdade falsas boas relações...

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS QUE ESTENDEM OS BRAÇOS

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A falar verdade não são muitos. São mesmo raros. Não os conhecemos, só de ouvir dizer, existirão mesmo? Aqui há tempos deparei com um, mas era numa fita, e as pessoas da fita, sorriram sem compreender quando ele morreu por isso, por ter estendido os braços sem pensar, sem ver os prós e os contras do seu gesto, avançando porque não podia fazer outra coisa senão avançar. As pessoas sorriam ao de leve, e via-se que não estavam á vontade. Não estavam também à vontade quando choravam. Era como se ele, o homem, e elas, as pessoas, bem, era como se fossem de mundos diferentes, uns de pés na terra e impulsos dominados pela razão, seres inteligentes, em suma, outro uma espécie de anjo ou marciano, isto é, de qualquer outra coisa. Não é preciso ter asas nem ser homenzinho verde para se ser qualquer dessas coisas, não é verdade?

Mas eis que no dia 15 de Janeiro de 1970 apareceu um desses em Paris, e, naturalmente, foi notícia. São raros, como já disse. Um homem que saiu a correr de uma porta para apanhar nos braços uma criança de cinco anos que vinha a cair do 7.º andar do prédio em frente. A criança não ficou ferida e terá uma linda história para contar. O homem, esse quebrou um pulso e ficou muito ferido nos ombros. O que terão pensado as pessoas perto dele, na rua? O que terão sentido? Terá pensado, alguma, em asas ou em antenas invisíveis?

ATENÇÃO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À
A REPARADORA DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.
REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO
RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

LIBERALIZAÇÃO — a mais importante nota positiva no campo dos espectáculos (em 1969)

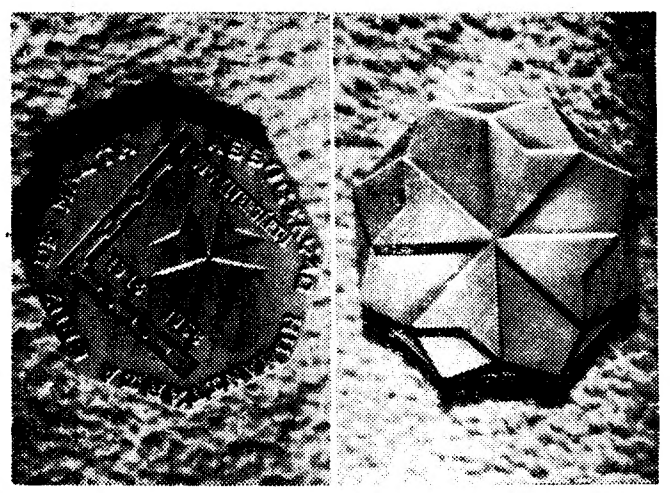
— segundo afirmou o dr. Manuel Teles aos microfones da E. N.

«Considero a liberalização como primeira e mais importante nota positiva no campo dos espectáculos em 1969» — afirmou o sr. dr. Manuel Teles, presidente da Corporação dos Espectáculos, ao fazer, aos microfones da E. N., o balanço da actividade teatral e cinematográfica no nosso País durante o ano passado. E acrescentou: «A atitude de maior tolerância nos critérios de exame e classificação de filmes e peças bastou, só por si, para alterar o panorama dos espectáculos publicos. Julgo que todos — autores, artistas, empresários e publico — já se aperceberam agradàvelmente do facto. Dentro desta linha de orientação, foi possível ver nos nossos cinemas, nos ultimos meses, uns tantos filmes, que o publico português não tivera, até então, oportunidade de apreciar e alguns dos quais são considerados obras-primas da cinematografia mundial. Quanto ao teatro verificou-se um facto idêntico: muitas peças de consagrados autores portugueses, que permaneciam nas gavetas, viram chegada a sua hora. A Imprensa diária referiu-se até os ultimos dias do ano, ao facto inédito, de em sete dos oito teatros que se encontravam em actividade na capital, estarem a ser representados originais de autores portugueses, alguns subscritos por nomes consagrados da nossa literatura, que andavam arredios dos palcos da sua terra.»

No seguimento da sua exposição, referindo-se á actual preferência para uma escolha de originais portugueses, o dr. Manuel Teles citou o facto de em 1967, apenas terem sido apresentadas cinco peças de autores portugueses, enquanto em 1968 esse numero já subiu para 16 e em 1969 atingiu 21. «Tudo leva a crer, e ainda bem, que esta tendência para a apresentação de obras de autores portugueses cada vez se irá acentuando mais.» — concluiu.

Quanto ao cinema nacional o presidente da Corporação de Espectáculos não se mostrou tão optimista: «O cinema envolve outros aspectos e implicações. Por isso não causa espanto que a nossa produção cinematográfica não se tenha desviado das coordenadas em que tem laborado nos ultimos anos, quer quanto ao género dos filmes, quer quanto á sua quantidade. Assim em 1969 foram produzidos apenas quatro filmes portugueses de grande metragem, revestindo todos caracteristicas de certo modo comerciais, pois com um mercado cinematográfico tão reduzido a produção de filmes só poderá enveredar por caminhos diferentes quando apoiada em novas estruturas.»

A propósito de novas estruturas, o dr. Manuel Teles citou as vantagens que poderão advir das novas leis do Teatro e do Cinema, cujas propostas foram agora apresentadas ás duas Câmaras. E, depois de citar alguns números respeitantes á actividade que estava a focar, referindo a inauguração de novas casas de espectáculos e dizendo que as existentes, em 1969, devem ter sido frequentadas por cerca de 27 000 000 espectadores, o dr. Manuel Teles, a terminar, fez algumas considerações a propósito da tão falada «crise dos espectáculos». Disse concretamente: «É verdade que a cada passo se ouve falar na crise dos espectáculos. Infelizmente, também eu não posso deixar de reconhecer que o espectáculo vem enfrentando, nos últimos anos, uma crise, a um tempo, de produção e de consumo. Designadamente, no tocante ao cinema, a debilidade da produção nacional de filmes é bem elucidativa. Passando á fase de consumo, ou mais exactamente, á exibição, sou, também, obrigado a reconhecer a sua crise como uma constantes, sobretudo a partir de 1958 — data em que a TV apareceu no nosso País. Enquanto se constroi, por ano, um ou dois cinemas, vendem-se cerca de 35 000 aparelhos de televisão, cujo total neste momento, não deve andar longe dos 350 000. Claro que nem só a Televisão é causa da ausência de público nos recintos de espectáculos. São vários e da mais diversa natureza os motivos desse fenómeno. Citemos, entre outros, o crescimento constante do parque automóvel; o hábito que já se vai enraizando dos passeios nos fins-de-semana; e, o próprio nível de vida, que nem sempre permite uma maior assiduidade ás sessões de espectáculos. Sobretudo na Província, a crise é enorme, e as portas dos cinemas abrem-se, quando muito, duas ou três vezes por semana, para deixarem entrar umas poucas dezenas de espectadores. O fenómeno não é, porém, específico de Portugal. Ele verifica-se, com maior ou menor agudeza, em todo o mundo. Particularmente no que que se refere ao nosso País e á nossa Televisão, cabe realçar aqui a compreensão demonstrada, em todas as ocasiões, pela sua Administração, no tocante aos problemas dos espectáculos públicos, sem esquecer, como é evidente, os interesses, sem dúvida legítimos, que lhe cabe defender e acautelar. Esta situação, sem prejuízo de eventuais acordos a estabelecer, envolve, também, porque não dizê-lo, um desafio á capacidade dos nossos empresários e produtores. Confio em que estes saberão responder a esse desafio. Coragem, audácia e gosto pelo risco não lhes falta. Tão reais qualidades apoiadas em novas bases de actuação, que se julgam possíveis num futuro próximo, muito poderão contribuir para valorizar e tornar mais competitivos os espectáculos públicos. Outra conclusão a extrair desta situação é a de não terem sido, ainda, atingidas as grandes metas do espectáculo. O caminho percorrido em 1969 foi, no entanto, longo e decisivo sob muitos aspectos, alguns dos quais escapam ao significado dos números enunciados. Direi, mesmo, que em ano algum se andou tanto e tão depressa.»



«CRUZ DE MALTA» — Para comemorar o cinquentenário da sua fundação, recentemente celebrado em Lisboa e em Luanda, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta mandou cunhar uma medalha, cujos anverso e reverso reproduzimos. A concepção e projecto da medalha são da autoria do arquitecto Segismundo Peres-Ramires.

SESSÕES CULTURAIS NO I. M. A. V. E.

O Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (IMAVE) organiza, na sequência de trabalhos iniciados em Novembro, sessões culturais e pedagógicas, especialmente destinadas a professores de línguas.

A primeira destas sessões realizar-se-á ás 21 e 30, na sede do Instituto, hoje, sendo versado o tema «O IMAVE: organização e actividades», a cargo do sr. Luís Andrade de Pina, chefe de repartição daquele organismo. Podem assistir os professores de línguas interessados.

CUPERTINO DE MIRANDA HOMENAGEADO PELA CÂMARA DE COMÉRCIO LUSO-BRITÂNICA

PORTO, 26 — Nas instalações do «Oporto Cricket and Lawn Tenis Club», a Camara de Comércio Luso-Britanica, associando-se ás comemorações do Cinquentenário do Banco Português do Atlantico, ofereceu uma recepção em honra do sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração daquela prestigiosa instituição de crédito.

Em representação da Camara de Comércio Luso-Britanica estiveram presentes os srs. Reginald Cobb, vice-presidente; Charles Nigel Cowling, vice-chairman; conselheiros daquela Camara do Comércio bem como a quase totalidade — cerca de 150 — dos membros que compõem a delegação, no norte, daquela Associação. Pelo Banco Português do Atlantico, além do sr. Arthur Cupertino de Miranda, encontravam-se os srs. eng.º João Meireles, vice-presidente do conselho de administração; António Miranda, administrador; dr. Carlos da Camara Pestana, director-geral; Victor Hugo Martins, director; e dr. Luís de Oliveira Dias, secretário-geral adjunto.

Usaram da palavra os srs. Reginald Cobb que em nome da Camara de Comércio Luso-Brasileira teve palavras de muito apreço para com a obra e personalidade de banqueiro e economista de Arthur Cupertino de Miranda, salientando também o significados do 50.º aniversário do Banco Português do Atlantico e o contributo que esta instituição creditícia tem dado ao desenvolvimento das relações económicas entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Em resposta, o sr. Arthur Cupertino de Miranda agradeceu, manifestando a sua grande admiração pela obra magnífica que vem sendo realizada pela Camara de Comércio Luso-Britanica em favor do estreitamento dos laços que de há muito ligam os dois países. A terminar, o sr. Arthur Cupertino de Miranda reafirmou a sua determinação e a do Banco, a cujo conselho de administração preside, de continuar a apoiar com o mais vivo interesse o intercambio comercial e industrial entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Após a recepção, que decorreu num ambiente de franca cordialidade, realizou-se um jantar íntimo oferecido pela direcção daquela Camara de Comércio.

ora diga-nos...

— Chove em sua casa?

A chuva, muitas vezes, procura as cadeiras das nossas casas para se sentar um pouco...

● *Disse-nos a menina Maria Flora Ribeiro Sousa Pinto, aluna da 4.ª classe:*

— Chove, sim!

— E por quê...?

— Por causa do alguroz...

— Todos os anos?

— Todos. Ninguém o manda arranjar...

● *Respondeu-nos Vítor Manuel Marques Pereira, aluno da 3.ª classe:*

— Em minha casa nunca choveu.

— Mas olha que se chovesse isso não envergonhava ninguém...

— Pois, sim. Mas não chove... Chove é na rua.

● *Finalmente, disse-nos António José da Silva Weber, empregado numa oficina de matérias plásticas:*

— Vivo numa casa enxuta. Não há lá uma pinga de água. Mas sei da casas em que a chuva entra sem cerimónia nenhuma... A culpa, sabe, é dos senhorios... Eles querem é que o dinheiro *chova* todos os meses.

Um aspecto do almoço anual de confraternização do pessoal da Sociedade Lusolanda, Lda., que decorreu em ambiente familiar. De pé, fazendo um brinde, vê-se o sr. João Frendenthal, director daquela empresa

VIDA MUSICAL

O maestro Mário Benzecry obteve o primeiro prémio no Concurso Dimitri Mitropoulos

O maestro Mário Benzecry, assistente da Orquestra de Câmara Gulbenkian, acaba de ser distinguido com o primeiro prémio «ex aequo» do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Dimitri Mitropoulos, de Nova York, um dos mais exigentes e prestigiosos certames da especialidade que actualmente se realizam em todo o mundo.

Mário Benzecry voltará a apresentar-se ao público de Lisboa, no dia 25 de Fevereiro, dirigindo a Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório da Fundação, num concerto que terá a colaboração do pianista Jacques Genty, e cujo programa é preenchido com obras de Delalande, Mozart, Marcel Quinet, Ravel e Webern.

O 2.º centenário de Beethoven celebrado na Academia de Amadores de Musica

Com um concerto de Florinda Santos, a Academia de Amadores de Musica começa amanhã a celebrar o 2.º centenário do nascimento de Beethoven.

A concertista Florinda Santos, laureada nos primeiros anos da sua carreira com o prémio Beethoven, é a intérprete unica das 32 sonatas de piano, repartidas em quatro ciclos, com que aquela instituição se associa nos próximos meses ás homenagens que, por todo o Mundo, se prestarão este ano ao génio musical de Beethoven.

Nesta primeira sessão, durante a qual estará patente ao publico uma exposição iconográfica e bibliográfica, Florinda Santos executará: Sonata em fá menor, op. 2, n.º 1; Sonata em lá maior, op. 2, n.º 2; Sonata em dó maior, op. 2, n.º 3.

O bicentenário de Beethoven na Academia de Amadores de Música

Todo o mundo culto se prepara para comemorar o bicentenário do nascimento de Beethoven, que ocorre a 17 de Dezembro. Na Academia de Amadores de Música, a efeméride vai ser celebrada com uma série de manifestações consagradas á memória do grande mestre de Bona. Assinalemos, para já, a audição integral das 32 sonatas de piano que constituem, sem dúvida, um dos aspectos mais relevantes do génio do autor da 9.ª Sinfonia. Este empreendimento, repartido por quatro ciclos que se estenderão por todo o ano Beethoven, iniciar-se-á hoje ás 21 e 30, com o primeiro concerto que, como os restantes dedicados ás sonatas, terá como intérprete a concertista Florinda Santos, uma das melhores pianistas portuguesas da sua geração, que justamente na Academia de Amadores de Música fez os seus primeiros estudos.

Simultâneamente, inaugurar-se-á uma pequena exposição iconográfica e bibliográfica, que tornará por assim dizer mais presente a memória do génio da arte musical que se evoca.

Maestro MÁRIO BENZECRY

A cravista Colin Tilney na Gulbenkian

Amanhã, ás 18 e 30, prossegue a temporada de concertos da Orquestra de Câmara Gulbenkian no Grande Auditório da Fundação. Este concerto será dirigido pelo maestro Gianfranco Rivoli e terá como solista o excelente cravista Colin Tilney, que interpretará o Concerto em lá maior de J. S. Bach e, em primeira audição no nosso País, o Jazz-Concerto do compositor inglês contemporaneo Joseph Horowitz.

O programa inclui ainda o célebre *Sonho de uma noite de Verão*, de Mendelssohn e, também em primeira audição, a Sinfónia para arcos e tímpanos, de Orazio Fiume.

O cravista Colin Tilney na Orquestra Gulbenkian

Com a colaboração do cravista Colin Tilney, a Orquestra de Câmara Gulbenkian apresenta-se, sob a direcção do maestro Gianbianco Rivoli, amanhã, ás 18 e 30, num concerto da sua temporada. No programa, obras de J. S. ach, Mendelssohn, Joseph Horovitz e Orazio Fiume.

Concerto em Viseu

VISEU, 27 — No dia 2 de Fevereiro, a direcção local da Juventude Musical Portuguesa, promove um concerto de violino e piano, pelos conhecidos artistas Vasco e Graz; Barbosa no elegante salão do Clube de Viseu.

ESTREIA • HOJE, ÀS 21.45 AVIS

UM MOVIMENTADO «WESTERN»!

MIKE MARSHALL • MICHELE GIRARDON

ELE VOLTOU COM UM ÚNICO FIM : VINGANÇA!

O FILHO DE SHANE

"THE HANGMAN'S TREE"

EASTMANCOLOR

m/12 anos

Realização de MIKE FITZGERALD

...UMA VINGANÇA CRUEL E ODIOSA COMO NENHUM HOMEM DESEJARIA ENFRENTAR!

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

HOJE às 20.45 e 23 h.

AMANHÃ: Não há espectáculo. Descanso da Companhia

ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO 2.º MÊS

PEÇO A PALAVRA!

MAX em «Intriguista do Pátio»

RIA COM

AIDA BATISTA • CARLOS COELHO

ELOINA • SPINA

MAX • ANITA GUERREIRO

V. ESPADINHA • M. FRANCO

e a atracção nacional

ANTÓNIO CALVÁRIO

á frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLET» internacional

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

TIVOLI ÀS 18 E 30

AMANHÃ

QUINTA E SEXTA-FEIRA ÚLTIMAS DE

«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO DE 1969

UMA ENCENAÇÃO DE FERNANDO GUSMÃO

UM ESPECTÁCULO DO

grupo 4

ANOS M/ 17

DESCONTO DE 50 % A ESTUDANTES

• HOJE, às 20.45 e 23 h.

EM 100.ª NOITE DE REPRESENTAÇÕES

MARIA VITÓRIA

DORA LEAL no «Filarmónico»

• A COLOSSAL REVISTA:

• ESPERTEZA SALOIA

ADULTOS

O triunfo total de um óptimo elenco, com:

• SALVADOR • JOSÉ VIANA

• MARIEMA • BARROSO LOPES

• DORA LEAL

A atracção nacional

• HELENA TAVARES

A atracção filipina «THE MELODIES»

A frente de uma grande Companhia!

• UM ENORME ÊXITO!!!

Teatro Maria Matos

BREVEMENTE

Em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

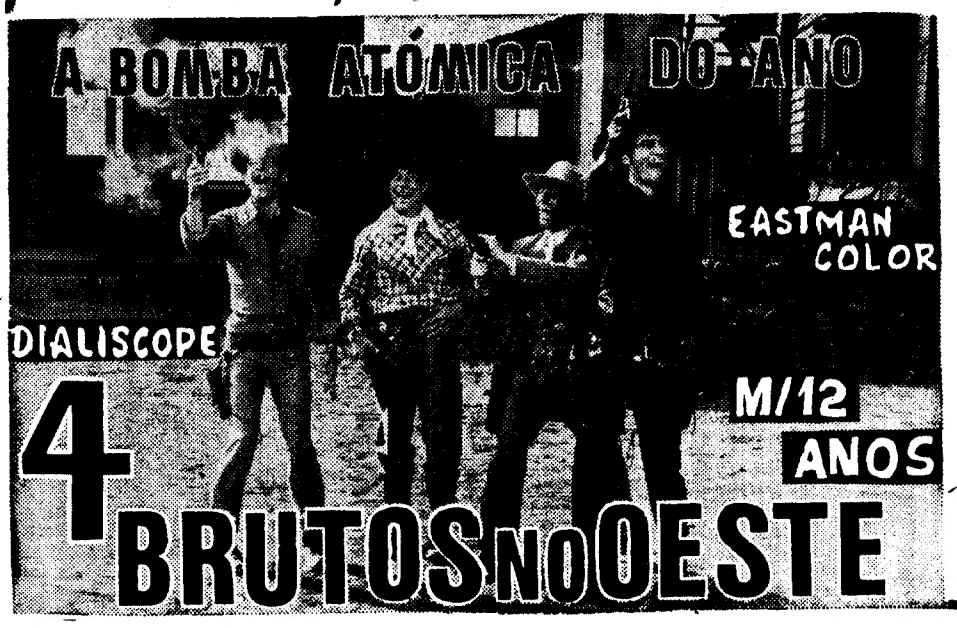
Uma nova produção de IGREJAS CAEIRO

(ADULTOS)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

AMANHÃ, NO ODEON, EM ESTREIA: UMA FARSA EXPLOSIVA!



TUDO NOVO NO GÉNERO!

NOVOS CÓMICOS FAMOSOS!

NOVO ESTILO BURLESCO!

Realização de MARINO GIROLAMI

UMA PARÓDIA AO FAR-WEST TEMPERADA COM LOUCURA ATRAVÉS DE UM FABULOSO GALOPE DE SITUAÇÕES IMPREVISTAS E ABSURDAS

com os inimitáveis fantasistas «OS BRUTOS» (GRANDE ATRACÇÃO DA TV) EMMA PENNELA e DARRY COWL

UM TIROTEIO DE MORRER A RIR!

Excl. da IMPERIAL FILME

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

CECILE DEVILE

VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

GALLI GALLI
grande nome do ilusionismo mundial

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITICA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA ÀS 21.30 H.
O DIABO À SOLTA
M/ 12 anos

LURDES NORBERTO: TRÊS PERSONAGENS EM «A RELÍQUIA» — Na representação de «A Relíquia» de Eça de Queiroz (adaptada a teatro por Sttau Monteiro e Artur Ramos) Lurdes Norberto interpreta três personagens (a «inglesa do senhor Barão», a Adélia e a Mary). Como vai ser? É isso que veremos dentro de dias. Para já, adianta-se: Lurdes Norberto envergará indumentárias que foram esboçadas por Abel Manta

DISSOLVIDO O ELENCO REUNIDO POR MARQUES VIDAL

Após 14 meses de actividade, durante os quais realizou 335 espectáculos, a Agência Marques Vidal terminou a sua actividade, rescindindo a partir de 15 de Fevereiro os contratos que a ligavam a oito canconetistas (Lenita Gentil, Valério Silva, Luis Horta, Andrea, Tonia, Diamantino, Fernando Gonçalves e Lia Isabel) e três musicos (Saraiva, Gouveia e Vitor Santos).

—*'Eu estava perante um dilema* — diz-nos Marques Vidal — *pois teria que optar por abandonar o sector da publicidade ou acabar com as «tournées» diárias que me fatigavam imenso, pois era obrigado a dirigir o grupo, conduzir um automóvel e apresentar todos os espectáculos.*

Prossegue:

— *Escolhi a melhor solução. Parece-me que não prejudiquei ninguém: nos meses de menos espectáculos (Outubro a Dezembro) respeitei todos os contratos firmados. E avisei com muita antecedência da rescisão desses compromissos.*

A concluir, salienta Marques Vidal:

— *A organização a que liguei o meu nome vai ser remodelada. Acaba como departamento empresarial mas deverá prosseguir no sector de agência artistica.*

«SETE CONCERTOS EM DIÁLOGO»

A Juventude Musical Portuguesa promove, a partir do próximo dia 22 de Fevereiro e durante sete domingos, sempre ás 11 horas, no Teatro Maria Matos, concertos subordinados ao tema «Sete concertos em diálogo».

Esta iniciativa da J. M. P. caracteriza-se pela divulgagação de obras musicais precedidas e acompanhadas de esclarecimentos e exemplificações por algumas das figuras de maior relevo no meio musical português.

Isto (e outras coisas mais) acontece todas as noites, às 21 e às 23 horas, no

TEATRO VILLARET

na picante e alegre comédia

«O Vison Voador»

mas só pode ser visto por maiores de 17 anos

IO APOLONI
— artista de «strip-tease» em «O Vison Voador»

Vamos contar a história de um vison. Ou, antes, sugerir a história de um casaco de peles que, todas as noites, no Teatro Villaret, é motivo de... Também não: não vamos dizer nada nem contar a história, porque, depois, quando o espectador lá chega, já sabe tudo e, em vez de rir contínuamente, como as outras pessoas, fica todo o tempo a dizer para o lado «agora vai passar-se isto e agora aquilo», etc. Todavia, há qualquer coisa que temos de recordar para já: é que vai encontrar Io Apoloni, encarnando uma artista de «strip-tease»... Chega-lha? Não? Bom, com ela está também Yola e Fernanda Borsatti e Georgina Cordeiro Maria e Maria Paula:

A ajudar a compor todo este conjunto, há, do lado masculino, Raul Solnado. Tudo isto significa a garantia de que o «Vison Voador» voa mesmo de Io Apoloni para Yola, de Yola para Io Apoloni e que, no intervalo destas mudanças, fica muito para ver, apreciar e, naturalmente, rir sem intervalo.

«O Vison Voador» foi encenado por Paulo Renato que não perdeu qualquer oportunidade para valorizar o movimento que os autores Ray Conney e John Chapman deram aos personagens.

No cenário de Pedro Leitão, concebido de acordo com a época e o meio, vemos, ainda, movimentarem-se e intervirem com o talento e qualidade que lhes conhecemos, actores como Artur Semedo, Vasco Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. «O Vison Voador» conta ainda com a colaboração de Maria Paula.

«O Vison Voador» está todas as noites no Teatro Villaret apresentado por Vasco Morgado.

«JUDITH» EM SESSÃO CLÁSSICA NO IMPÉRIO

Amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Império, será exibido, em mais uma sessão clássica, o filme «Judith», com Sofia Loren, Peter Finch e Jack Hawkins.

Como complemento será projectado o documentário de António Macedo «Crónica do esforço perdido», que obteve o prémio «Paz dos Reis».

O TEMA É DISCO NICHOLSON entrevista CORTEZ

A rubrica «Pôr do Sol», transmitida de segunda a sábado (pelas 18 e 50) no emissor de onda média do Rádio Clube Português, inclui no período denominado «Lisboa á tarde» diversas entrevistas e apontamentos de interesse.

Hoje, por exemplo, Armando Cortez é entrevistado por Francisco Nicholson a propósito do lançamento do seu disco com os poemas «Receita de mulher» (de Vinicius de Morais), «Inventário» (Carlos Queirós), «Ladainha horizontal» (David Mourão Ferreira) e «Saudades da terra» (António Gedeão), todos com fundo musical de Vítor Miguel.

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
AS MAIORES ATRACÇÕES
QUINTA-FEIRA
À tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos
O GRANDE CARNAVAL DE LISBOA É O CARNAVAL DO COLISEU

CAPITÓLIO
HOJE ÀS 21.45 HORAS
O ÊXITO DO MOMENTO
«O CRAVO ESPANHOL»
de Romeu Correia
M/ 17 anos Tel. 320379
SÁBADO e DOMINGO
Tarde às 16 horas

AGUARDENTE VELHA
Nepoort
a prova está na prova

HOTEL DOM CARLOS
Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da seleccionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».
ALMOÇO DE AMANHÃ:
CALDEIRADA DE CABRITO
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

TUTTI MUNDI DRUGSTORE
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
APRESENTA ALGO DE NOVO EM PORTUGAL
MÚSICA NA SUA MESA
A magia e o fascínio da autêntica música zíngara
PELO CONJUNTO DE
MAURICE TOUBAS
CHÁ DAS 17 ÀS 19 HORAS
E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE
A ACTUAÇÃO DESTA ORQUESTRA É POR TEMPO LIMITADO
Aceitam-se marcações de mesa pelo Telef. 71 40 21
GARAGEM PRIVATIVA

Em ALMADA, o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.

Manhã na praça

LAGARTIXA NUM MOLHO DE GRELOS

Este mercadozinho do Bairro Alto, com muita gritaria e algumas escamas na pedra molhada, é muito frequentado. Entre as 9 e as 10 horas não se cabe ali. Toda a gente, mais ou menos, se conhece — e as vendedeiras, muito enroupadas por causa do frio,

Peixe comprado á última hora para o almoço do dia

gritam os preços e os produtos com voz de quem deseja despachar um dia de trabalho o mais rápidamente possível.

E o repórter, também com a sua pressa profissional, não lhes fica atrás no propósito; passa pelas bancas com um mínimo de demora, não se detém a fazer uma única compra (bem, ás vezes compra um escudo de amendoins...), e safa-se para a rua com um molho de informações na mão...

● PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da azeitona a 7$00; do tremoço com a tradicional cor amarela), a 3$00; dos alhos, a 6$00 e 13$00; da batata, a 2$70, 2$80 e 3$00; da cebola, a 4$50; e do tomate, a 7$50 e 11$00.

A cabeça de nabo, estava a $50 e 1$00; a lombarda, a 1$50, 2$50, 5$00 e 7$00; e a alface, a 2$50.

O molho dos grelos (havia um que tinha uma lagartixa), a 6$00 e 7$00; dos rabanetes, a 4$00; dos brócolos, a 5$00; e dos espinafres, a 7$50.

● PEIXE

O chicharro (quilo) custava 9$00; o berbigão, a 5$00; o pargo mulato, a 13$00; a pescadinha de rabo na boca, a 15$00; os linguados, a 40, 54 e 55$00; a pescada negra, a 26$00; a sardinha, a 16$00; a lula, a 33$00, 33$50 e 36$00; etc.

● FRUTA

O pêro «golden» era vendido a 10$00 o quilo; as laranjas, a 3$00; a maçã reinheta, a 8$00; o ananás, a 21$50; e os limões, a 6$00.

● CRIAÇÃO

Não a havia quando o repórter lá chegou. Mas vendiam-se ovos ao preço normal da época. E quem compra ovos faz omeletas com rodinhas de chouriço...

DONO DE CASA

O problema do azeite lotado

De um nosso leitor de Évora, recebemos seguinte carta, exprimindo o seu apoio a uma outra que publicámos com o título «A falta de azeite lotado corrente e o problema da genuidade do produto»:

«Tal como o signatário da carta, também eu e muitíssima gente pensa — sem dúvida a grande maioria ou a quase totalidade da população — que ao público devem ser oferecidos produtos extremes possibilitando-lhes uma opção livre: Azeite Puro ou Óleo de Origem Definida podendo, deste modo, o consumidor proceder a quaisquer misturas nas percentagens e pelo modo que mais lhe convierem.

*

Por outro lado, e ainda a propósito da carta, que recentemente publicámos, do nosso leitor sr. Rui da Silva Rodrigues, sobre o caso do azeite lotado corrente, escreveram-nos com palavras de apoio ao restabelecimento daquele azeite os nossos leitores sr.as D. Aurora Antunes, de Alfragide; D. Olímpia da Conceição Machado e D. Isabel da Conceição, de Aveiro, e sr. Manuel Lucas, igualmente de Aveiro.

Projecto de cooperativa agrícola em Palmela

PALMELA, 27 — O governador civil e os deputados pelo distrito de Setúbal reuniram-se, em sessão de trabalho, com as forças vivas desta vila.

A reunião decorreu na Câmara Municipal e nela foram debatidos problemas da região, como, por exemplo, a crise da lavoura no concelho e a necessidade de se constituir uma cooperativa para melhor escoamento dos produtos agrícolas.

A PARTIR DE AMANHÃ, NA F. I. P.

Debate de especialistas no Colóquio de Transportes

Amanhã, pelas 9 horas, inaugura-se o Segundo Colóquio Nacional de Transportes, que decorrerá até ao próximo dia 30 na Feira das Indústrias de Lisboa.

O eng.º João Pedro Neves Clara, presidente da corporação dos Transportes e Turismo, reuniu ontem os órgãos de Informação para divulgar quais os temas em debate e outros pormenores da organização.

Prevê-se que o Chefe do Estado presida à abertura do Colóquio. Na sessão inaugural devem usar da palavra os eng.os Neves Clara, Magalhães Lobato (director do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres) e ainda o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações. O debate deve abranger uma panorâmica geral dos transportes aéreos, marítimos e terrestres, além de uma análise à política adoptada no nosso País em matéria de transportes.

Quinta-feira, as comunicações enviadas para o Colóquio versam transportes rodoviários e ferroviários e, igualmente, os transportes no campo da distribuição.

O programa da última jornada compreende os aspectos sociais dos transportes e a apresentação das conclusões do Colóquio, que será encerrado com palavras do eng.º Oliveira Martins, secretário de Estado das Comunicações e Transportes.

— *Servir o bem comum e colaborar na batalha do desenvolvimento económico em que estamos empenhados são os propósitos fundamentais deste Colóquio* — afirmou o eng.º Neves Clara, na sua reunião com a Imprensa.

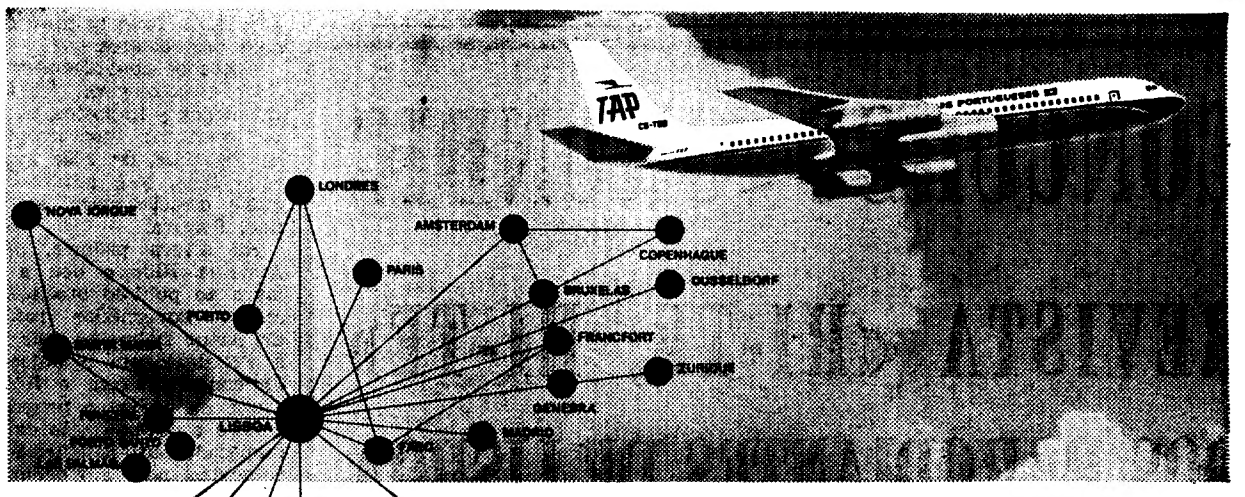
Meia centena de especialistas nos temas em debate, participam no Colóquio, entre eles técnicos de agências de viagens, companhias de transportes aéreos, agências de turismo e de navegação, empresas transportadoras e, ainda, observadores das direcções-gerais dos ransportes e Comunicações.

OPEL — 1969 ANO RECORD DE PRODUÇÃO

A produção da Fábrica Opel durante o ano de 1969 foi a mais alta de sempre, com um total de 801 205 unidades. Comparando com 1968 (656 718), representa um aumento de 22 por cento. O anterior record, que fora de 688 575 unidades no ano de 1964, foi batido em 16,4 por cento.

No mercado interno foram vendidas 366 168 unidades em 1969, o que representa um aumento de 31,6 por cento em relação ao ano anterior. O numero total de unidades exportadas foi de 436 295. Os Estados Unidos absorvem 101 505 unidades, enquanto que em 1968 este numero fora de 95 000.

Nas Rotas do Mundo a presença da TAP prestigia Portugal



Europa; África, América do Norte, América do Sul — a rede da TAP abrange o mundo e o mundo da TAP é o seu. Ao seu alcance, através do espaço, um salto no tempo na companhia agradável da nossa Companhia. O prestígio da TAP é prestígio à escala mundial. Viaje na TAP.

CINEVOZ-92-TAP-69

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu agente de viagens. Ele é um perito.

As comemorações do 31 de Janeiro

PORTO, 27 — A histórica data de 31 de Janeiro vai ser comemorada, como dissemos, neste distrito com diversas manifestações cívicas e culturais, em homenagem á memória dos precursores da Republica

No dia 30, ás 21 e 30, será prestada essa homenagem em sessões no Cine-Teatro Vitória, em Rio Tinto; no Teatro Constantino Nery, em Matosinhos e numa casa de espectáculos da Póvoa de Varzim, nas quais tomarão parte diversos oradores dos referidos concelhos e do Porto.

No dia 31, ás 15 horas, haverá romagem ao monumento aos Vencidos, no cemitério do Prado do Repouso e ás 18, no Cinema Nun'Álvares, sessão comemorativa.

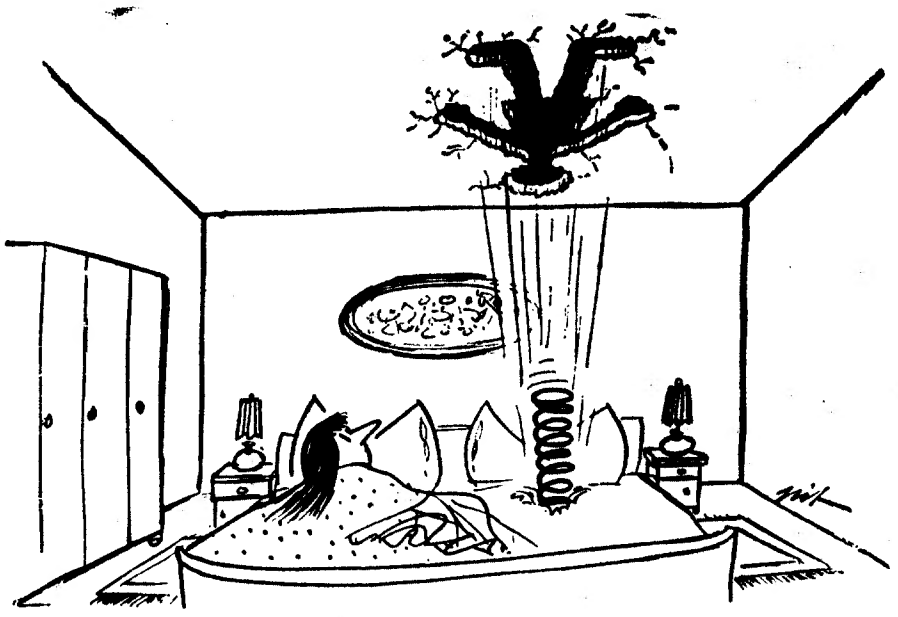
Em Beja

Beja, 27 — Um grupo de democratas bejenses apresentou hoje no Governo Civil um requerimento a solicitar autorização para uma sessão comemorativa do 31 de Janeiro a realizar no próximo sábado, pelas 21 horas, no «Cine-Teatro Pax Julia» desta cidade.

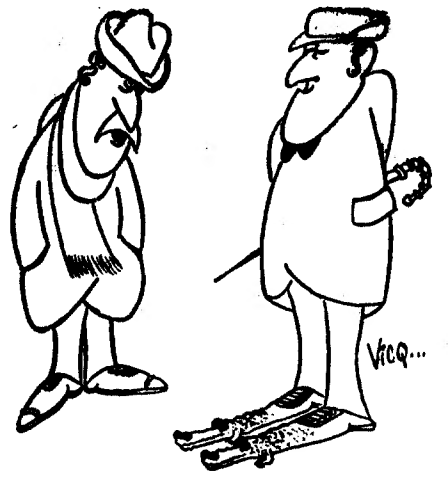
RASTREIOS DA TUBERCULOSE NO I. S. C. E. F.

Nos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa continuam os rastreios da tuberculose pulmonar.

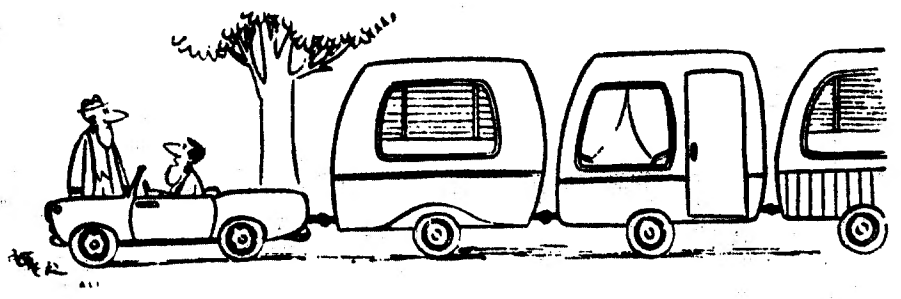
A partir de ontem e até 5 de Fevereiro, todos os dias são destinados aos alunos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.



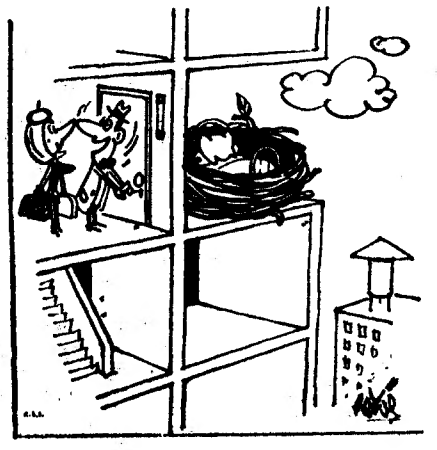
— Onde vais, Adelino?



Há muitas imitações, mas creio que estes são de crocodilo autêntico!



— Toda a família da minha mulher resolveu vir passar as férias connosco...



— Finalmente, temos o nosso ninho!

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NO ROTARY — «RENDIMENTO E IMPOSTO»

• ELEITO PRESIDENTE O DR. RUI PIRES BRANCO

No Hotel Tivoli realizou-se hoje, mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. Presidiu o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, secretariado pelo sr. prof. dr. Erasmo Chaves, tendo o sr. Eric Leça feito as apresentações protocolares.

Entre os convidados viam-se o director-geral das Contribuições e Impostos, dr. Vítor Faveiro; inspector-geral de Finanças, dr. José Figueiredo Dias, e o adjunto daquele director-geral, sr. Manuel Pereira.

Na altura própria, o dr. Almeida Ribeiro deu a palavra ao político brasileiro e antigo governador rotário, dr. Artur Dalmasso, que veio a Portugal com o objectivo de concertar com o Rotary Clube de Lisboa o programa festivo e de exaltação da Comunidade Luso-Brasileira que coincidirá com a viagem rotária ao Brasil que o clube está preparando, com a lotação do avião já esgotada.

Seguidamente, foi submetida á aprovação do clube, funcionando como assembleia geral, a candidatura do sócio dr. Rui Pires Branco para seu presidente no ano rotário 1970-71, que foi eleito por aclamação, tendo recebido as felicitações do actual presidente e de todos os presentes.

Logo após feita pelo dr. Mário Gomes a apresentação do palestrante da reunião, dr. Camilo Cimourdain de Oliveira, que abordou o tema «Rendimento e Imposto».

Começou por uma breve referência ao economista fisiocrata Mercier de la Rivière, que já no seu tempo havia manifestado o pesar com que dava ao rendimento publico o nome de imposto, pois, dizia, «este termo é sempre recebido de mau grado de suportar e de que todos quereriam estar libertos».

Apresentou, depois, o conceito de imposto e disse que, embora os impostos se destinassem normalmente a prover o tesouro publico de forma a habilitá-lo a satisfazer as necessidades publicas que há que não confundir, disse, com necessidades gerais, de umas e de outras tendo exposto os conceitos —, os impostos poderiam, em certa conjuntura económica, tal como os empréstimos contraídos pelo Estado, ter objectivos diferentes daquele, como o de aliviar possíveis pressões inflacionistas, absorvendo rendimentos então considerados excessivos. O imposto funcionaria neste caso como mecanismo estabilizador da economia.

Referiu-se seguidamente a outras receitas do Estado — tais como as chamadas receitas patrimoniais, as taxas e os empréstimos — e disse que, nas suas linhas mais gerais, o ciclo da actividade financeira do Estado consiste na arrecadação de receitas a fim de poder suportar despesas a que é obrigado para satisfazer as necessidades publicas.

Depois de uma referência ao imposto unico — defendido em primeira mão no século XVIII pelos fisiocratas, o que deu origem á espirituosa e conhecida sátira de Voltaire «O Homem dos Quarenta Escudos», e, no século passado, pelo economista americano Henry Georges —, disse que, em regra, os sistemas fiscais assentam em impostos multiplos, podendo estes, com base na natureza da matéria tributável, classificar-se em impostos sobre o rendimento (unicos de que iria tratar), sobre o capital e sobre a despesa.

Entre os primeiros, o dr. Camilo Cimourdain de Oliveira citou a contribuição predial, o imposto de capitais, a contribuição industrial e o imposto profissional — aos quais disse, vem juntar-se um imposto pessoal de sobreposição, que é o imposto complementar.

Como impostos sobre o capital, referiu o imposto sobre as sucessões e doações, a sisa e, desde 1965, o imposto de mais-valias.

De impostos sobre a despesa citou uma grande variedade, como impostos sobre o tabaco, os automóveis, a cerveja, especialidades farmacêuticas e águas-medicinais, o imposto de pescado, o imposto sobre as cartas de jogar e — este muito importante — o recente imposto de transacções.

Fez em seguida uma referência aos factores de produção e disse que, numa economia de tipo capitalista, os rendimentos dos indivíduos provêm seja de rendas, de salários, de juros ou lucros — para mostrar que o nosso sistema fiscal tem precisamente os impostos parcelares, já antes citados, que vão atingir estas quatro distintas fontes de rendimento.

Chamou ainda a atenção para a clássica classificação dos impostos em directos e indirectos e, ao terminar, colocou-se á disposição de todos os presentes para o esclarecimento de quaisquer duvidas que tivessem.

A palestra foi escutada com o maior interesse e o presidente, antes de encerrar a sessão, felicitou o conferencista pelo brilho e oportunidade da exposição que acabava de fazer.

CONCURSO GRUNDIG

REVISTA «RI-TE, RI-TE» DOS PARODIANTES DE LISBOA

Na presença dos Representantes do Governo Civil, Parodiantes de Lisboa e Nacional Rádio, S. A. R. L. realizou-se no passado dia 22, o sorteio do CONCURSO GRUNDIG, para atribuição de 1 TELEVISOR.

Foi contemplada a Ex.ma Sr.a D. MARIA ROSA TORRES RAMALHO, moradora na Rua da Índia Portuguesa, 107 em ERMESINDE.

O prémio será entregue até ao próximo dia 22 de Fevereiro, pelo representante dos PARODIANTES DE LISBOA no Norte — Av. Vímara Peres, 46-4.º Sala 33, Porto.

No momento da assinatura dos acordos que conduziram á criação do grupo publicitário Benson Needham Univas. Da esquerda para a direita: E. W. Barnes (Benson), Paul Harper (Needham) e Jacques Douce (Univas)

NASCEU EM PARIS UM NOVO «GRANDE» DA PUBLICIDADE MUNDIAL

Perante jornalistas, representantes da Rádio, Televisão e agências de publicidade de toda a Europa, Jacques Douce, presidente da Univas (filial europeia da Havas Conseil, primeira agência de publicidade da Europa) anunciou há dias em Paris a criação de um novo gigante da publicidade resultante da necessidade de acompanhar a vocação europeia e mundial dos grandes anunciantes.

Com efeito, a Havas Conseil, através da Univas (de que é associada e representante em Portugal a agência MARCA, dirigida pelo dr. Orlando da Costa) decidiu associar-se e cooperar estreitamente com duas grandes agências anglo-saxónicas, a S. H. Benson, de Londres, e a Needham Harper, de Nova York. Juntas estas três agências passam a ocupar o décimo lugar no mundo e o primeiro na Europa (incluindo a Grã-Bretanha) com um total de volume de negócios, em 1969, da ordem dos nove milhões de contos.

No decurso dessa reunião, e explicando os motivos principais que levaram a Havas Conseil, á criação dessa associação (de que a MARCA faz parte na sua qualidade de associada da Univas), o sr. Jacques Douce afirmou: «Juntos, oferecemos a partir de agora aos nossos clientes um meio de acção extremamente flexível e homogéneo, tanto na orientação como na prestação de serviços, e que responde a esta nossa era de grandes concentrações industriais e comerciais. No momento em que se abrem as fronteiras e as grandes empresas se instalam num numero cada vez maior de países, era necessário lançar as bases de uma publicidade á escala europeia e mundial.»

A nova associação passará a ser conhecida pela sigla «BNU — Benson Needham Univas» e, funcionando já em regime experimental desde há alguns meses, deverá compreender, em 1970, cerca de sessenta agências nacionais implantadas nos 27 principais países do mundo.

O orçamento da Câmara de Ílhavo (receitas além de oito mil contos) prevê importantes melhoramentos

ÍLHAVO, 27 — Em sessão, presidida pelo sr. dr. Amadeu Cachim, foi aprovado o orçamento da Câmara Municipal, para este ano, cujas bases também estavam já aprovadas pelo Conselho Municipal, desde 15 de Setembro do ano findo.

A receita ordinária está orçada em 6 793 145$00 e a extraordinária em 1 462 000$. Algumas obras de maior importância: mercado, 20 contos; construção do edifício do Museu, 592 contos e 949$; reparação da estrada da Amarona, 200 contos; arranjo do Jardim Municipal, 249 400$; reparação do caminho da Apeada, 170 contos; pavimentação do arruamento entre a Cambeia e a Marinha Velha 160 contos; pavimentação de um arruamento entre o Cruzeiro e a estrada municipal 507 na Gafanha da Encarnação, 265 599$00; pavimentação de um arruamento entre o Cruzeiro e a Rua da Escola na Gafanha do Carmo 180 contos; construção de lavadouros na Gafanha da Encarnaçã e em Vale de Ílhavo, 70 contos.

Serviços Municipalizados: receita de 7 525 200$00. A Câmara dispenderá, ainda, com a construção da estrada de acesso ao novo edifício do Museu 50 contos; com a urbanização da zona da Escola Industrial e Comercial, também 50 contos e com a construção de passeios na praia da Barra 30 contos. A receita extraordinária é, como se sabe, sempre problemática e, por isso, muitas das verbas orçamentadas estão dependentes dessa circunstância.

Diversas obras a realizar pelo Turismo

Ao fim de longos anos de esforços porfiados, teremos, agora, em funcionamento a Comissão Municipal de Turismo, sob a presidência do sr. prof. Eduardo Rogério Fernandes Simões. O respectivo orçamento ordinário já foi aprovado, e a receita ordinária atinge 742 100$00. No referido orçamento prevê-se a realização de obras de grande interesse regional: construção e instalação de um parque de campismo, 120 000$00; construção de uma praia artificial em Ílhavo, 40 000$00 e de balneários nas praias 40 000$00; arranjo da zona da pérgola na Costa Nova, 25 000$00; aquisição de postais ilustrados, com motivos regionais, esc. 20 000$00; realização de espectáculos, concursos, festas e exposições, provas desportivas e aquisição de taças ou distribuição de prémios pecuniários, 50 000$00.

Entre todas estas obras é de especial importância a construção do parque de campismo, que se impõe começar com a maior urgência, para que possa entrar em funcionamento ainda neste ano.

POSSE DO NOVO GOVERNADOR CIVIL DE VILA REAL

No salão nobre do Ministério do Interior efectua-se depois de amanhã, ás 18 horas, a cerimónia da posse do novo governador civil de Vila Real, sr. eng.º Tomás Rebelo do Espírito Santo.

Preside ao acto o sr. dr. Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESTOMATOLOGIA

O chefe do Serviço de Anatomia Patológica do Instituto de Estomatologia de Paris, prof. Claude Brocheriou, foi recebido na Sociedade Portuguesa de Estomatologia onde proferiu três conferências subordinadas aos temas: «Discussão de vários casos anátomo-clínicos da patologia geral», «Neoplasias das glândulas salivares» e «Tumores vasculares em patologia geral».

As conferências realizaram-se na sede da Ordem dos Médicos, sendo as sessões presididas pelo dr. João Bação Leal.

Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

A primeira reunião científica do presente ano académico da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, anunciada, por lapso, para hoje, realiza-se no dia 3 de Fevereiro, ás 22 horas.

Desapareceu do hotel o casal português que parece ligado com o roubo das jóias

Desapareceram do Hotel Orleans, em Paris, com «chaves e bagagens», Luísa Natividade Teixeira Cruz e seu marido José da Silva Cruz. Ela é apontada como possível implicada no roubo de jóias na Rua Vítor Hugo.

Mais um caso das «peregrinações» dos portugueses na selva da capital francesa? Fuga ás responsabilidades? Novo capítulo de romance da série negra, á maneira de Simenon?

O que é conhecido: o não pagamento da hospedagem do hotel e a saída de madrugada, levando o casal as malas e as chaves do quarto. A fuga só no dia seguinte foi conhecida. A porteira queixou-se do mau aspecto do quarto: «bidonville num terceiro andar».

O casal não despertava suspeitas. Trabalhava (duramente, com toda a certeza) e regressava cedo a casa. Ao patrão do hotel, Ben Hamon, antigo funcionário francês na Argélia, não devem fazer falta os vinte francos. E casos como este devem ser correntes.

O inspector Theraud, que na prefeitura parisiense se ocupa dos casos criminais dos portugueses, terá trabalho árduo para descobrir o casal Cruz. E haverá, na verdade, alguma implicação no roubo das jóias?

Extraditados dois assaltantes de uma ourivesaria

Foram entregues ás autoridades portuguesas, depois de cumprirem pena nas cadeias francesas, dois dos indivíduos que, há cerca de dois anos, assaltaram uma ourivesaria na Rua de Santo Ildefonso, 119, no Porto.

Trata-se de José Pereira de Sousa, de 28 anos e de António da Silva Borges dos Santos, de 37 anos. Tinham fugido para França e depois para a Bélgica. De regresso a Paris, cometeram vários furtos e foram presos pela polícia gaulesa.

Encontra-se ainda a cumprir pena na capital francesa António Medeiros, de 25 anos, cumplice no assalto á ourivesaria do Porto.

O julgamento, cuja primeira audiência estava marcada para o dia 13 de Fevereiro, será adiado para data a designar.

Lições de matemática para pós-graduados na Faculdade de Ciências

Por iniciativa da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, começam hoje, ás 21 horas as lições para pós-graduados, a cargo do prof. dr. Fernando Vasco Alves Veiga de Oliveira.

As lições versarão os temas: «Sistemas dinâmicos separáveis; Movimentos multiplamente periódicos; casos de degenerescência. Variáveis de acção e variáveis angulares. Problemas de estabilidade para sistemas separáveis com dois graus de liberdade».

TRIBUNAIS

Prosseguiu ontem, com sessões de manhã e á tarde, o julgamento dos 23 implicados no caso do assalto e roubo praticados na Figueira da Foz, na agência do Banco de Portugal.

As audiências colectivas (presididas pelo sr. corregedor Lopes de Melo) têm decorrido no 2.º Juizo Criminal da Boa Hora, encontrando-se na bancada da defesa, entre outros, os srs. drs. Vasco da Gama Fernandes, Mário Soares, Salgado Zenha, Pedroso de Lima, Joaquim Mestre, João Gomes, Tavares Lopes, António de Sousa, Francisco Tavares, Luís de Melo e Peixoto do Amaral.

Foram inquiridos depoentes de Alhos Vedros, Queluz, Évora, Sintra, Moita, Oeiras, Torres Vedras, Vila Nova de Famalicão, Oliveira de Azemeis, Aveiro, Figueira da Foz, Coimbra, Guimarães e Porto, nomeadamente os srs. Artur Morgado dos Santos Silva, Lino Lima, eng.ª Virgínia de Moura, Nicolau dos Santos Fonseca, Mário Cal Brandão, arquitecto Jaime Vilhena de Andrade, além de muitas testemunhas de defesa dos implicados neste caso.

Faltou um dos réus preso: o sr. José Natário Ramos, de 10 anos, estudante, solteiro, natural do Barreiro, que sofreu um acidente e vai ser submetido a exame ás faculdades mentais em estabelecimento hospitalar.

Depois usou da palavra o sr. dr. Antero Monteiro Dinis, acusador publico, que foi atentamente escutado e analisou o comportamento de cada implicado no assalto e roubo á agência bancária. O dr. Monteiro Dinis debruçou-se, especialmente, sobre a acção dos srs. Herminio da Palma Inácio, Luís Benvindo, Camilo Tavares Mortágua e António Manuel Marques Barracosa, todos ausentes no estrangeiro, e solicitou do tribunal as suas condenações.

Quanto ao grau de responsabilidade do sr. José Natário Ramos, reservou-se para o definir após as conclusões do exame médico a este acusado.

O dr. Monteiro Dinis relatou, seguidamente, todos os pormenores do roubo da avioneta e do automóvel de que os assaltantes se serviram. A certa altura pediu para o sr. Rui da Conceição Vieira a absolvição e apontou os factos que (quanto a si) graduam o comportamento dos srs. Joaquim da Silva Ramos, Julio dos Santos Alves, Ângelo Maria Fernandes Cardoso, Castor Manuel Ferreira, António Luís Teixeira, Atónio Norberto de Sousa Cunha, Germano Mateus de Jesus Filipe, Iva Maria Lino Pires de Oliveira, Aníbal do Carmo Oliveira Queiroga Pires, Oliveira Cabrita Gonçalves, Fernando Abel Campina Gandra, Joaquim Manuel Nunes de Freitas e Silva, Francisco António Barracosa, Mariana Teresa da Conceição Xufire, Fernando Manuel de Oliveira, Natália Augusta Fernandes Cardoso e Domingos Joaquim Amaro Viegas.

Continuando no uso da palavra, o acusador publico pediu a absolvição do sr. Francisco António Marques Barracosa, já que este incriminado era desconhecedor da acção do seu irmão no caso em julgamento.

Terminou por afirmar que a verba subtraída (29 mil contos) foi, em parte, gasta em proveito dos réus ou distribuida por quantos os auxiliaram na fuga do País.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Ultramar

O sr. prof. dr. Silva Cunha, titular da pasta do Ultramar, recebeu o dr. Mário de Oliveira, governador do Banco de Angola.

CURSO DE FORMAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

Na primeira semana de Fevereiro decorrerá um curso intensivo de preparação de voluntários para trabalharem na promoção social, com crianças, jovens e velhos. É promovido pelo Secretariado de Voluntários da Acção Social e funcionará em diversas zonas da cidade, nomeadamente, Relvinha, Brinca, Baixa, Instituto de Diminuídos Mentais e Institutos de Cegos e Surdos.

As aulas são nos dias 2, 3, 4, 5 e 6, das 21 ás 23 horas, no Instituto Superior de Serviço Social.

Novos reitor e vice-reitores da Universidade de Coimbra

(Continuação da 1.ª página)

O novo reitor da Universidade de Coimbra tem apenas 47 anos. Natural de Carramulo (Paredes do Guardão Tondela, Viseu) onde nasceu a 7 de Junho de 1922, fez a instrução primária no Colégio de Alexandre Herculano, tendo estudado, depois, no Liceu Central de José Falcão e no Liceu Nacional D. João III, que substituiu aquele.

Feitos os preparatórios médicos, entrou, em 1940, para a Faculdade de Medicina, onde se licenciou a 18 de Dezembro de 1946, com 19 valores, tendo sido nomeado para segundo-assistente da cadeira de Propedêutica Médica, por proposta do prof. Egídio Aires. No dia 14 de Junho de 1953, recebeu as insígnias doutorais na Sala dos Capelos, e, em Abril de 1957, apresentou-se a prestar provas que lhe mereceram a nomeação para professor extraordinário do 6.º grupo (Medicina Interna). No entanto, só no ano seguinte passou a reger o curso de Pneumotisiologia, em virtude de se ter ausentado para os E. U. A., em missão de estudo.

Autor de mais de uma centena de trabalhos científicos, publicados tanto em Portugal como no estrangeiro, o prof. Gouveia Monteiro é um dos grandes impulsionadores da renovação do ensino da Medicina em Portugal. Como bolseiro ou como congressista, o prof. Gouveia Monteiro tem feito inúmeras viagens aos países estrangeiros, e ainda recentemente participou no XVIII Congresso das Sociedades Nacionais Europeias e Mediterrânicas de Gastrenterologia, em Praga.

Além disso, o prof. Gouveia Monteiro é membro de várias sociedades médicas, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Gastreterologia, presidente da comissão executiva da Comunidade Lusíada de Gastrenterologia e membro do conselho técnico dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

O prof. Gouveia Monteiro foi, também, relator, da parte da sua Faculdade, do parecer sobre as bases do internato médico e do parecer sobre uma proposta de reforma do ensino médico, tendo colaborado com as comissões pedagógicas da Associação Académica em diversas iniciativas. Além disso, deu, em 1962, uma assinalável entrevista á «Via Latina» sobre as actividades estudantis e circum-escolares, e falou num «Dia da Universidade», promovido pela Associação Académica, á qual nunca negou colaboração e apoio.

O «Diário de Lisboa» teve oportunidade, aliás, de publicar já nas suas colunas diversos e assinaláveis depoimentos do prof. Gouveia Monteiro, nomeadamente sobre a Reforma da Universidade (em especial nos aspectos da ciência, da investigação e da transmissão do saber) e, ainda muito recentemente, na sua intervenção na «Mesa-Redonda — Eleições», sobre aquele mesmo tema — intervenção em que fez importantes declarações.

OS VICE-REITORES: Prof.ª Maria Helena da Rocha Pereira

A prof.ª dr.ª Maria Helena da Rocha Pereira é natural do Porto (Cedofeita) onde nasceu em 1925; e licenciou-se em Filologia Clássica, pela Faculdade de Letras de Coimbra, em 1947, com 17 valores. Estudou em Oxford, como bolseira do Instituto de Alta Cultura e doutorou-se em Coimbra, em 1956, com 18 valores. Professora extraordinária em 1962 e catedrática em 1964, a prof.ª Maria Helena da Rocha Pereira foi a segunda professora da Universidade de Coimbra — depois de Carolina Michaellis de Vasconcelos. Rege as cadeiras de Literatura Grega e de História da Cultura Clássica e tem vários estudos publicados. Pertence á comissão redactorial da revista «Humanitas» e é vice-presidente da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.

A prof.ª Rocha Pereira colaborou diversas vezes com o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (T. E. U. C.) quando este levou á cena teatro grego.

Prof. Fernandes de Carvalho

O prof. Jorge Alberto da Gama Fernandes de Carvalho é natural de Castanheira de Pera, onde nasceu em 1933. Estudou em Portalegre e em Coimbra por cuja Faculdade de Ciências se licenciou, em 1956, com 17 valores. Depois, doutorou-se em Cambridge, sendo-lhe outorgado o grau de «Doctor of Philosophy» em Ciências Matemáticas e regressando a Coimbra, concluiu o curso de Matemáticas com 19 valores em 1964, fez provas para professor extraordinário em 1967 e para catedrático em 1969. Tem vários estudos publicados, especialmente sobre problemas do átomo e computadores. Actualmente dirige a secção de Matemática Pura da Faculdade de Ciências, regendo as cadeiras de Matemática Geral e Álgebra Superior.

Faz parte da comissão encarregada do estudo relativamente á compra de um computador para aquela secção.

★

O prof. Andrade Gouveia, agora exonerado das funções de reitor da Universidade de Coimbra, foi nomeado presidente da Comissão de Estudos de Energia Nuclear.

O prof. Miranda Barbosa foi, por sua vez, exonerado do cargo de vice-reitor.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	530$	530$	532$
Consolidado 3 1/2%	620$	—	620$
Centenários 4%	1.480$	—	1.480$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	600$	680$
Externo 2.ª Série c.	—	820$	830$
Externo 3.ª Série	—	730$	—
Externo 3.ª Série c.	—	800$	820$
Cautelas 3.ª Série	—	155$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. T. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	—	895$	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.000$	1.000$	—
C. U. F. 6% 68	—	993$	995$
Gás Elect. 4% 48	—	800$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect. 5% 52	—	890$	—
Gás Elect. 5% 58	—	890$	—
Gás Elect. 5% 59	—	890$	—
Gás Elect. 5% 62	—	—	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	935$
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.010$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	815$	—
H. E. Cávado 5%	—	—	—
H. E. Cávado 6%	1.001$	—	—
H. E. Douro 5%	800$	795$	999$
H. E. Douro 6%	1.001$	1.001$	—
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	1.001$	1.001$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	997$	995$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	940$
Sacor 5% 60	—	—	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	815$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	815$	—
Sonefe 5%	825$	820$	825$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	86$
U. E. P. 4%	—	84$	86$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$	84$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.230$	2.280$	2.232$
Alentejo	1.138$	1.138$	1.135$
Angola	3.600$	3.500$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	5.500$	5.500$	5.550$
E. Santo	—	19.000$	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	20.500$
Fomento Nacional	2.450$	2.440$	2.460$
L. & Açores p.	7.300$	7.250$	7.320$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.990$	5.985$	5.990$
Portugal n.	3.300$	3.250$	—
Portugal p.	—	4.350$	4.400$
Totta Aliança	—	6.200$	6.550$
Ultramarino n.	3.600$	3.590$	3.600$
Ultramarino p.	3.850$	3.890$	3.900$
Seguros			
Alentejo	120$	118$	121$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	890$	880$	890$
Sagres	—	1.100$	2.400$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	835$	850$
Ag. Cassequel	805$	808$	810$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	500$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	330$	350$
Boror	—	—	—
Buzi	89$	88$5	89$5
Cabinda	240$	235$	243$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.850$	2.840$	2.900$
H. E. Revué	—	675$	700$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	192$	191$	193$
Sonefe n.	—	440$	460$
Sonefe p.	475$	475$	480$
Zambézia	88$	87$5	88$5
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	—	7.820$
Cim Leiria	5.550$	5.550$	5.560$
Cim Tejo	—	7.200$	—
Co. Navegação	1.480$	1.480$	—
C. U. F.	1.570$	1.560$	1.580$
Ind. Aliança	—	650$	800$
Nac. Navegação	4.150$	4.100$	4.150$
Petroquímica	2.100$	2.080$	2.100$
Port. e Colónias	—	1.450$	—
Port. Celulose	—	4.700$	—
Port. Pesca	—	—	1.150$
Port. Tabacos	785$	783$	786$
Sacor	4.760$	4.730$	4.770$
Siderurg. a Nac.	1.900$	1.900$	1.910$
Socel	3.750$	3.750$	3.800$
Tabacos de Portugal	1.900$	1.900$	2.000$
Tabaqueira	—	7.900$	8.000$
U. F. Azoto	890$	885$	895$
Água, Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	420$	—
Águas Lisboa 34	—	420$	—
Águas Lisboa 36	—	385$	390$
Eléct. Beiras	—	—	1.740$
Gás Electr.	445$	444$	446$
H. E. Alto Alentejo	169$5	168$5	169$5
H. E. Cávado	1.260$	1.259$	1.265$
H. E. Douro	1.262$	1.262$	1.264$
H. E. Norte Portugal	—	—	330$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.265$	1.262$	1.270$
Nac. Electricidade	—	1.270$	1.280$
Termoeléctr. Port.	1.262$	1.260$	1.264$
U. E. P.	200$	199$5	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	210$2	216$5
F. I. D. E.	—	128$6	132$5

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	20/1/70	26/1/70	27/1/70
GERAL	154,6	158,2	**158.8**
METROPOL.	146,2	147,6	**147,9**
ULTRAM.	216,2	236,3	**239,0**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Áustria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

AUMENTARAM AS EXPORTAÇÕES DA «CITROEN»

No ano findo a «Citroen» registou um aumento de 27,9 por cento nas suas exportações, tendo vendido, para os mercados exteriores, 196 200 viaturas, dos quais perto de 160 000 da categoria de «turismos».

A sua produção total foi de 507 000 unidades (426 380 «turismos»), pelo que as exportações representam, assim, 38 por cento dos carros saídos do Quai de Javel.

Todavia, o Grupo Citroen» (que inclui a «Berliet» e a «Maserati») ultrapassou ainda, no seu conjunto, aquela cifra: 528 003 unidades.

A TAP TRANSPORTOU EM 1969 MAIS DE 829 MIL PASSAGEIROS

A TAP acaba de fornecer á Imprensa os primeiros dados estatísticos que permitem estabelecer uma comparação da actividade da companhia nos anos de 1968 e 1969.

Através desses números, verifica-se que foram transportados 829 466 passageiros, representando um aumento da ordem dos 25 por cento em relação a 1968; 9 286 685 quilos de carga aérea ou mais 44% e 2 119 791 quilos de correio aéreo, equivalente ao aumento de 22%.

O número de quilómetros percorridos foi de 24 683 745 ou mais 20% e o número de horas de voo foi de 38 162 ou mais 21% do que no ano anterior.

O tráfego transportado expresso em passageiros/km (PKU) foi de 1 760 794 411 e em toneladas/km (TKU) foi de 191 404 282, equivalente aos aumentos de 30 e 31% sobre o ano de 1968.

O número total de empregados em 31 de Dezembro era de 5389.

Necrologia

FUNERAIS

D. Maria Cristina Resende Dias de Oliveira da Silva

Foi hoje a sepultar no cemitério dos Prazeres a sr.ª D. Maria Cristina Resende Dias de Oliveira da Silva, viúva do industrial Alfredo da Silva, fundador da Companhia União Fabril.

A extinta, que contava 94 anos de idade era avó dos srs. dr. Jorge de Mello e José Manuel de Mello, respectivamente presidente e vice-presidente do conselho de administração daquela empresa. Tendo sobrevivido cerca de trinta anos a seu marido, foi preciosa auxiliar do genro, D. Manuel de Mello, e mais tarde dos netos e actuais administradores.

O funeral foi concorridíssimo. A apresentar condolências estiveram na residência da extinta, além do Chefe de Estado e sua esposa actuais e antigos membros do Governo e outras individualidades. No préstito incorporaram-se nomeadamente o prof. Galvão Telles, dr. José Gonçalo Correia de Oliveira, prof. Lete Pinto, eng.º João Rocheta, dr. João Navarro (representando o ministro da Saúde e Corporações e o secretário de Estado do Trabalho e Previdência), prof. Costa Leite (Lumbralles), marquês de Lavradio, conde de Murça conde de Nova Goa, visconde de Merceana, condes das Galvelas, sr. T. M. Schrödes, prof. Duola Soares, dr. Supico Pinto, dr. Mota Veiga, prof. Daniel Barbosa eng. Saraiva e Sousa sr. Luiz Daun e Lorena, dr. Bandeira Lima, dr. Afonso Marchueta, general França Borges dr. Franco Nogueira, dr. Bustorff Silva, dr. Azevedo Coutinho, dr. Francisco de Meneses (representando o ministro da Economia e Finanças) etc.

A urna saiu do pabilhete do Largo de Santa Catarina ás 11 e 30 para o jazigo de família nos Prazeres, onde a missa de corpo presente foi celebrado pelo arcebispo de cízico.

FALECIMENTOS

Manuel Miguel Lopes

Faleceu o sr. Manuel Miguel Lopes, de 54 anos, funcionário do quadro gráfico do jornal «A Republica», natural do Porto, pai do sr. Horácio da Graça Lopes (ausente). O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se hoje, ás 16 horas, da casa mortuária do Hospital de S. José, para o cemitério dos Olivais.

SUFRAGIOS

Fernando Frazão

Sua família manda celebrar missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 28 ás 19 horas na igreja de Santo António á Sé

Cónego dr. Manuel Nunes Formigão

Passando no próximo dia 30 mais um aniversário do falecimento do dr. Manuel Nunes Formigão, professor do Seminário e do Liceu de Santarém e cónego da Sé de Lisboa, os seus antigos alunos, moradores em Lisboa, mandam celebrar missa de sufrágio, na capela do Santíssimo da Sé Patriarcal pelas 19 e 15 horas de sexta-feira.

SECRETÁRIO DO TRABALHO

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, reuniu-se hoje, de manhã, em sessão de trabalho com o vice-presidente da Corporação do Crédito e Seguros, dr. Veigas Dias e com os directores do Grémio dos Seguradores e dos Sindicatos Nacionais dos Profissionais de Seguros de Lisboa e Porto.

Tomaram igualmente parte na reunião o dr. José Carlos Ferreira, director-geral do Trabalho; um representante do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra; e o dr. Marchante, assistente dos serviços da Acção Social.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

A Liga dos Combatentes vai realizar na próxima Primavera um Curso de Arte Fotográfica, aberto a todos aqueles que sejam sócios da Liga ou reunam as condições necessárias para ser sócios. O tema é militar, devendo as provas e diapositivos enviados a concurso ser inéditos (quanto possível) e focar aspectos da guerra.

A admissão das provas e diapositivos é feita até 12 de Março, na sede da Liga, á Rua João Pereira da Rosa, 18 — Lisboa-2, para onde podem ser pedidas todas as informações.

Novo edifício para a Faculdade de Letras de Lisboa

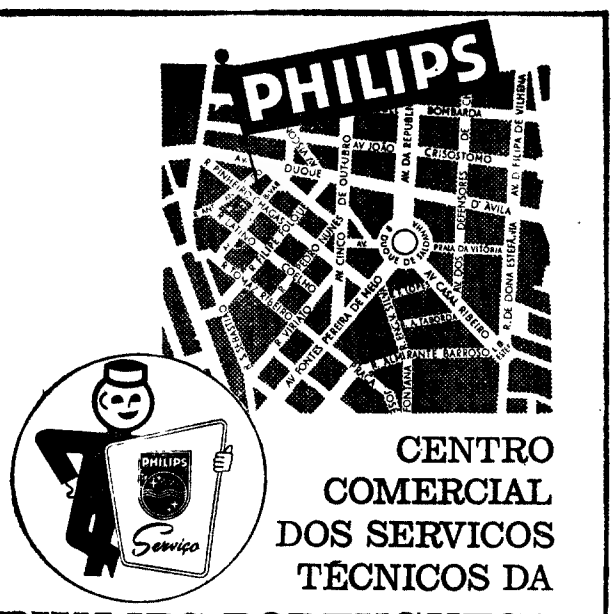
— pede ao Governo o Conselho Escolar

Da Reitoria da Universidade de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«O Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Lisboa, na sua reunião de 23 do corrente, decidiu, por unanimidade, solicitar ao Governo a construção urgente de um novo edifício junto das actuais instalações da Faculdade, na Cidade Universitária.

A medida solicitada visa não só a resolução de problemas decorrentes do aumento do número de estudantes, mas também a criação das infra-estruturas adequadas á execução da reforma da Universidade.»

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS:

A COMISSÃO NÃO FOI RECONHECIDA

MAS EXPÔS AO SINDICATO AS SUAS RAZÕES

A comissão formada por profissionais vendedores de automóveis que fora eleita em assembleia geral para defender os interesses da classe — como referimos pormenorizadamente — não foi reconhecida pela direcção do Sindicato dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, com fundamento no facto de não se encontrar prevista nos estatutos a constituição de comissões daquele género. Assim, a comissão, na impossibilidade de defender legalmente, junto do Ministério das Corporações, os fins para que foi criada, transmitiu á direcção do Sindicato os pontos que havia já compilado em defesa da sua posição, com pedido de urgente participação áquele Ministério.

Como já dissemos, a controvérsia desenrola-se á volta do termo *ordenado* no contrato colectivo de trabalho, pois enquanto as entidades patronais entendem que esse termo, para efeito de subsídios, significa apenas a parte fixa das remunerações auferidas pelos trabalhadores, estes pensam que ele deve significar o conjunto da parte fixa e da parte variável (comissões) do que recebem mensalmente.

Os vendedores de automóveis, que não possuem Sindicato próprio, não têm, também, no Sul, um contrato colectivo próprio. Regem-se, por essa razão, pelo contrato negociado entre as empresas e os seus colegas do Norte, o qual foi mandado tornar extensivo pelo anterior ministro das Corporações.

Em defesa do seu ponto de vista, a comissão representante dos vendedores de automóveis alega as seguintes razões:

PRIMEIRO — Nunca as entidades patronais cumpriram com a cláusula 16.ª do Contracto de Trabalho (*remuneração durante as férias*) pois sempre a têm pago na base da parte certa da remuneração, muito embora sobre esta Cláusula não possam existir duvidas, pois já a Lei n.º 1952 de 10 de Março de 1937 esclarecia que era considerado *ordenado* a retribuição em dinheiro, fixa ou variável, a paga em géneros, alimentação, etc., e tanto o decreto-lei n.º 47 032 de 27 de Maio de 1966, como o decreto-lei n.º 49 408 de 21 de Novembro de 1969 que revogaram aquela Lei, mantêm sobre o capítulo de remunerações uma doutrina idêntica mas mais explícita.

SEGUNDO — Não poderá o Grémio, como fez ao requerer a Comissão Corporativa Central esta ultima deliberação, invocar que os outorgantes do referido C. C. T. quando entenderam conceder contractualmente o subsídio de férias, (cláusula 18.ª), e o subsídio de Natal (Cláusula 29.ª), tinham em mente os ordenados previstos na cláusula 24.ª, — Tabela de Ordenados Mínimos — pois que se assim fosse teriam cumprido desde sempre com o ponto de razão N.º 1.

TERCEIRO — Embora o subsídio de férias e o subsídio de Natal não sejam obrigatórios na Lei Geral do Trabalho, mas sim concedidos pelo C. C. T., o Grémio ao aceitar a redacção do referido Contrato obrigou-se implícitamente a aceitar as normas que o regem, e se tinham em mente, como agora o dizem, atender sómente á parte certa na concessão desses subsídios deveriam tê-lo especificado

QUARTO — A própria Comissão Central, ao ser instada para deliberar sobre a cláusula 29.ª, definiu que o termo ordenado empregue nessa cláusula deveria compreender a parte certa e a parte variável da retribuição, deliberação esta que foi homologada por despacho de 4 de Junho de 1968. Posteriormente, a mesma C. C. C., não por deliberação mas por informação do seu presidente informou que sobre a cláusula 18.ª não havia necessidade de se pronunciar, em virtude dela estar absolutamente esclarecida pela Lei Geral do Trabalho.

Ora, excluindo mesmo esta informação da C. C. C., e reportando-nos sómente ao parecer referido e homologado, parece que será contraditório que a palavra *ordenado* tenha um significado para cada cláusula.

QUINTO — Inclusivamente a Inspecção do Trabalho, nos autos de notícia que levantou a algumas firmas do Norte, em 1968, interpretou a cláusula 18.ª como sendo o conjunto da parte fixa mais a parte variável, motivo pelo qual essas firmas foram autuadas.

O Tribunal de Trabalho do Porto, deu a essa cláusula a mesma interpretação, condenando por sentenças lavradas as referidas firmas, muito embora uma ou duas tenham recorrido para o Supremo Tribunal Administrativo e desse Tribunal ainda não haja qualquer acordão.

O Banco de Fomento e a promoção industrial

Chegou, ontem, a Lisboa, vinda de Paris, uma missão de peritos da «SEMA» (METRA-Internacional), a qual, no âmbito dos programas de assistência técnica da OCDE, vem apoiar o lançamento das actividades de promoção industrial organizadas pelo Banco de Fomento Nacional. A missão é constituída por sete peritos industriais, especializados por sectores, e dela fazem parte, chefiando-a, os Engenheiros Schüé e Bussary, respectivamente Director-Geral Adjunto da Divisão de Desenvolvimento Industrial da referida empresa de consultores e Director do Departamento de Economia Industrial da mesma Divisão.

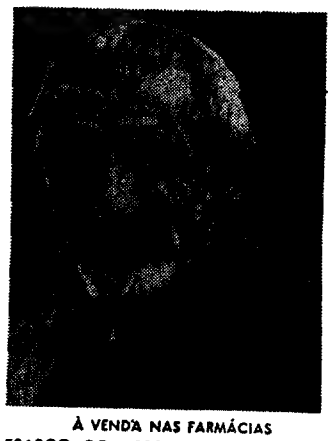
De acordo com o programa elaborado pelo Banco de Fomento, os peritos da «SEMA», durante a sua permanência em Portugal, e em estreita ligação com os técnicos daquela instituição de crédito, estudarão diversos sectores industriais já anteriormente escolhidos e contactarão com empresas e entidades que neles intervêm, com vista à detecção de oportunidades de investimentos rentáveis e nacionalmente úteis, particularmente as que possam conduzir à penetração de mercados estrangeiros, à substituição de importações ou à aplicação de novas técnicas de produção.

Com base nos resultados dos trabalhos desta primeira missão, seleccionar-se-ão algumas ideias de projecto, que, nos próximos meses de Março e Abril, serão objecto de estudos de pré-investimento, realizados também com a colaboração dos peritos da «SEMA», que nessa altura se deslocarão de novo a Portugal.

A iniciativa do Banco de Fomento, traduzindo o arranque do sector da promoção que tem vindo a estruturar no âmbito dos seus Serviços, permitirá oferecer aos empresários portugueses um conjunto de novas e seguras oportunidades industriais e destina-se a constituir, no quadro da política económica superiormente definida e em íntima articulação com a Secretaria de Estado da Indústria, um valioso instrumento de activação do investimento metropolitano.

E o Banco pretende estender, logo que possível, às Províncias de Angola e Moçambique, estas actividades de promoção, atento o contributo que podem dar para um adequado desenvolvimento da economia daqueles territórios ultramarinos.

PILULAS DE ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE
PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.



À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:
CREFAR
RUA DA MADALENA, 171-2.º
LISBOA

Novos uniformes para as assistentes de bordo da TAP

Depois de uma série de estudos e atendendo a sugestões de passageiros da Companhia e até da própria Imprensa, a TAP acaba de aprovar o novo uniforme para as suas assistentes de bordo.

A sua apresentação publica será feita brevemente de forma a que os novos uniformes possam começar a ser utilizados já durante o próximo mês de Abril.

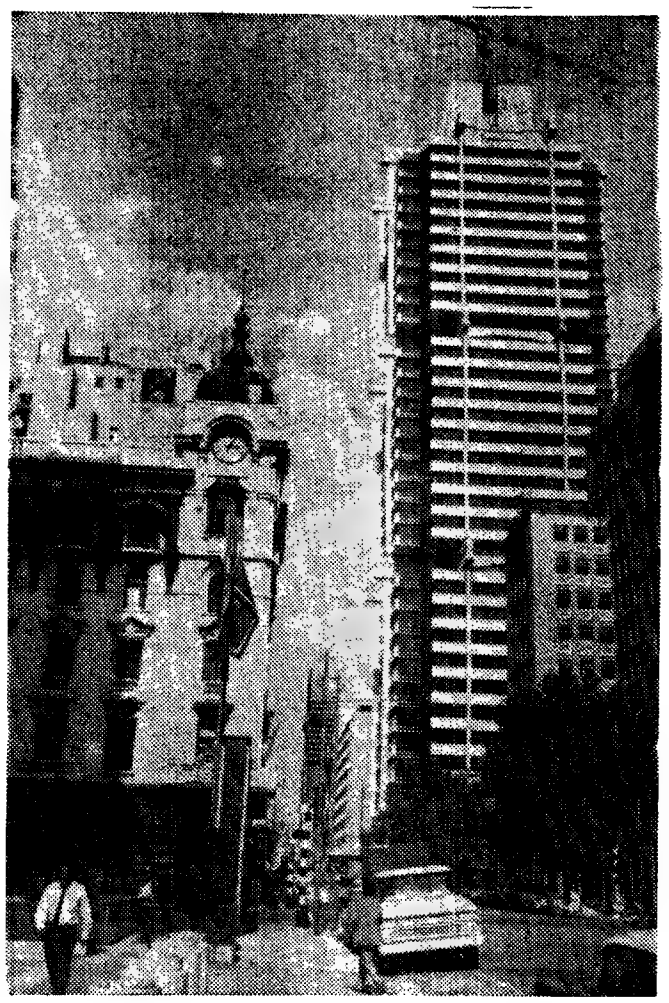
FERNANDO NAMORA
um escritor significativo do nosso tempo

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
tem a honra de comunicar
que com os últimos volumes postos à venda
completou a edição do conjunto de obras
que Fernando Namora escreveu
até ao momento presente

OBRAS PUBLICADAS

Fogo na Noite Escura	60$	(5.ª ed.)
Domingo à Tarde	45$	(7.ª ed.)
Casa da Malta	35$	(7.ª ed.)
O Trigo e o Joio	45$	(6.ª ed.)
Minas de San Francisco	50$	(6.ª ed.)
Retalhos da Vida de Um Médico (1.ª série)	40$	(11.ª ed.)
Retalhos da Vida de Um Médico (2.ª série)	50$	(3.ª ed.)
Diálogo em Setembro	65$	(3.ª ed.)
O Homem Disfarçado	50$	(5.ª ed.)
As Sete Partidas do Mundo	45$	(4.ª ed.)
A Noite e a Madrugada	45$	(5.ª ed.)
Um Sino na Montanha	55$	(2.ª ed.)
Deuses e Demónios da Medicina		
2 volumes, brochados	120$	(4.ª ed.)
2 volumes, encadernados	220$	(4.ª ed.)
Cidade Solitária	50$	(4.ª ed.)
As Frias Madrugadas	45$	(3.ª ed.)
Marketing	45$	(1.ª ed.)

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 - Mem Martins
Rua das Flores, 45, 2.º — Lisboa
Rua de Entreparedes, 6, 2.º — Porto



Será semelhante ao que se ergue no coração de Johannesburg (como se vê na gravura) o edifício-torre a construir na cidade de Aveiro.

O edifício-torre de Aveiro vai ser construído em [illegible] que custou mais de dois mi[illegible]

AVEIRO, 27 — Foi o industrial aveirense sr. João Nunes da Rocha o adjudicatário do terreno destinado á construção do edifício-torre desta cidade, que será o mais alto do mundo português, com os seus 25 pisos, superado na Europa apenas pelo Palácio da Cultura e da Ciência, em Varsóvia (33 pisos) e pela Universidade de Moscovo (28).

Custaram os 338,56 metros quadrados de terreno 2031 contos, o que equivale a dizer que o preço unitário foi de 6000$00.

— É muito dinheiro empatado para ir por fases a sua construção — disse-nos o dinâmico industrial, ao inquirirmos da maneira de como será realizada a importante obra, a qual demorará, no máximo, cinco anos, ascendendo o seu custo a 30 mil contos. — Nele aplicarei os novos materiais de construção: uma liga de cimento e aglomerado de madeira. É uma matéria que reduz o peso da construção em cerca de sessenta por cento.

Aveiro vem sendo apontada como uma cidade onde a iniciativa particular não tem feito grande ou esparventosa aparição. A cidade, todos o dizem «tem estado muito parada»

— Abrirei as portas a todos os aveirenses de boa-vontade e de rasgada visão, de molde a que os seus empreendimentos façam progredir a cidade — diz o nosso interlocutor.

Só houve dois arrematantes. Primeiro, o sr. João Nunes da Rocha (5000$00); depois o portuense sr. António Feliciano de Sousa subiu para 5200$00. E pela voz do seu amigo e grande construtor português José Maria Gonçalves deu o «xeque-mate» ao seu concorrente.

A sala estava cheia. A pre-

FRANCÊS
Precisa-se professora de nacionalidade francesa para lições de conversação, de preferência residindo na linha do Estoril. Resposta a este jornal ao n.º 417.

DR ALMEIDA CO[illegible]

RECONH[illegible]

AS VANT[illegible]

O primeiro discurso da tarde foi proferido pelo «leader» da Assembleia, dr. Almeida Cotta, cujas palavras eram aguardadas com certa expectativa pela Camara, dado que se tratava da primeira intervenção do actual representante do Governo na Assembleia Nacional.

Nesse discurso (cerca de 2 mil palavras), o dr. Almeida Cotta anunciou a criação, prevista para breve, do Comissariado dos Negócios do Estado Português da Índia, organismo que terá objectivos análogos aos que há dias levaram o deputado Maximiliano Fernandes a pedir, na Camara a [illegible] secretaria d[illegible] da India.

Em resp[illegible] tado (Pi[illegible] «leader» [illegible] mou que t[illegible] do preço [illegible] a ser obje[illegible] Governo, [illegible] rações da [illegible] voura.

«Reconh[illegible] vantagens [illegible] ização [illegible] bretudo, d[illegible] va, presta[illegible] bem servi[illegible] meida Cot[illegible] tro lado,

Senhora morta e outra ferida por atropelamento

PORTO, 27 — Esta manhã, cerca das 10 e 15, um automóvel conduzido pelo sr. Jorge da Hora Santos, de 36 anos, viajante, Rua do Progresso, em Perafita (Matosinhos), ao passar na Avenida Eng.º Duarte Pacheco atropelou duas senhoras que pretendiam atravessar aquela artéria: D. Felisbela Rodrigues da Silva, casada, residente na Rua Álvaro Castelões, 70, em Matosinhos, que morreu a caminho do hospital daquela vila, num carro de praça, e D. Maria Pereira da Graça, de 58 anos, casada, com a mesma morada, que ficou naquele estabelecimento hospitalar, pois sofreu escoriações diversas.

A P. V. T. de Matosinhos tomou conta da ocorrência.

Ferido noutro acidente

Na Praça da Batalha, nesta cidade, foi atropelado, esta manhã, por uma camioneta de passageiros o sr. António Monteiro da Silva de 27 anos casado, torneiro, de Oliveira do Douro (Gaia).

Conduzido ao Hospital de Santo António ficou ali internado com ferida lacero-contusa de uma perna e várias contusões pelo corpo.

veiro em terreno s mil contos

...ir á sessão o sr. dr. Alberto Ferreira Neves, com toda a vereação presente. Era dia grande para Aveiro. E a arrematação foi feita pelo activo e esclarecido aveirense sr. João Nunes da Rocha, que afirmou:

— Eu não deixaria ir isto parar a outras mãos que não fossem da nossa terra. Ainda há pouco estive em Joanesburgo e vi lá um prédio em tudo semelhante ao que iremos construir. E pensei na ideia, e vi o que ele valia. Tirei as minhas conclusões e agora vamos para a frente. O arranque será já hoje!

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

DEFENDIDA A LIBERALIZAÇÃO DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL

A Assembleia Nacional recomeçou esta tarde os seus trabalhos, figurando na ordem do dia a discussão, na generalidade, da proposta de lei sobre o desenvolvimento turístico da região da Serra da Estrela. No período antes da ordem do dia estavam inscritos numerosos deputados além dos que haviam ficado com a palavra reservada de sessões anteriores.

OLIVEIRA DIAS:

— Apoio e crédito — necessidades do industrial português

O deputado Oliveira Dias falando de política, começou por dizer:

— O facto recente de ser encarada a constituição de empresas publicas, (iniciativa que julgo de aplaudir, apenas formulando o voto de que o Governo não deixe de criar com urgência as unidades industriais de que o País essencialmente carece, segundo um planeamento que não sei se existe e utilizando para o efeito meios eficientes, como a criação de um Instituto de Desenvolvimento Industrial, á semelhança do que ocorreu na Itália, França e Inglaterra) esse facto dá criação de empresas publicas traz evidentemente implicita uma censura ao industrial português, na medida em que não levou a cabo, até agora, iniciativas consideradas de importância vital para o desenvolvimento do País.

Julgo oportuno' debruçar-me sobre este ponto e ocorre-me n a t u ralmente perguntar (deixando de parte aqueles que atraiçoam o seu País colocando ilegalmente no estrangeiro os seus capitais, matéria esta sobre a qual a Assembleia e a opinião pública carecem de ser esclarecidas), *ocorre-me perguntar: se o industrial português tem estado suficientemente i n f o r m a d o quanto aos caminhos pelos quais urge enveredar na criação de novas industrias; se o industrial português tem encontrado um apoio razoável no* crédito *indispensável a novas iniciativas, se o industrial português tem beneficiado de suficientes incentivos por parte do Estado, através de vantagens fiscais e outras tendentes ao lançamento de novos empreendimentos; e se o industrial português tem estado ao abrigo da concorrência de unidades industriais que pelo primitivismo de processos usados não chegam a ser dignas desse nome.*

Depois de responder negativamente a estas quatro questões, o orador considerou indispensável a criação de um serviço publico que oriente o industrial quanto á melhor forma de canalizar as suas iniciativas, serviço esse cuja falta está em parte na origem da saturação de vários ramos da industria a sua crise.

Relativamente ao crédito lembrou «*que a unica forma rápida de se obter crédito tem sido a banca comercial. O industiral só consegue, as mais das vezes, apoio quando possui um património largamente garante e «mesmo assim, «vendem-lhe» o dinheiro caro, (tendo-se generalizado a prática ilicita de cobrar prémios de transferência que mascaram o agravamento das taxas de juro legal) e quase sempre a curto prazo (normalmente 1 ano, após o que tem de voltar a solicitar o «favor»).*

Depois, disse:

— É, assim, com o maior interesse que se aguarda a anunciada revisão do sistema de crédito e constituição de novos estabelecimentos que esperamos venham a ter acção decisiva no lançamento dos novos grandes empreendimentos de que o País carece. Há poucos meses, o País assistiu com esperança á constituição da Sociedade Financeira Portuguesa. Ignora, porém, qual a actividade por esta já desenvolvida ou que tem em projecto. Oxalá venha a corresponder aos importantes objectivos visados na sua criação».

Quanto ás isenções fiscais a conceder ás empresas, lembrou a «posição *desfavorável e i n j u s ta* «em que o sistema fiscal vigente coloca os rendimentos do comércio e industria». *á mercê de uma tributação, ainda há pouco agravada, dupla da que incide sobre o rendimento de capitais, e mais que dupla da que incide sobre rendas de prédios urbanos».* Tal situação carece de revisão, «*não se vendo como no estado actual de coisas se pretende incentivar a afluência do capital aos empreendimentos industriais, n a t u r a l mente mais arriscados do que outros como por exemplo, os c ó m o d o s i nvestimentos imobiliários*»

Defendeu uma política de concentração de empresas, a fomentar pelo Estado, afirmando mais adiante:

—Parece-me justa a política de liberalização—eu ia a dizer de moralização — enunciada pelo Governo em matéria do condicionamento industrial—considerando o alargamento do mercado numa perspectiva europeia, circunstância esta que mais se evidencia em face dos acontecimentos recentes, com a provável próxima entrada da Inglaterra e dos países nórdicos no Mercado Comum, passo decisivo para a constituição de um mercado unico europeu, ao qual certamente não deixaremos de aderir. Embora reconheça ser inconveniente o abandono subito do regime de condicionamento, só justificável para a época em que foi concebido quando a nossa industria iniciava o processo de desenvolvimento, tenho vivamente presentes os inconvenientes que dele resultaram nomeadamente a falta de estimulo ao progresso das empresas dele beneficiárias e a formação dos chamados «grupos de pressão» activos defensores das situações de privilégio.»

A concluir, o deputado emitiu a opinião de que esta política de liberalização não é compativel com uma orientação segura de c o n d icionamento técnico das empresas.

LINHARES DE ANDRADE:

— Problemas açorianos

Aludindo ás mais importantes carências do arquipélago dos Açores, disse o deputado Linhares de Andrade:

— A maior parte das Ilhas continua a não dispor de portos capazes e os navios da empresa concessionário são não apenas insuficientes mas totalmente inadequados face ás exigências de um tráfego crescente e de caracteristicas tão especiais como é este entre as ilhas e entre cada uma destas e o Continente.

«*Designadamente no distrito da Horta com excepção da Ilha do Faial, nenhuma das restantes possui um unico porto digno desse nome. No Corvo estão em curso, é certo, obras de beneficiação do Porto das Casas, que uma vez concluidas permitirão satisfazer as necessidades de um movimento proporcionado á sua diminuta população. Mas no Pico e nas Flores, onde praticamente nada foi feito nesta matéria, com excepção de ligeiros melhoramentos nos pequenos portos de pesca, o problema reveste-se de grande acuidade.*»

Aquele deputado disse, ainda ser necessário e urgente equipar o porto da Horta e criticou o sistema de restrições ao tráfego de mercadorias por efeito de imposições de n a t u r e z a aduaneira ou fiscal e, ainda, das formalidades e despesas que a sua cobrança envolve

—*O que está em causa*— afirmou — *é o sistema de cobrança daqueles impostos e taxas pelos enormes inconvenientes que apresenta, pelas responsabilidades q u e seguramente tem no atrofiamento económico das nossas ilhas, sistema aliás contrariado pelo principio da integração económica do espaço português.*»

o deputado disse-nos...

A dr.ª Custódia Lopes e a «nova Assembleia»

Por ter feito pàrte da delegação portuguesa á Assembleia Geral da O N U, a deputada por Moçambique, sr.ª dr.ª D Custódia Lopes, só agora pode começar a participar nos trabalhos da Assembleia Nacional. Pedimos-

DR.ª CUSTÓDIA LOPES

-lhe, por isso, uma breve declaração sobre a «Assembleia Nova». Aquela deputada, com cujas palavras abrimos esta secção (destinada a recolher breves depoimentos de parlamentares), disse-nos:

— Nesta reabertura da Assembleia em que participo pela primeira vez nos trabalhos da X Legislatura, não posso deixar de sentir o peso da redobrada responsabilidade que me cabe por ocupar, de novo, um lugar no Parlamento. Tenho porém, esperança de poder com um trabalho renovado, corresponder á confiança que em mim depositaram os meus eleitores de Moçambique. Para eles vai, sem duvida, neste momento, o meu pensamento. Embora não tivesse podido estar presente aos trabalhos da Assembleia Nacional no seu primeiro período, por me encontrar integrada na Delegação Portuguesa á 24.ª Assembleia Geral da O. N. U., julgo saber que decorreram em bom ritmo e que corresponderam, de certo modo, ao espírito novo que se pretende dar á Assembleia. Por mim, farei quanto puder para dar o meu modesto contributo a esta nova Assembleia.

— E quanto á sua participação na Assembleia Geral das Nações Unidas, quer dizer alguma coisa?

— Pois, quanto á minha estada na O. N U., participei nos trabalhos da 3.ª comissão e assisti aos costumados ataques contra o nosso País pela sua permanência no Ultramar. Defendemo-nos das acusações injustas em intervenções que a Imprensa, de resto, já referiu na devida altura

A COTTA (NOVO «LEADER»):

NHEÇO SEM ESFORÇO NTAGENS DA CRÍTICA

Camara a criação de uma Secretaria do Estado Português da India.

Em resposta a outro deputado (Pinho Brandão), o «leader» da Assembleia afirmou que também o problema do preço das madeiras está a ser objecto de cuidados do Governo, através das corporações da Industria e da Lavoura.

«Reconheço sem esforço as vantagens da crítica, da fiscalização do Executivo e, sobretudo, da colaboração activa, prestada com espírito de bem servir» — disse o dr. Almeida Cotta — «Mas por outro lado, deve dizer-se que nem sempre é fácil de calcular o tempo inutilmente perdido para demonstrar o que já está demonstrado, para desfazer equívocos, enganos e até ilusões, para repor a verdade dos factos, toldada aqui ou ali, para fazer prevalecer a justiça dentre a emaranhada teia dos interesses e das paixões.»

Por ultimo, o dr. Almeida Cotta rendeu homenagem ao Presidente da Republica, e ao Chefe do Governo e ao presidente da Assembleia Nacional e saudou «vivamente» os órgãos da Informação, «a quem devemos o inestimável serviço da notícia quase permanente dos acontecimentos e dos factos ocorridos no Mundo e, sobretudo, a missão delicadíssimas e deveras exigente na ordem moral da formação da opinião pública».

E o «leader» da Assembleia concluiu, manifestando as suas «certezas na viabilidade de um destino nacional, rasgado e intensamente vivido por oito séculos de História e que, como diria Vieira, por ser injusto, nem Deus poderia alterar».

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

OLDRICH CERNIK SERÁ DEMITIDO DO CARGO DE CHEFE DO GOVERNO — AFIRMA-SE EM PRAGA

PRAGA 27 — (A.N.I.) — Em círculos autorizados afirma-se que o primeiro-ministro da Checoslováquia, Oldrich Cernik, será demitido do seu cargo de chefe do Governo, e que Alexander Dubcek resignará da comissão central do Partido Comunista (de cuja chefia foi afastado), quando esta se reunir, na semana em curso.

Dubcek enviou uma carta á comissão central, antes de ter partido para a Turquia, a fim de ali desempenhar o cargo de embaixador.

A carta anuncia, ao que parece, a renuncia de Dubcek á comissão central, o unico cargo que lhe fora deixado, desde que foi substituido por Gustav Husak, em Abril, nas funções de primeiro-secretário do Partido

Em círculos autorizados afirma-se que a expulsão de Cernik era já aguardada, pois o seu Governo não conseguiu uma recuperação intensa da enfraquecida economia do país.

No caso de Cernik perder o cargo de primeiro-ministro — segundo se aguarda—a demissão também lhe custará o seu lugar no «praesidium» do partido, formado por onze elementos.

A comissão central deve expulsar igualmente mais de doze dos seus elementos actuais, continuando assim a afastar do partido os reformadores da equipa de Dubcek.

POSSIVEIS SUCESSORES

Contudo, em círculos autorizados acentua-se que ainda não estão completamente decididas as medidas a tomar Nota-se que a reunião, que vai começar amanhã á tarde, deve durar três dias em vez dos dois que são habituais — o que parece indicar que os «leaders» do partido prevêem dificuldades na obtenção das decisões

Uma das questões mais renhidas será a escolha de um sucessor para Cernik. Entre os candidatos encontram-se alguns funcionários da linha dura do partido — o secretário da comissão central, Alois Indra, e o chefe da repartição da acção do partido na Boémia e na Morávia, Lubomir Strougal

UM «PANTERA NEGRA» FALA A ESTUDANTES — Elbert Howard, conhecido pelo «Big Man» e membro da organização dos «panteras negras», fala aos estudantes da Universidade de Heidelberg acerca da situação da sua organização. Howard foi convidado, pela Associação Socialista de estudantes alemães (S. D. S.), para uma série de conferências em diversas cidades da Alemanha Ocidental

AEROPORTO ENCERRADO

MILÃO, 27 — (R.) — O aeroporto de Linate, desta cidade, foi encerrado indefinitivamente a noite passada a seguir a uma greve relampago do seu pessoal e em ameaças de novas paralizações públicas para apoiar pedidos de melhores condções de trabalhos e de salários.

A Alitália informou que todos os voos civis para e do aeroporto foram cancelados até novo aviso.

Malpensa, o outro aeroporto de Milão, não foi afectado imediatamente.

VIETNAM DO SUL

TERCEIRA FASE DA RETIRADA DE TROPAS AMERICANAS

SAIGÃO, 27 — (R.) — Nos próximos cinco dias inicia-se a terceira fase da retirada das tropas americanas do Vietnam devendo sair três mil fuzileiros navais.

O comando militar norte-americano anunciou hoje que os fuzileiros começarão a embarcar amanhã em Da Nang e outros portos do norte, com destino a bases na Califórnia.

Os fuzileiros constituem a primeira parte do contingente de 50 000 homens que sairá do Vietnam até 15 de Abril.

A redução dos efectivos americanos no Vietnam do Sul começou em 8 de Julho do ano passado. Saíram já dois contingentes, um de 25 e outro de 35 000 homens e com a terceira fase o limite autorizado das tropas no Vietnam ficará em 434 000 homens.

Amanhã saem também de Da Nang vários caças bombardeiros a jacto.

EMBOSCADA

SAIGÃO, 27 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong fizeram a noite passada uma emboscada a um comboio de 13 camiões e «jeeps» numa estrada principal a apenas 11 quilómetros desta capital.

Um informador militar americano disse que o comboio, formado por camiões comerciais e «jeeps» da Polícia Militar americana, foi atacado com granadas-foguetão e fogo de metralhadoras ligeiras e carabinas.

Ficou ferido um civil vietnamiano e destruído um veículo comercial. Não se registaram baixas entre os americanos e foram ligeiros os estragos causados ás outras viaturas.

«Liz» Tailor e Burton reconciliaram-se

HOLLYWOOD, 27 — (R.)— Anunciou-se na capital do cinema que Elizabeth Taylor abandonara no fim da semana o marido, Richard Burton, mas os seus agentes afirmaram a noite passada que o casal se reconciliara depois.

«Beijaram-se e fizeram as pazes e tudo foi esquecido», disseram os agentes da famosa estrela.

«Todo o incidente não passou de uma tempestade num copo de água».

Os agentes comentavam uma notícia da colunista Dorothy Manners de que Richard Burton se tornara «malcriado» quando estava com a mulher e dois outros actores amigos na discoteca Bumbles.

ALTO ADIGE: problema em vias de solução

Por FERNANDO DE MACEDO (correspondente do «Diário de Lisboa» na Suíça)

GENEBRA, 23. — Na Europa, actualmente existem vários problemas de minorias étnicas e linguisticas, os quais atingem acuidade paradoxal, nesta época de conflitos á escala mundial e da conquista do espaço. Na Bélgica, a questão valona, num beco Na Suiça o caso do Jura bernês, correndo seus tramites agitados e de solução dificil. Na Bulgária e na Jugoslávia, o imbróglio macedónico Quanto ao problema (talvez preferivel dizer problemas) do Alto Adige, que tem sido um espinho na carne dos Governos austriaco e italiano, parece agora em vias de solução.

Ao intervir na primeira guerra mundial, em 1915, a Itália tinha, como objectivo primordial, anexar Trieste e o Trentino. Terminado o conflito, os desejos romanos foram satisfeitos, de modo que, entre outros territórios, a Itália viu a sua superficie aumentada com o Tirol do Sul, ao tempo rebaptizado com o nome de Alto Adige. A população, que fala um dialecto alemão, nunca deixou de sonhar com o regresso á mãe-pátria, a Austria, apesar dos esforços deliberados, sistemáticos, e, por vezes, frenéticos, de italianização, em especial após a subida de Mussolini ao poder. Após 1933, e, nomeadamente, o «Anschluss» da Austria ao Terceiro «Reich» alemão, Hitler e Mussolini deliberaram que o Alto Adige continuava sob jurisdição italiana. Estabeleceu-se um prazo para que os habitantes, que o desejassem, pudessem partir e integrar-se no «grande Reich». Terminado esse prazo, não mais se falou da questão do Alto Adige, entre os dois ditadores.

Quando a Austria recuperou a independência, o caso do Alto Adige readquiriu actualidade: no Tratado de Paris, em 1946, Viena reconhece que o Alto Adige continuava italiano, estipulando-se que qualquer divergência na aplicação do acordo De Gasperi-Gruber, seria apresentado ao Tribunal Internacional de Haia. A italianizacão prosseguiu, em especial com manobras administrativas, mas os resultados eram práticamente nulos. Surgiram as polémicas, os protestos, as reinvindicacões, em breve, estas, apoiadas com gestos terroristas, cada vez mais virulentos, a partir de 1960. O Governo austriaco, quanto a ele, embora defendendo o espirito do Tratado de Paris, apoiou discretamente os activistas germanófilos e a causa do Tirol do Sul. As Nações Unidas, ao ser-lhes apresentada a questão, recomendaram á Áustria e á Itália que resolvessem o problema com acordos bilaterais. Reuniram-se comissões, em Milão e em Munique, mas sem que se registasse qualquer progresso. Em 1964, avistam-se os ministros dos Estrangeiros dos dois países, ao tempo Saragat e Kreisky, mas tudo parece ter ficado na mesma.

Finalmente, há dias, em Copenhague, Moro e Waldheim, agora os chefes da diplomacia, respectivamente, em Roma e Viena, voltam a analisar, em pormenor, a espinhosa questão, e assinam um acordo, mais um, nos termos do qual o litigio pode encontrar solução ideal. Segundo o plano, será concedida autonomia á região, tendo em linha de conta que os italianos formam agora a maioria dos habitantes; o alemão é mais extensamente usado como idioma oficial; aplica-se uma política de emprego mais justa; os programas da TV alemã e austriaca passam a ter difusão no Alto Adige; são dadas garantias por Roma quanta ao ensino do alemão nas escolas Não se trata, como se vê, do epilogo, mas do que pode muito bem ser o começo do epilogo, pois, resta ainda a aplicação prática do acordo, e o saneamento de toda a situação envenenada por décadas de litigio.

O Parlamento, em Roma, aprovou, por vasta maioria, o acordo, que pretende assegurar, ademais, no prazo de dois anos, a coexistência pacifica de vários grupos linguisticos do Alto Adige. Em Viena, por outro lado, os adversários de Klaus, e de uma solução de compromisso, como a de Copenhague, são mais renitentes, nomeadamente da parte dos liberais e dos socialistas, partidos da oposição, de que a tese é o regresso puro e simples do Alto Adige, ou seja, do Tirol do Sul, á Áustria.

Solução do litigio italo-austriaco sobre esta região de 230 mil habitantes? Tudo leva a crer que sim, a menos que os factores que até agora impediram a solução, consigam prevalecer, usando, se possivel, actos cruentes de terrorismo. Interessante pôr em relevo, que, aquando do cruento atentado aos Bancos de Milão, os patriotas do Tirol do Sul foram dos primeiros suspeitos, e não está ainda afastada a hipótese de que tenham tido mão no acto. De qualquer modo, o Alto Adige continua a fazer parte da Itália, e não da Áustria, pomo de toda a discórdia.

RINGO DESMENTE A DISSOLUÇÃO DOS «BEATLES»

NOVA YORK, 27 — (A. N. I. — Ringo Starr desmentiu os rumores de que o conjunto dos «Beatles» se dissolva, depois de ter chefiado o movimento «Rock» durante cerca de uma década.

Numa entrevista publicada no número da revista «Look», agora posta á venda, Ringo declara: «Todos nós, beatles, tentamos encontrar a paz».

Explica-se nessa entrevista que, embora os beatles já não andem em digressão, não deixam de ser beatles. Estão contratados para fazer música em conjunto até 1975, segundo revelou um dos directores da «Apple Records».

Ringo aventurou-se como solista num álbum, «Ringo Stardusk», em que apresenta as canções favoritas do seu «Mum And Dad» e participa num novo filme, «The Magic Christian», com Peter Sellers.

António Palhinha da Costa Dias

Agradecimento e Missa do 30.° Dia

Sua família participa que será rezada missa amanhã, dia 28, às 9,30 horas, na Igreja de Fátima (altar de St.° António) pelo seu eterno descanso, desde já agradecendo às pessoas que assistirem a este piedoso acto, bem como a todos quantos, de qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar.

EVITAR A INFLAÇÃO

— objectivo de Nixon ao vetar a lei de finanças

WASHINGTON, 27 — (F. F.) — O presidente Richard Nixon convidou toda a América para testemunha do seu gesto, quando, ontem á noite, numa mensagem pela Rádio e TV, opôs o seu veto, a uma lei de finanças que o Congresso acabara de adoptar contra o seu parecer.

O projecto de lei dizia respeito ao orçamento da Saude e da Educação Nacional para o ano fiscal em curso. No montante de 19,7 biliões de dólares, este orçamento excedia em 1,2 biliões o que fora proposto por Nixon.

O chefe do Estado opôs o seu veto porque considera esta lei como «inflaccionista». As despesas a que obrigaria o Estado disse ele, são «exageradas. mal repartidas e decididas numa má ocasião».

A mensagem do presidente foi transmitida por todas as cadeias de Televisão e da Rádio do país, e Nixon quis salientar o carácter histórico do seu acto. Com efeito, é a primeira vez que opõe o seu veto a um projacto de lei adoptado pelo Congresso e é necessário recuar até á administração de Eisenhower para encontrar um gesto semelhante.

LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

Nixon declarou: «Esta é uma das decisões mais importantes que tenho tomado desde a minha chegada ao poder». Era-o tanto mais, acrescentou ele, quanto se tratava de fundos destinados á Educação e á Saude, mas a questão não era de saber se é por ou contra um ensino melhorado e serviços de saude modernos, porque toda a gente deseja isso.

O chefe do Executivo lembrou que o seu programa de assistência social para o ano em curso já previa um aumento das despesas da ordem de 30 por cento em relação ao ano anterior

Na sua alocução, que durou menos de dez minutos, Nixon salientou a importancia primordial que ele dá á luta contra a inflação, fazendo ver que não servia a ninguém aumentar diversas prestações de serviços se o aumento do orçamento nacional daí resultante provocasse imediatamente nova subida do custo de vida anulando assim as vantagens adquiridas.

SUBIDA «RECORD» DO CUSTO DE VIDA

Fazendo alusão ao custo de vida, que atingiu no ano passado uma subida «record» de 6.1 por cento, Nixon defendeu a sua politica de compressão orçamental anunciando que as despesas do orçamento do ano de 1971 terão uma redução de 7 biliões de dólares. O orçamento da Defesa, disse ele, será o mais reduzido desde 1950, e pela primeira vez, os orçamentos sociais dos Estados Unidos serão superiores ao orçamento militar.

As despesas previstas na lei das finanças que rejeitou consistiam simplesmente, disse Nixon, em «enfiar mais dólares para os mesmos velhos programas». Os créditos votados pelo Congresso eram por outro lado, segundo Nixon, distribuídos injustamente.

O presidente interrompeu a leitura da sua mensagem para colocar a sua assinatura no veto que enviará esta manhã ao Congresso. Para passar por cima deste veto, será necessário que os adversários de Nixon reunam uma maioria de dois terços, o que é pouco provável.

Um filme da CBS poderá servir como prova para incriminação

NOVA YORK, 27 — (R.) — Os advogados da Columbia Broadcasting System consideravam hoje se deveriam acatar uma citação do Governo federal exigindo a entrega de uma entrevista com um membro dos «Pantenas Negras», incluindo uma parte que nunca foi exibida.

Funcionários da C. B. S. receavam que se acatassem a citação transformariam os seus serviços num braço do Governo se o filme pudesse ser utilizado em incriminação. Isso tornaria difícil á C.B.S. fazer reportagens cinematográficas semelhantes.

A citação, feita pelos serviços secretos, foi apresentada a Richard Salant, o novo presidente da C. B. S., em 16 de Janeiro, mas a sua existência apenas se tornou conhecida a noite passada.

APOLO-13: UM CARRO DE FOGO — Os astronautas da cápsula Apolo-13, James Lovell, Thomas Mattingh e Fred Haise, escolheram este emblema para a sua missão: três cavalos, tendo por fundo o sol, e a frase: «Da Lua, Ciência»

WILSON CONFERENCIA HOJE COM O PRESIDENTE DOS EUA

• O MÉDIO ORIENTE ENTRE AS QUESTÕES A DEBATER

WASHINGTON, 27 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, chegou ontem á noite a Washington para conferenciar com o presidente Nixon e com membros do Governo norte-americano, entre os quais o secretário de Estado, William Rogers, e o secretário do Tesouro, David Kennedy.

O chefe do Governo inglês declarou em Nova York que durante as suas reuniões com o presidente Nixon discutirá o estabelecimento de um novo tipo de relações entre os dois países, que incluirá o concurso de outras nações industrializadas para a resolução de problemas sociais como a pobreza, a poluição, a habitação e os transportes.

Os dois estadistas devem tratar também de questões mundiais, como a crise do Médio Oriente, o auxílio ás vítimas da guerra nigero-biafrense, o Vietnam, as conversações de Paris, as relações Ocidente-Leste, as possibilidades da entrada da Inglaterra no Mercado Comum e outras questões financeiras e económicas.

Hoje realiza-se um banquete em honra do primeiro-ministro inglês, que regressa amanhã a Londres.

EDWARD KENNEDY PREOCUPADO

WASHINGTON, 27 — (R.) — O senador Edward Kennedy afirmou hoje estar preocupado pelas declarações do Governo britânico tendentes «a encobrir a situação na Nigéria Oriental».

Emitiu uma declaração á Imprensa pedindo que fosse dada a maior prioridade aos esforços de auxílio á Nigéria nas conversações que se realizam hoje na Casa Branca entre o presidente Nixon e o primeiro-ministro britânico Harold Wilson.

O senador Kennedy é presidente da Comissão Judicial dos Refugiados do Senado, que ouviu na semana passada funcionários do departamento do Estado narrarem casos de fome e de pilhagem no território dos ibos, após a guerra civil. Na quinta-feira, o senador discutiu o problema com o presidente Nixon.

BIAFRA: a pobreza e a morte motivo de alarme durante muitos meses

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 27 — (A. N. I.) — «A subnutrição, a pobreza e a morte continuarão a ser motivo de alarme, durante muitos meses, no antigo Biafra» — anuncia-se no relatório assinado pelo brigadeiro Said-Uddin Khan, do Paquistão, principal representante das Nações Unidas na Nigéria e enviado ao secretário-geral, com os resultados de uma viagem efectuada á Nigéria Oriental entre 17 e 23 de Janeiro.

Khan e o seu assistente, Rupert John, relatam que «o período de ansiedade derivada do derramamento de sangue e da violência terminará em breve, mas a questão da subnutrição, da pobreza e da morte permanecerá motivo de alarme durante muitos meses e necessitará de um grande esforço de todas as organizações voluntárias e governamentais.»

LONGAS BICHAS

«Não há acusações de genocídio, mas houve casos de assaltos a mulheres e muitos mais de saque. Alguns soldados, pertencentes a contingentes que ocupam zonas remotas, mostraram-se desordeiros, mas os oficiais são muito claros sobre as regras de conduta e aplicam-nas por vezes com bastante severidade.»

Khan e John afirmam que os refugiados nos acampamentos de Owerri e Oni estão a ser alimentados pela Cruz Vermelha nigeriana, mas que o transporte é um dos maiores problemas.

Entretanto, longas bichas de refugiados começaram a encaminhar-se do antigo enclave para as suas terras. A Cruz Vermelha da Nigéria mantém algumas cozinhas, á beira da estrada, «mas não são adequadas e são más as suas condições.»

INSUFICIÊNCIA

Os refugiados que se meteram pelo mato tiveram pouco com que se alimentar. Quase todos os homens aptos deixaram os seus esconderijos e aguarda-se que «como já não têm receio, tragam também as mulheres.»

O maior grupo de refugiados compreende pessoas que viveram na área em que se travou a maior parte do combate, estando completamente destituídos de todos os seus bens, têm falta de dinheiro e nem sequer dispõem de sementes para a próxima cultura.

«As próprias equipas da Cruz Vermelha da Nigéria e outras equipas, como o fundo «salvai as crianças» e a Cruz Vermelha da Austria, que trabalham sob os seus auspícios, estão a fazer o melhor que lhes é possível, mas isso é insuficiente para fazer face á situação.

«Avalia-se que cerca de um milhão de pessoas necessite de assistência de vários graus» — conclui o relatório.

RENDIÇÃO COM SORRISOS — O general Gowon e o general Effiong cumprimentam-se, no meio de sorrisos, logo após a queda de Biafra. «Biafra deixou de existir», disse o vitorioso. «Somos nigerianos leais», respondeu o vencido

Agrava-se a situação nas vias de acesso a Berlim-Oeste

BERLIM, 27 — (F. P.) — A situação nas vias de acesso a Berlim-Oeste agravou-se ainda mais durante o dia de ontem.

Perto do posto de Drewitz, á entrada de Berlim-Oeste, na auto-estrada Hemstedt-Berlim, cerca de 500 camiões formando uma coluna com perto de oito quilómetros de comprimento, aguardaram durante cinco a seis horas para passar. Os guardas fronteiriços da Alemanha de Leste abriam o sinal verde só de tempos a tempos e por períodos de alguns minutos apenas.

No posto de Staaken, na estrada Hamburgo-Berlim, cerca de 70 veículos pesados só conseguiram passar á cadência de dez por hora.

O tráfego encontra-se assim travado desde quarta-feira passada, por as autoridades leste-alemãs pretenderem protestar, deste modo, contra a reunião, em Berlim-Oeste, das comissões e grupos parlamentares do Bundestag (da Alemanha Ocidental).

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Reunidos em assembleia geral, os encarregados de educação dos alunos do Liceu Padre António Vieira elegeram os corpos gerentes da futura associação das famílias.

A reunião decorreu no ginásio daquele liceu e foi presidida pelo respectivo reitor, dr. António Araujo Howorth.

Os corpos directivos ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — Dr. António Howorth, eng.º Armando Palma Carlos, arquitecta D. Maria Cecília Sena Rego e prof.ª D. Maria Ivone Freitas Leal.

DIRECÇÃO — Eng.º-agrónomo Fernando Santos e Castro, dr. Fernando Moreira Ribeiro, D. Lucília Pinto Casquilho, eng.º Luís Artur Almeida d'Eça, Francisco de Soure e eng.º-agrónomo José Manuel Fragoso de Almeida.

CONSELHO FISCAL — Dr. Armando Nogueira, eng.º António Luís Gomes e D. Domingos de Alarcão Telles da Gama.

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.

Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

EMPRESA HOLDING NACIONAL, ASSOCIADA A UM GRUPO DE EMPRESAS,

PROCURA

PARA A SUA SEDE, EM LISBOA

ACESSOR DA DIRECÇÃO

DIRECTAMENTE DEPENDENTE DA DIRECÇÃO GERAL

1. ATRIBUIÇÕES PRINCIPAIS

1.1. Superintender nos Serviços Administrativos da Sede
1.2. Orientar a elaboração e centralizar a recolha de dados quantitativos analíticos dos resultados e de pontos fundamentais da actividade das empresas do Grupo.
1.3. Orientar e coordenar os métodos e a acção do Controlador de Gestão e do Chefe da Contabilidade da Empresa.
1.4. Participar na avaliação de projectos de investimento.
1.5. Coadjuvar a Direcção nas relações públicas internas e externas.

2. CARACTERÍSTICAS DESEJÁVEIS

2.1. Experiência de organização do trabalho administrativo.
2.2. Bons conhecimentos de técnica de organização, nomeadamente de gestão orçamental.
2.3. Facilidade de adaptação ao trabalho de gabinete e à acção externa na projecção desse trabalho.
2.4. Facilidade de expressão e gosto pelo trabalho de equipa.
2.5. Idade compreendida entre os 35 e os 50 anos.

3. PODERÃO SER CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

Para além daquelas características:
3.1. Diplomado pelo ISCEF.
3.2. Facilidade em redigir textos normativos internos e exposições em português simples e fluente.
3.3. Conhecimentos de inglês e francês.

4. OFERECEMOS

4.1. Boas perspectivas de trabalho em equipa, ligado à orientação, à organização e ao desenvolvimento de um grupo diversificado de empresas.
4.2. Semana de cinco dias de trabalho.
4.3. Remuneração compatível com a competência do candidato e com a elevada responsabilidade do cargo.

5. PEDIMOS

5.1. «Curriculum vitae» com todas os referências julgadas úteis.
5.2. Indicação da remuneração mínima anual pretendida.

Favor enviar respostas para a NORMA — Av. 5 de Outubro, 122.
Rigorosa confidencialidade. Mencionar a Ref.ª 135/DPA.

†

FERNANDO FRAZÃO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Sua Família participa que amanhã, dia 28, às 19 horas, na Igreja de Santo António, à Sé, será celebrada Missa pelo seu Eterno Descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Também agradece por este meio, por impossibilidade de o fazer directamente, a quem lhe expressou o seu pesar e cujas moradas desconhece.

†

FERNANDO FRAZÃO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

As Companhias de Seguros La Equitativa — Fundación Rosillo — Vida e Riscos Diversos — participam que amanhã, dia 28, às 19 horas, na Igreja de Santo António, à Sé, será celebrada Missa pelo Eterno Descanso do saudoso filho do seu querido Procurador e Delegado Geral, Ex.mo Sr. António Frazão.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola os furriéis milicianos n.º 114604/67 António Vidal Rodrigues Gonçalves, natural de Coimbra, filho de António Rodrigues Gonçalves e de Irene Cruz Vidal; e o n.º 052714/67, José Joaquim Vicente Nobre, natural de Évora, filho de Ermelindo Pinho Nobre e Etelvina Maria Vicente Nobre. Na província de Moçambique o primeiro-cabo n.º 085823/67, Albino Mário Costa Alves, natural de Vila Cova (Barcelos), filho de Joaquim Bernardo Alves e Adelaide Gonçalves Costa, e o primeiro-cabo n.º 008349/69 Joaquim Ferreira, natural de Balão, filho de Manuel Ferreira e de Rosa da Conceição.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, para o estabelecimento, em Fogueteiro, freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista a 6 kV com 92m de comprimento, parte aérea com 62 m e subterrânea com 30 m, do apoio n.º 52 da linha Laranjeiro-Seixal ao posto de transformação n.º 3-063 Cordoaria.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma modificação sem alteração no comprimento da linha dupla a 30 kV Coina-Laranjeiro entre os apoios n.os 53 e 55, com deslocação e substituição do apoio n.º 54 e montagem de um outro com o n.º 54-A para seccionamento de um dos ternos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, para o estabelecimento, na freguesia de Paio Pires, concelho de Seixal, de uma linha aérea a 30 kV com 389 m de comprimento do apoio n.º 38 da linha Coina-Siderurgia ao posto de transformação dos Transportes Rodoviários-TRANSFEC.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

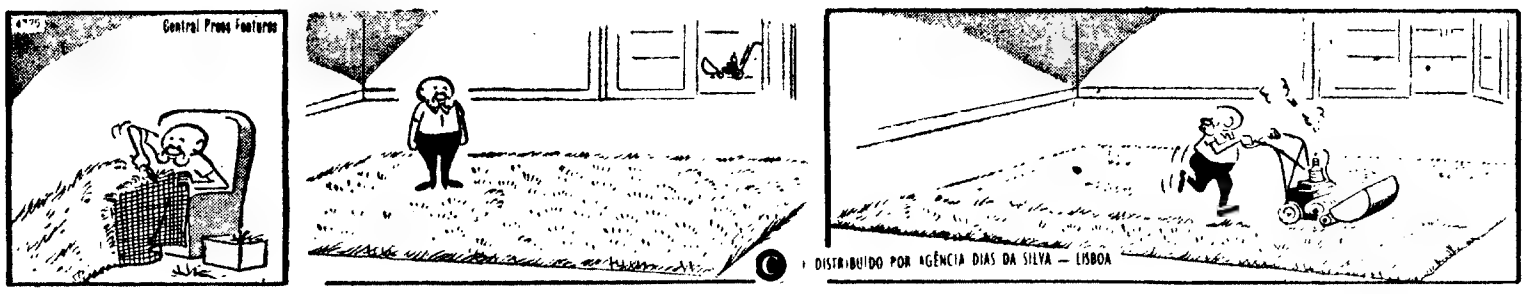
Repartição de Licenciamento, em 16 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

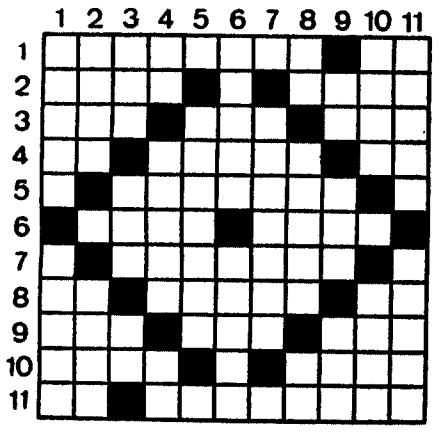
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5429

HORIZONTAIS: — Móvel. Preposição. 2 — Estavas. Calosidade. 3 — General de Napoleão. Cabelos brancos. O mesmo que âmio. 4 — Interjeição que exprime admiração. Oferecidas. Sufixo que designa estado. 5 — Ousadia. 6 — Vagueie. Cursos de água natural e abundante. 7 — Dera massagens a. 8 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Freguesia do concelho da Covilhã. Isolado. 9 — Chefe etíope. Pedra de altar. Saudáveis. 10 — Dança popular. Trituras. 11 — O sono das crianças. Nome de um mês.

VERTICAIS: 1 — Madeira. Ilha do arquipélago dos Açores. 2 — De cobre. Conjunção. Caladura. 3 — Caminha. Heroína francesa que foi queimada viva (Inv.). Senhor. 4 — Artigo definido. Repousa. Preposição latina que designa movimento. 5 — Granjeara (ant.). 6 — Encolerizada. Semblante. 7 — Santa. 8 — Antes de Cristo. Cesto tecido de esparto, onde se deita a azeitona para espremer. Dois mil em romano. 9 — Em partes iguais. Triture. Por baixo de. 10 — Espécie de capacete com viseira e crista. Ir para fora. 11 — Chaminé de cordovão. Tenho razões para.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5428

HORIZONTAIS: 1 — Acasa. Safar. 2 — TUDO. Rirta. 3 — Uri. Dom. Mim. 4 — Rã. Talar. NO. 5 — Amarrotaras. 6 — Ea. Si. 7 — Marrarfamos. 8 — Ur. Arear. Pá. 9 — Nat. Ais. Vir. 10 — Does. Piar. 11 — Ósmio. Corno.

VERTICAIS: 1 — Atura. MUNDO. 2 — Curam. Araós. 3 — Adi. Aer. TIBM. 4 — Só. Traná. Si. 5 — Dar. Ara. 6 — Colo. Reis. 7 — Mat. Ias. 8 — Ar. Rasar. Pó. 9 — FIM. Rim. Vir. 10 — Atina. Opiar. 11 — Ramos. Sarro.

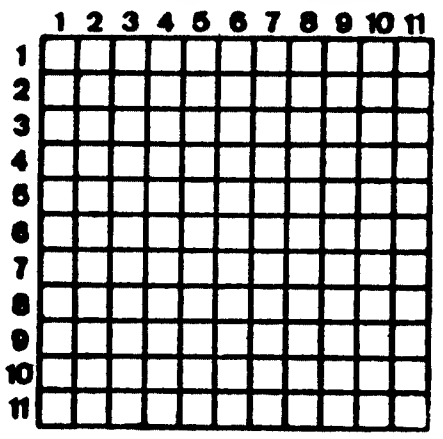
Provérbio: TUDO NO MUNDO TEM FIM.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9272

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede de concelho. Lisboa. Cidade da Polónia (Silésia). 2 — Ferro temperado. Preposição. Patrão. 3 — Ave semelhante á pomba. Lavras. 4 — Farrapo. Cidade de França. 5 — Terreiros em frente ou em volta das igrejas. Nome dum planeta. 6 — Ilha do arquipélago de Cabo Verde. 7 — Afiada. 8 — Ácidos. Rede de malha muito estreita. 9 — Cobre de iodo. Em mais alto grau. 10 — Mil e dois em romano. Pequeno símio, do Brasil. Cabelos brancos. 11 — Guarnecera de asas. Afio.

VERTICAIS: — 1 — Nome de mulher. Lago da Finlândia. 2 — Convenção. Freguesia e sede de concelho de Coimbra. 3 — Bolo. Queimava. 4 — Prefixo grego que entra em composição de palavras com o sentido de afastamento. Triture. 5 — Antes de Cristo. Restos mortais. Apelido. 6 — Alternativa. O mais. Oferece. 7 — Samário (s. q.). Saltam. Em partes iguais. 8 — Rio da Suíça. Donativo. 9 — Tirania (Fig.). Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América fermentando arroz. 10 — Serena (Fig.). Remora para trás. 11 — Pronome possessivo. Marcha.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9271

HORIZONTAIS: 1 — Amada. Oleado. 2 — Cola. Atar. 3 — Ode. Cua. Ata. 4 — Lá. Crato. Ar. 5 — Airão. Opere. 6 — Lara. Liga. 7 — Ba. Ou. 8 — Opa. Fia. Ais. 9 — Ui. Carga. Op. 10 — Rolar. Irada. 11 — Areia. Acuas.

VERTICAIS: 1 — Acolá. Moura. 2 — Madail. Piar. 3 — Ale. Raba. Lê. 4 — Dá. Cara. Cai. 5 — Croa. Farã. 6 — Pua. Sir. 7 — Atol. Agia. 8 — La. Ópio. Arc. 9 — Ela. Égua. Au. 10 — Dahara. Iodo. 11 — Orate. Aspas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 27 de Janeiro de 1940 publicava:

«HELSINQUIA, 27 — As forças russas ao norte do lago Ladoga estão-se a atirar com ímpeto e continuamente contra as posições finlandesas, mas têm sido repelidas pelo fogo mortal das metralhadoras finlandesas, que lhes causaram perdas calculadas em mais de 1000 homens, durante todo o dia de ontem. As condições de tempo evitaram que se exercesse a actividade normal da aviação. No entanto, alguns aviões russos voaram sobre Abo».

A C. P. E O CARNAVAL

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 6 de Fevereiro (sexta-feira), até às 12 horas de domingo, dia 8, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até ás 24 horas de terça-feira, dia 10.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

Académica-Benfica

(1.ª DIVISÃO)

Domingo, 1 de Fevereiro

A C. P. organiza em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 1 de Fevereiro, por ocasião do desafio de futebol «Académica - Benfica», ao preço de 80$00.

HORÁRIO

	h
Partida de Lisboa (Santa Apolónia) ...	7-42
Chegada a Coimbra ...	10-50
Partida de Coimbra ...	18-35
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	21-53

Bilhetes à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

EXCURSÃO DA C. P.

ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ

8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1 classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha.

Preço ..... 560$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 2 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário),
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 7 de Fevereiro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 2 a 5 de Fevereiro
«BAILUNDO» a sair em 14 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e NACALA. Carrega de 8 a 12 de Fevereiro.
«GANDA» a sair em 23 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, (se necessário), LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 17 a 21 de Fevereiro
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Fevereiro às 18 h.	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI)

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

60 000 obrigações no valor nominal de 1 000$00 para fomento do turismo. Dec.-Lei n.os 48 449 de 24-6-1968 e 49 017 de 22-5-1969.
Preço de subscrição: 1 000$00.
— Vida máxima: 11 anos — Vida média: 7 anos (cerca de).
— Isenção dos impostos complementar, de capitais e de selo. — Taxa de juro líquido: 5 ½ % (cerca de). — Pagamento dos juros: semestralmente a partir de 30 de Junho de 1970.

Amortização: Ao par, em 10 sorteios anuais, com início em 30 de Junho de 1972.

As obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros. A admissão à cotação das Bolsas será requerida até à data do pagamento do primeiro cupão.
Subscrição pública, sujeita a rateio, de 29 de Janeiro a 5 de Fevereiro, nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme:

Caixa Geral de Depósitos
Montepio Geral
Banco Agrícola e Industrial Visiense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco Portugais
Crédito Predial Português
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine, Reis & Companhia
Pinto de Magalhães, Banqueiros

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

O BOM GIGANTE:
«O CAMPEÃO»

Para os jovens espectadores há, pelas 19 e 45, a exibição de mais um episódio da série juvenil «O Bom Gigante», com Dennis Weaver, Clint Howard e Beth Brickell nos principais papéis.

Realizado por Lou António, o episódio desta noite intitulado «O Campeão» conta «que um circo chega á cidade. O seu lutador, Tomado Turner, desafia qualquer homem ou animal e oferece cem dólares a quem o vença.

Ben, o urso domesticado, não se faz rogado, e prepara-se mesmo para lutar com Tomado Turner».

Karl Ritcher durante a gravação do seu recital para a TV Portuguesa

II PROGRAMA
«O Barão», «Festivais de Espanha» e «TV Clube»

«O Labirinto», episódio da série «O Barão», a transmitir pelas 22 horas, o documentário «Festivais de Espanha» e ainda o «TV Clube» com os conjuntos musicais «Emotion» e «Bossa Jazz» preenchem a emissão do II Programa, «no ar» a partir das 21 e 30.

RECITAL DE ÓRGÃO POR KARL RICHTER

Herlander Peyroteo dirigiu a transmissão TV do Recital de Órgão por Karl Richter, realizado durante o 13.º Festival Gulbenkian de Musica, na Sé Patriarcal.

■

KARL RICHTER

Karl Richter, um dos nomes mais destacados da vida mundial alemã dos nossos dias, nasceu em 1926, em Plauen (Saxo). Pertenceu ao Kreuzachor de Dresden, de 1938 a 1943, e fez os seus estudos musicais em Leipzig, sob a orientação do professor Karl Straube. Em 1949 foi nomeado para o cargo de organista da Igreja de S. Tomás, daquela cidade e recebeu o Prémio Internacional Bach. Dois anos mais tarde, passava a exercer, em Munich, as funções de professor do Conservatório Superior de Musica, organista da Igreja de São Marcos e director do Coro Bach. Desde então, tem desenvolvido uma intensa actividade concertística, apresentando-se como organista, cravista, director de orquestra e de coros, nos Estados Unidos da América do Norte, U. R. S. S., Hungria, França, Holanda, Suiça, Itália, Escandinávia, Espanha, Brasil e Argentina.

Efectuou um grande numero de gravações em disco para algumas das mais prestigiosas marcas da actualidade. De 1956 a 1964, organizou as semanas Bach de Ausbach. Desde 1965 é director artistico do estival Bach de Munich. nvjiviu

«Segredos do Mar»

O rápido crescimento no tráfego de navios-tanques criou este problema: o efeito acumulado de cada vez maiores quantidades de petróleo serem descarregadas no mar.

A poluição tornou-se, por isso, motivo de preocupação mundial.

É este o tema tratado hoje pelo dr. Hélder Mendes, no seu programa «Segredos do Mar».

Dean Martin

Jerry Lewis

NOITE DE CINEMA
«Eles no Colégio»

Para a «Noite de Cinema» de hoje está programado o filme «Eles no Colégio» (That's My Boy), com Dean Martin, Jerry Lewis e Eddie Mayehoff.

«Um antigo campeão desportivo deseja que o seu débil filho siga os seus triunfos...»

O GRUPO 4 NO TIVOLI

O Grupo 4 dá hoje, ámanhã e depois os ultimos espectáculos no Tivoli (sessões ás 18 e 30) com a peça «Amanhã digo-te por musica», de James Saunders. São definitivamente as representações finais deste original que José Palla e Carmo traduziu para o jovem agrupamento.

No elenco, três fundadores do Grupo 4 — João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes — alternam com Fernando Gusmão e com a estreante Luísa Salgueiro. Gusmão encenou, assistido por Irene Cruz.

ORFEÃO DE VISEU

VISEU, 27 — Em assembleia geral, presidida pelo professor Reinaldo Correia de Almeida, foram eleitos os corpos gerentes do «Orfeão de Viseu».

O presidente da Assembleia Geral foi reeleito; o antigo presidente da direcção passou para vice-presidente da Assembleia Geral, que tem como secretários, os srs. António Gonçalves e Celestino de Almeida Soares; para presidente da direcção passou o sr. Fernando Rodrigues de Abreu e Francisco Jerónimo, para vice-presidente; Fernando de Jesus Loureiro, tesoureiro; e Carlos de Vasconcelos Costa e Maurício Alves de Figueiredo, secretários.

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Infantil; 20: Conheça o Portugal Desconhecido; 20 e 20: Em Foco; 20 e 55: «Olho Vivo»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Teatro; 28 e 35: Marcha doMundo; 23 e 45: Fecho

II Pograma — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da Poesia Europeia: 22 e 20: Série do Oeste — «O Maioral»; 28 e 35: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas por Eric Charden; 16 e 15: Tiradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carreiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares» original de Oliva Guerra; 21 e 05: Canconetas portuguesas; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculos: Magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados por Lídia Ribeiro; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 35: Quinteto em Sol Maior, op. 88 n.º 3, de Anton Reicha, pelo Quinteto Danzi; 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas da Obra de Cesar Franck; 18 e 30: Rádio Educativa «Auditório Juvenil»; 19: Horizonte Literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: Dança e Ballett, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 35: Musica de câmara: Duo, op. 7, de Kodaly, para violino e violoncelo, por Jascha Heifetz e Gregor Piatigorsky; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de Arco — Obras de Kreisler; 20 e 30. Musica Coral Sinfónica, comentada por Maria Helena de Freitas; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 2 e 03: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04. Em órbita; 21 e 02: Boa Noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar—383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robial-ac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Leitura; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Carrossel-3; 23: Noticiário; 28 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela mexicana; 21 e 15: Oquestras famosas; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Canto Sérgio Endrigo; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioramo; Hora Infantil; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 28: 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

canal da crítica

ENTRE O TELETEATRO E O TELECINEMA

Uma comédia. Russa. De Katayev. Realizada na Alemanha, em versão livre. Até onde foi a liberdade do adaptador? Ele a incógnita. A adaptação alongou-se por 60 minutos de televisão. É a pecha dos autores de «vandeville»: falam muito, acham muita graça ao que eles próprios dizem e vão andando, vão andando...

O vaudevillismo de Katayev não parece sacrificar-se ao puro divertimento, á vertigem desencontrada das situações. Tem objectivos de crítica social, crítica essa que assume aspectos por vezes de enorme dureza para algumas faces da sociedade soviética.

O problema da falta de habitações e o da distribuição das mesmas em precárias condições ao nível da caricatura, as relações amorosas entre os jovens e a vacuidade de algumas das suas ocupações e preferências, o desejo avassalador de determinados objectivos, característico de uma sociedade de consumo — eis alguns alvos das setas afiadas de Katayev. Evidentemente, repete-se, é muito difícil saber onde acaba a responsabilidade de Katayev e onde principia a do adaptador alemão.

Quanto á realização, que diremos de «Os Tempos do Amor»? E em que género classificaremos a emissão de ontem?

Entre a televisão e o teatro quatro formas de convivência são possíveis:

1 — A TV transmite directamente uma peça que se desenrola em pleno palco;

2 — Uma peça, feita para o palco, é transmitida directamente do estudio;

3 — A uma peça, feita para o palco, é dado um tratamento televisivo;

4 — A peça foi criada propositadamente para a TV.

«Os Tempos do Amor» é o exemplo de uma peça adaptada á televisão. E a adaptação foi executada com mão de mestre. Repare-se que só na aparência a emissão de ontem nos sugere um carácter cinematográfico. Os materiais utilizados podem ser os mesmos, mas os resultados são outros. O realizador aboliu toda a sensação de grande espectáculo que o grande «écran» pode proporcionar. Preferiu a conversa quase cicciada, preferiu a intimidade, os gestos calmos, as palavras medidas.

Por outro lado, foi notória a ausência dos grandes planos que o teleteatro usa e abusa, mas de que o cinema não pode servir-se com a mesma intensidade. *«Cinco minutos de grande plano no cinema tornavam-se intoleráveis* — diz-nos L. Bennett — *mas são perfeitamente admissíveis em TV»*. Pelo que quase nos atrevíamos a crismar de telecinema a adaptação para a TV da peça de Katayev.

O publico português, habituado ás tiradas do peito dos nossos actores, talvez tenha

(Continua na pág. seguinte)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos-de-ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE.

190 contos rendem-lhe 1187$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

achado um tanto monótona a emissão de ontem. Não será chegada a altura de se começar a criar em Portugal uma «companhia» de actores de televisão? A realização de ontem ensinaria muito a quem quisesse aprender.

MOMENTO DESPORTIVO

O eng.º Chaves Rosa, dos «Belenenses», vem ao «Momento Desportivo» fazer profissão de fé no amor da juventude pelo desporto. O clube de Belém abre as portas de par em par á juventude. Agora, a falta que mais se faz sentir é a de um pavilhão gimnodesportivo polivalente, mas isso também há-de vir.

Não é a primeira vez que auscultamos este entusiasmo nos iniciados, nos missionários. Depois... depois são as dificuldades... as desilusões... o ar rarefeito... os obstáculos intransponíveis... a recusa... o silêncio... a fuga como uma libertação... o esquecimento como uma dádiva. Oxalá com o eng.º Rosa tudo se modifique. De salientar a insistência com que o entrevistador pretendeu levar o dirigente belenense para um ataque frontal á organização do Totobola. O ataque, com utilização da «Bomba H TV», iniciou-se no sábado com a charla de João Couto que propôs se constituísse o Totobola em empresa publica.

A entrevista capaz igualmente de nos fazer meditar na estranha máquina que é o Desporto no nosso País (cabeça monstruosa num corpo tão pequeno...) veio-nos do Porto. Falou Mário Silva, ciclista do quadro do Futebol Clube do Porto que abandona o seu clube de há 11 anos para se colocar em Lourenço Marques. Motivo: propuseram-lhe condições inferiores ás dos seus colegas. Porquê?

Mário Silva queixa-se. Queriam tratá-lo como a um «popular», a ele, vencedor da Volta a Portugal, a ele profissional consciente dos seus direitos. Porque o era, falava. Falava em seu nome e no nome dos seus colegas, por todas as razões e porque aquela era a sua profissão, tinha mulher e filho a sustentar. Falava muito, e por isso até lhe chamavam «revolucionário». Não, ele não podia concordar com aqueles que diziam que «os ciclistas só devem carregar nos pedais...»

(Este e outros problemas levantam a necessidade da criação de um sindicato que integrasse não apenas os futebolistas, mas todos os desportistas profissionais).

Mário Silva: mais uma aventura desportiva que chega ao fim. Aparentemente sem amargura. Aparentemente sem desespero. Mas que destino aguarda quem passou os melhores anos da sua vida a mascar estrada elástica em cima de uma bicicleta?

MÁRIO CASTRIM

Menor desaparecido

AVEIRO, 27—Desapareceu, no dia, 11 da casa dos seus pais, no lugar do Olho de Água — Esgueira, o menor de 11 anos, Manuel António Almeida Dias dos Santos, filho do sr. José Dias dos Santos Novo e da sr.ª D. Maria de Jesus Almeida. Vestia camisola verde, de lã, e calças cinzentas ás riscas, calça botas de borracha e tem o cabelo louro-escuro. Qualquer informação sobre o seu paradeiro pode ser comunicada aos pais, aflitos, que agradecem.

Manuel A. A. Dias dos Santos

TAUROMAQUIA

«Monumental» de Luanda

LUANDA, 27 — (L.) — O cavaleiro Varela Cid triunfou na primeira corrida da época taurina de Luanda, ouvindo uma das maiores ovações registadas até hoje na «Monumental» desta cidade quando, a pedido do publico, cravou um magnífico «curto».

José Julio esteve bem, especialmente no segundo touro. Antonete revelou-se esforçado mas o terreno não ajudou a lide, devido ás copiosas chuvas caídas esta madrugada.

Os forcados estiveram em bom plano, realizando duas valentes pegas.

NOVOS COMPUTADORES HEWLETT-PACKARD

A técnica de medidas electrónicas determinou, em muitos aspectos, os limites do actual progresso tecnológico e científico. Por sua vez, a contribuição da fábrica Hewlett-Packard no campo da aparelhagem electrónica de medida e de laboratório tem atingido notável plano, com a enorme expansão das suas multiplas aplicações.

Com a mais sólida reputação de vanguarda nos meios internacionais da electrónica profissional no panorama actual da evolução tecnológica, a H. P. foi a primeira companhia a resolver o problema da adaptação, quando, há dois anos, enveredou, decididamente, no campo dos computadores, para provar a instrumentação que combina, simultaneamente, a aquisição de dados de medida com o seu processamento. Os computadores H. P., ainda que de uso geral, dispõem da capacidade especial de trabalhar com instrumentos de medida, fácil e rápidamente, tanto para a interpretação das leituras como para o «contrôle» das operações. Salienta-se que os computadores projectados especificamente para o processamento de medidas electrónicas são mais eficientes que os computadores de uso geral, que necessitam de laboriosa adaptação a este serviço.

A Telectra — Empresa Técnica de Equipamentos Eléctricos — S. A. R. L., como representante em Portugal de Hewlett-Packard, está a promover, em colaboração com esta companhia, sessões de apresentação dos computadores que fazem parte da linha de «Data Produts». Uma das sessões realizou-se ontem á tarde, tendo sido convidados os representantes dos órgãos da Informação, recebidos pelos srs. engºs Vaz Pinto, administrador da Telectra, e António Neves, do departamento técnico da empresa.

Foram apresentados dois modelos da linha de computadores H. P.:

O 2116B, o modelo mais representativo por ser o de maior capacidade e por constituir o CPU nos sistemas em «Tempo Real» e «Time Sharing da Hewlett-Packard; e o 2114A modelo mais simplificado e também de preço mais reduzido. Qualquer dos modelos é de uso geral e pode adaptar-se a um grande numero de aplicações. Estes computadores podem funcionar em ambientes com temperaturas de 0 a 50º C e humidade relativa de 95% a 40 c.

O modelo 2116B tem uma memória central de nucleos magnéticos de 8192 palavras de 16 bits com possibilidade de expansão para 32 000 palavras. A sua capacidade pode ser aumentada de um milhão de palavras com a utilização de memórias de disco. No «software» fornecido com estes computadores, incluem-se compiladores de Fortran, Algol e Basic (conversacional), além do Assembler.

Entre as aplicações possíveis deste tipo de computadores, incluem-se o ensino, oceanografia, ensaio de produção, navegação, comunicações, distribuição de energia eléctrica, sistemas de aquisição de dados e sistemas auxiliares de grandes computadores.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Auto Portuguesa, Lda.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 50-A
Telefs. 5 40 26 - 4 74 96
LISBOA

VENDE

FIAT 600 D — 1963-65
» 1500
» 1800 B
» 2300
» 850 COUPÉ
» 1100
ALFA ROMEO GIULIA 1600 TI
ALFA ROMEO JULIETA
AUSTIN 1100
V.W. 1200
RENAULT R-16
PEUGEOT 404
MG 1100
DKW 1000 SP COUPÉ
TAUNUS 17-M S
FORD MUSTANG — 1967
FIAT 124
NSU PRINZ III
RAMBLER DESCAPOTÁVEL
OPEL 1700
OPEL REKORD

FURGONETAS

V.W. — 9 lugares
RENAULT 4 L — 63-64
RENAULT 4 F
TAUNUS utilitária
AUSTIN 850
PEUGEOT 203

Temos mais unidades todas revistas nas n/ oficinas

GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTOS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DO CONCELHO DA NAZARÉ

AVISO

— Os Serviços Municipalizados de Água, Electricidade e Transportes Colectivos da Câmara Municipal da Nazaré tornam público que recebem propostas em carta fechada e lacrada, até às 16 horas do dia 13 de Fevereiro de 1970, para fornecimento de uma viatura tipo misto para serviço de transporte de material e de 8 passageiros, excluindo o motorista, e equipado com motor Diesel, dando em troca um outro veículo usado de marca AUSTIN J 4 MID, de características semelhantes às descritas.

— As condições do concurso podem ser examinadas na Secretaria dos Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, ou serem fornecidas a quem as requisitar, contra o pagamento de 10$00 (Dez escudos).

— A abertura das propostas terá lugar no dia e hora acima referidas.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Concelho da Nazaré, 23 de Janeiro de 1970.

O presidente do Conselho Administrativo,

GUILHERME RAMOS

Mensagem do Patriarca Athenágoras para o Centro Ecuménico de Reconciliação da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 27 — Nesta cidade estão a decorrer as cerimónias e estudos da «Semana de Oração pela Unidade Cristã», promovidas pelo Centro Ecuménico de Reconciliação.

Na sessão realizada no Grémio do Comércio, o Metropolita Emiliano apresentou á assembleia uma saudação especial do Patriarca Ecuménico Athenágoras, saudação dirigida áquela assembleia e a todos os cristãos portugueses.

—Essa saudação é a seguinte:

«Durante a visita do meu representante, o Metropolita Emilianos, encontrar-me-ei unido em oração convosco. Agora, que o Amor expulsou o frio que separava as nossas Igrejas, é com particular alegria que eu vos saúdo. Muito gostaria de poder abraçar pessoalmente neste momento, todos os membros do Centro Ecuménico Reconciliação e os participantes nesta «Semana de Oração Pela Unidade Cristã».

Antes das suas divisões, as Igrejas compartilhavam os seus tesouros. Que esta atitude seja de novo assumida. O Inverno e os tempos difíceis são passados. Já entramos no período do Verão. O nosso clima é quente. É necessário aqueçê-lo ainda mais por meio de encontros tão significativos como este. — *Athenágoras, Patriarca Ecuménico*».

O Metropolita Emilianos em Lisboa

Vindo de Coimbra e da Figueira da Foz chega hoje a Lisboa, o Metropolita Emilianos que vem fazer uma palestra do Lisbon Unity Group.

Amanhã á noite, no salão paroquial de Santa Isabel, ás 21 horas, o Metropolita Emilianos dirigirá um colóquio sobre «Ecumenismo e Ortodoxia».

TRADUZIU-SE EM MAIS DE 300 000 CONTOS A ACÇÃO FINANCIADORA DO FUNDO DE TURISMO

Traduziu-se no volume global de 321 633 830$00, dos quais 27 470 830$00 foram investimentos não reembolsáveis, a acção financiadora do Fundo de Turismo, no decorrer do ano económico de 1969. Com respeito aos financiamentos não reembolsáveis, estes foram destinados ao fomento da promoção turística (26 738 830$00), bem como, entre outras coisas, ao beneficiamento dos locais de interesse turístico (732 000$00).

O fomento da industria hoteleira e similares (291 617 000$00), bem como outras realizações de atracção turística (2 546 000$00), constituiram os financiamentos reembolsáveis. Também neste sector se incluem as modalidades de empréstimo directamente mutuada (166 617 000$00), com suporte nas receitas ordinárias do fundo e na emissão de um empréstimo por obrigações e de prestações de fiança a empréstimos concedidos através da Caixa Geral dos Depósitos (12 500 000$00).

Com uma verba da ordem dos 4000 contos foi dotado o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, sendo assegurada a utilização para melhoramentos, nas zonas de jogo, da importancia de 2403 contos.

CURSOS DE FRANCÊS NO LICEU CHARLES LEPIERRE

O Liceu Francês Charles Lepierre organiza cursos de Língua e Civilização Francesas destinados a funcionários e a adolescentes ou adultos que desejem aprender francês ou melhorar os seus conhecimentos.

Para adolescentes, o Liceu organiza, a partir de 12 de Fevereiro, cursos audiovisuais (com sessões no laboratório de línguas), a um ritmo de cinco sessões por semana, das 17 ás 19 horas ou das 19 ás 20 e 30 horas, o que lhes permitirá adquirir em 16 semanas uma boa prática da língua francesa.

Os estudantes que já possuam conhecimentos de francês serão, mediante testes, orientados para as classes que correspondam ao seu nível.

Podem, gratuitamente, assistir ás sessões cinematográficas que o Liceu organiza semanalmente para os seus alunos e respectivos pais e candidatar-se — quando na 6.ª ou 7.º classes — á obtenção de uma bolsa de estudo em Pau (França), durante os meses de Julho ou Agosto.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TONY, «anjo da guarda» de JOÃO NOGUEIRA:

«LIMITEI-ME A AJUDAR UM HOMEM EM PERIGO»

Nos lamentáveis acontecimentos que marcaram indesejàvelmente a tarde desportiva de domingo último no Estádio da Luz, algo se verificou de positivo. Antítese da fúria destrutiva. Expressão aliciante de um esquecer de agravos. Consciência humanitária. Sem pensar. De impulso. Bela.

Referimo-nos a Toni e ao seu gesto instintivo de protecção. Falámos com ele. Para ouvir e registar. Para transmitir.

—Quando me apercebi da invasão do campo, olhei para o juiz da partida e vi-o de costas, absolutamente alheado do que ocorria nesse mesmo instante e o visava especialmente. Pensei que ele precisava urgentemente de ajuda...

O jovem médio benfiquista sorri e acrescenta:

— Foi só o que pensei. A partir daí acabaram-se os pensamentos. Todos os meus gestos seguintes foram instintivos. «Vi-me» a fazer. Só isso...

Interrogando-se:

— E, afinal, que fiz eu?... O que qualquer um faria nas mesmas circunstâncias. Limitei-me a ajudar um homem em perigo. O mesmo fez um jogador do Belenenses, não sei se Estêvão se Saporitti.

Afirmativo:

— Não! Posso garantir que ninguém tocou no er. João Nogueira. Quando me apercebi da multidão — não seria uma multidão, note, mas parecia — corri para ele e gritei-lhe: «Foge!». Ele hesitou, momentaneamente indeciso entre fugir e não fugir. Impeli-o pelos ombros e auxiliei-o a aumentar a velocidade da corrida. Ninguém lhe tocou. Só o larguei á entrada do túnel. Penso que se terá magoado quando saltou. Ia muito lançado.

Respondendo a uma pergunta:

— Quem pode pensar em agravos ou prejuízos numa altura daquelas?... Creio que ninguém. Num momento de crise, ao ver-se alguém em risco eminente... interessa é ajudar, prestar auxílio. É uma reacção humana, que se sobrepõe naturalmente a tudo o mais!...

Opinando:

— Evidentemente que lamento a atitude assumida pelos intervenientes no caso. Refiro-me á parte do público que se deixou exaltar em demasia. Toda a gente diz que errar é próprio dos homens, e deviam lembrar-se disso exactamente no momento em que os erros se verificam. O árbitro errou — e muito. Foi ingénuo. Prejudicou a partida. Mas, afinal, é um homem — com direito a errar como, por certo, erram, no dia-a-dia, aqueles que o perseguiram.

A terminar, Toni confessa-nos ainda:

— Ainda estou surpreendido com tudo o que aconteceu. Estava convencido de que uma coisa assim só seria possível em meios pequenos, e nunca num grande estádio de uma capital!

Mas aconteceu. Oxalá que tenha sido uma vez sem exemplo...

O RELATÓRIO DO ÁRBITRO É APRECIADO AMANHÃ

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol que já está em poder do extenso relatório do árbitro João Nogueira que no passado domingo dirigiu o acidentado encontro Benfica-Belenenses.

A apreciação do relatório inicia-se amanhã, às 16 horas.

28.° ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA AMADORA

A Associação Académica da Amadora comemorou, ontem, com uma sessão solene, a passagem do 28.° aniversário da sua fundação. Presidiu o sr. Artur Martinho Simões, ladeado pelas sras. D. Maria Rosa Temudo Vasconcelos Dias e D. Maria Fernanda Neto, e pelos srs. António Julião Levezinho, José Amaro e A. Pombo. Após a palestra proferida pelo professor de ginástica Dâmaso Rodrigues que falou sobre «Problemas desportivos», foram distinguidos 27 associados, com vinte e cinco anos de filiação e entregues medalhas a atletas campeões de várias modalidades desportivas.

Amanhã BELENENSES-SPORTING (RESERVAS)

A contar para a Taça «Isaac Sequerra», realiza-se amanhã, no Estádio do Restelo (com início ás 21 e 45) o jogo entre as «reservas» do Sporting e do Belenenses.

Entretanto, está marcado para as 20 horas, no mesmo estádio, um encontro entre a «reserva» do Benfica e uma selecção de juniores. No entanto, esta partida só se realizará se as condições do tempo forem favoráveis.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O PORTIMONENSE VENCEU (1-0) O TRAMAGAL

Em Portimão, no jogo que contava para o «Nacional» da 2.ª Divisão e fora adiado, o grupo local bateu o Tramagal por 1-0.

As equipas formaram:

PORTIMONENSE — Daniel; Jacinto, Marujo, Hélio e Celestino; Évora e Ramos; António Luís, Lecas, Mateus e Pacheco.

TRAMAGAL — Bonito; Mateus, Rui, Nelson e Armando I; Armando II e Baptista; Cateto, Vítor Gomes, Cunha e Mendes.

Árbitro: Ismael Baltasar (Setúbal).

Golo de Pacheco, aos 29 minutos do 2.° tempo.

VOLEIBOL

L. Ginásio e Técnico vencedores dos jogos para o «Regional»

A contar para a 4.ª jornada do Campeonato de Lisboa, em seniores, realizaram-se ontem á noite dois encontros.

Na Escola Nuno Gonçalves, o L. Ginásio venceu o Externato de Moscavide por 3-1 (15/6; 15/12; 10/15; 15/12), as equipas alinharam:

L GINÁSIO — Fernando Simões, Eduardo Sousa, Caza Ribeiro, Rodrigo Carvalho, Joaquim Azevedo, José Sales, António Ribeiro, João Preto e Marques Pereira.

MOSCAVIDE — Carlos Brilhante, João Ruivinho, Fernando Riça, Carlos Félix, Hélder Silva, José Fernando e Pedro Carrapito.

Árbitro: Alfredo Silva.

Bom começo dos ginasistas, que pareciam ir alcançar um fácil triunfo. No entanto, os jogadores de Moscavide nunca se deram por vencidos, foram equilibrando o encontro e oferecendo excelente réplica.

O maior poder dos vencedores acabou não obstante, por impor-se, permitindo-lhes um justo triunfo

No ginásio do Técnico, a equipa da casa venceu o Sintrense por 3-0 (15/1; 15/8; 15/5)

Sob a direcção de Almeida Tavares e Fernando Alves, as equipas apresentaram:

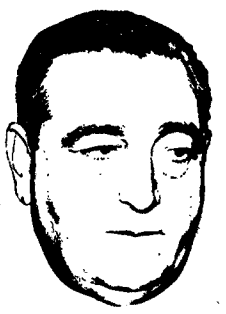
TÉCNICO — André Mendes, João Carlos, Pinto Coelho, Costa Reis, Raul Carregoso, Luís Briz, Élio Franco, José Coelho e Cunha Pereira.

SINTRENSE — José Manuel, Joaquim Silva, João Estrela, António Damião, Lyon de Castro, Angelo Silva, Rui Marcelino e António Rocha.

Vitória fácil dos «engenheiros» num encontro que não teve história, tal como o próprio resultado indica.

Andebol, um desporto para todos (5)

A PROPÓSITO DA TAÇA LATINA



por MATOS MOURA

Lisboa, com uma população superior a um milhão de habitantes e com um crescente numero de praticantes de desporto, ainda não possui um Pavilhão de Desportos, á altura da sua projecção, como grande cidade cosmopolita.

O actual pavilhão do Parque Eduardo VII, a que irónicamente chamam de desportos, serviu para remediar e mesmo assim, a sua cedência pela Câmara Municipal de Lisboa, nunca foi feita em condições aceitáveis para os desportos «nobres» a que teimam apelidar de «pobres».

Este recinto é há muito insuficiente, pois já não reune o mínimo de condições para as exigências da época.

Acreditamos que a Câmara Municipal de Lisboa a que preside um homem que muito tem feito pelo desporto, juntamente com a Direcção-Geral dos Desportos e o Fundo de Fomento Desportivo, se debrucem sobre o assunto e que resolvam esta necessidade imperiosa.

Não seria uma boa aplicação dos dinheiros do Totobola destinado ao desporto?

Vêm estas linhas a propósito da realização em Lisboa, na segunda quinzena de Março, da Taça Latina de Andebol «Esperanças» e os jogos se efectuarem no antigo pavilhão, que foi da Exposição de Portugal, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, na década de 30.

Os países que nos visitam, desde a vizinha Espanha que tem Pavilhões até em cidades de terceira ordem, a França, a Roménia, vão estranhar, uns por ainda possuirmos e mantermos o actual recinto, os outros por não possuirmos um, á altura da beleza da nossa linda e querida cidade

✡

A propósito desta organização, que desejamos seja um êxito, assaltam-nos contudo muitos receios, sobretudo no que respeita a alojamentos e alimentação, especialmente, as horas das mesmas.

Por experiência própria, podemos testemunhar como têm sido recebidas e tratadas as nossas representações, quando temos competido no estrangeiro. Bons hotéis, boa alimentação e cuidados especiais na recepção.

A nossa tão reclamada hospitalidade vai ser posta á prova e eu sinceramente desejo que ela saia prestigiada.

Não é necessário ser-se rico para se ser fidalgo e eu creio que se impõe que as equipas que nos visitam sejam recebidas fidalgamente, que no fundo será uma retribuição daquilo que nos fazem lá fora, quando lá vamos competir.

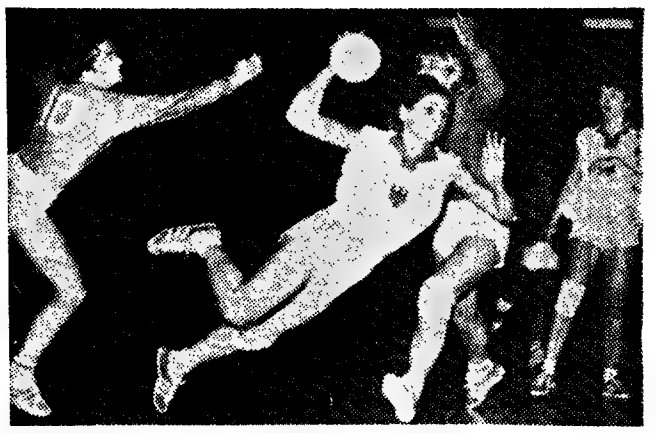
Estou convicto que a nossa Federação fará todos os esforços para cumprir a sua missão, mas se lhe faltarem condições, lá irão por água abaixo, as suas boas intenções

A direcção da Federação trabalha afanosamente para que nada seja descurado. Os responsáveis vela parte técnica têm ainda mais de mês e meio para limar as últimas arestas da que será a nossa selecção que todos temos obrigação de aplaudir e acarinhar, para que ela nos possa dar a satisfação que todos ambicionamos. Uma vitória tão apetecida que nos encheria de orgulho.

Os responsáveis têm de cuidar em pormenor de todos os detalhes, em quanto é tempo e não guardarem para a última hora, em que já não há soluções possíveis.

Temos conhecimento de algun casos, que não têm tido a solução mais apropriada e conveniente. A selecção é uma constante, não se pode nem deve esquecê-la.

Vamos aproveitar o tempo que falta para acertar as agulhas e trabalhar afincadamente, para não haver depois ...desculpas sem nexo.



Andebol feminino. Elas já jogam assim...

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

PRIMEIRA OFENSIVA PORSCHE NAS 24 HORAS DE DAYTONA

• SIFFERT, REDMAN, RODRIGUEZ E O FINLANDÊS KINNUNEN RESPONSÁVEIS PELOS NOVOS «917»

Os Gulf-Porsches 917, capazes de atingir a velocidade horária de 260 km, vão correr pela primeira vez no sábado, nas 24 Horas de Daytona, tripulados por Jo Siffers, Brian Redman, Pedro Rodriguez e Leo Kinnunen, pilotos da J. W. Automotive Engineering.

Os Gulf-Porsches foram especialmente modificados na sequência de testes realizados pela Porsche e pela equipa de John Wyer no Circuito da Áustria, em Outubro. Na corrida inaugural da época de campeonatos de 1970, em Daytona, os Gulf-Porsches utilizarão asas de estabilização mais pequenas do que as que se utilizaram em 1969. As longas asas foram substituídas por uma única secção de estabilização, simples mas muito eficaz, na linha dos Gulf-Mirage.

Os Porsches de 4,5 litros e 12 cilindros, com arrefecimento por turbinas, serão reabastecidos de hora a hora e a equipa Wyer tem programadas 22 paragens para esse efeito para cada carro. Da equipa de mecanicos Wyer, especializada nestas corridas de longa distancia, exige-se actuação relampago. No fim da época passada foi atribuido a John Wyer o troféu Fesodo pelos esforços desenvolvidos pela sua equipa, que culminaram com duas vitórias consecutivas nas 24 horas de Le Mans com o mesmo Ford GT 40.

Siffert, de 33 anos, e Redman, de 32, conquistaram para a Porsche, na ultima época, o Campeonato Mundial de Marcas e serão, em 1970, os responsáveis por um Gulf-Porsche.

Pedro Rodriguez, de 29 anos, foi um dos pilotos do Ford GT 40 vencedor em Le Mans em 1968 mas, para Leo Kinnunen, de 26 anos, o «Finlandês Voador», esta será a primeira época de corridas internacionais.

A corrida das 24 horas de Daytona, disputada num circuito que inclui uma zona própria para altas velocidades e outra cheia de curvas, foi vencida no ano passado por Mark Donohue e Chuck Persons num Lola de 5 litros apesar de terem perdido duas horas nas «boxes». Problemas mecanicos perturbaram os dois corredores. Jo Siffert estabeleceu novo recorde de volta, percorrendo o circuito de 6 quilómetros em 1 m. 54 s. (192,504 km/h.) num Porsche 908 de 3 litros. A média do vencedor foi de 168,88 km/h., inferior á média recorde estabelecida em 1966 por Ken Miles e Lloyd Ruby, em Ford Mk 2 de 7 litros em 172 km/h.

O piloto suiço Jo Siffert, de 33 anos, pode considerar-se um dos mais velozes do Mundo. Na sua estação de serviço Gulf de Friburgo (perto de Berna), Jo vende Porsches e planeia o seu sobrecarregado programa de corridas para 1970 que inclui um Grande Prémio em Março, as corridas para carros de desporto do troféu CanAm, com um Porsche, na América do Norte, e um contrato com a J. E. Automotive Engineering para as corridas do Campeonato de provas de longa distância de 1970 com os Gulf-Porsche 917.

Jo começou a correr com um objectivo fundamental— comprar uma moto Gillera de 125 c.c. em 1957. A sua vontade de ter êxito foi recompensada e, em 1959, era campeão da Suíça numa 350 e classificava-se em terceiro lugar no Campeonato Mundial de «side-car». Com o dinheiro que ganhou nas corridas de motos comprou um Lotus 18 em 1960 mas vendeu-o em 1961 para comprar um modelo mais moderno — o Lotus 20. Os seus carros eram pintados de vermelho com uma lista branca e Jo usa um capacete vermelho com a cruz branca suíça na frente.

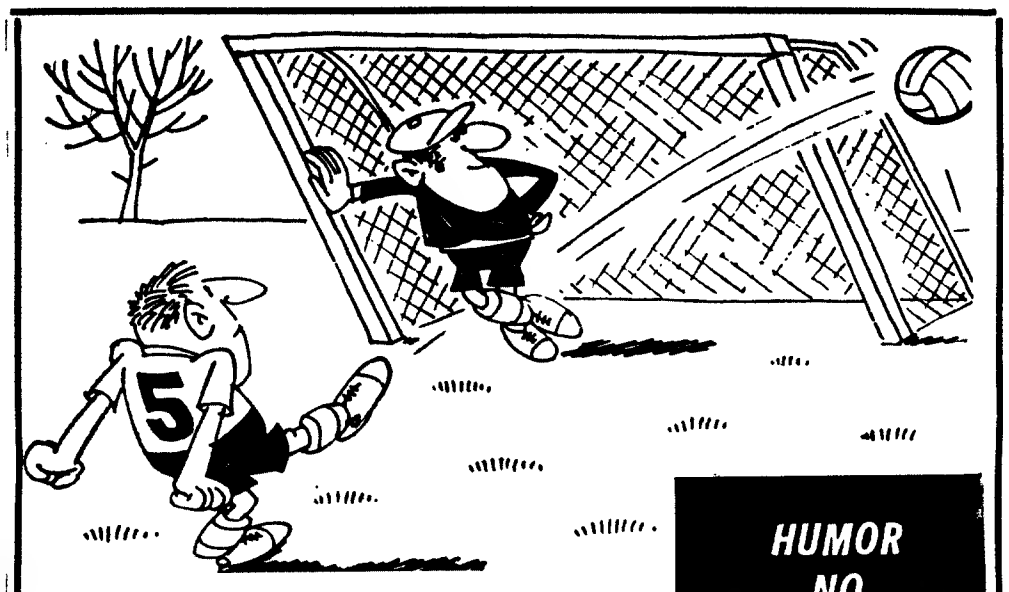
O degrau seguinte na escada da sua carreira de corredor foi a entrada na Fórmula 1, correndo com o seu próprio carro até assinar um contrato com o «team» de Bob Walker que pressentiu no suiço o talento, a determinação e a chama necessárias para vencer corridas de Grandes Prémios. No Grande Prémio de Siracusa, em Abril de 1965, Siffert manteve grande luta com Jim Clark e John Surtees tendo comandado desde a 36.ª até à 45.ª volta, quando o motor se avariou. Esperou pela corrida de Enna, nesse mesmo ano, e bateu então Jim Clark em toda a linha.

Quando se verificou a alteração da fórmula, em 1966, Rob Walker tinha limitações na escolha das suas máquinas e decidiu-se pelo Cooper-Maseratti de 3 litros, principalmente porque garantia potência e confiança. Não era, contudo, tão rápido como se esperava.

Para 1968, Walker decidiu comprar a Siffert um carro verdadeiramente competitivo e adquiriu o Lotus-Ford 49 de Jim Clark logo a seguir à vitória no Grande Prémio da África do Sul. Mas na primeira volta dos treinos para a corrida dos Campeões em Brands Hatch, Jo sofreu um acidente e o carro ficou muito danificado. Um incêndio nessa noite, na oficina de Walker, onde estavam a ser aproveitados os destroços, destruiu completamente o equipamento técnico da equipa. Walker comprou para Siffert um Lotus-Ford em segunda mão, entendendo que ele precisava doutro carro para o Grande Prémio da Grã-Bretanha, em Brands Hatch. Jo combateu o seu azar na corrida anterior de Brands Hatch e venceu o Grande Prémio. Era a primeira vitória do piloto suiço numa corrida do Campeonato do Mundo de Condutores, e foi também a primeira vitória de Walker em Grandes Prémios desde a vitória de Stirling Moss sobre os Ferrari em Nurburgring, em 1961.

Na época passada, venceu seis das corridas internacionais de carros de desporto em Porsches e classificou-se em quarto lugar no troféu CanAm tripulando o seu Porsche 917 PA de 4,5 litros, em competição com os carros de motores americanos de 7 litros.

Siffert fala melhor o francês do que o inglês. Os seus passatempos quando tem tempo para se lhes dedicar! — são o «ski», o hóquei no gelo e as corridas de «ski-bob».



O truque do guarda-redes

HUMOR NO DESPORTO

Tommy Docherty
fracassou como técnico do Aston Villa

Depois do grande escandalo feito pelos sócios, após o encontro da passada semana, em que o Aston Villa foi derrotado em casa pelo Portsmouth por 3-5, os dirigentes do clube de Birmingham decidiram rescindir o contrato com o treinador Tommy Docherty e dispensar, também, os serviços do preparador fisico Arthur Cox.

Tommy Docherty esteve treze meses ao serviço do Aston Villa e ainda há três semanas havia recebido um voto de confiança da Junta Directiva como reparação moral pelo descontentamento que os sócios do clube vinham manifestando pelo seu trabalho, por vezes até em termos desprimorosos para a sua dignidade profissional.

Quando Docherty assumiu a direcção do Aston Villa, depois de fracassadas as negociações que na altura vinha entabulando com o Atlético de Bilbau, aquele clube inglês encontrava-se no ultimo lugar da classificação do campeonato da II Divisão.

Com a entrada de Docherty, o Aston Villa conseguiu uma série de vitórias que o reabilitaram. Pouco depois, porém, tudo voltou a correr mal e presentemente a equipa encontra-se na pior situação até hoje registada em noventa anos de história do clube.

De novo no ultimo lugar da classificação, a derrota frente ao Portsmouth fez desencadear um autêntico escandalo por parte dos sócios, o qual veio a ditar a sua saída do clube.

O fracasso de Docherty foi tanto mais desastroso quanto é certo que obrigara o clube a investir cerca de 25 mil libras esterlinas (dois mil e quinhentos contos) na aquisição de reforços, sem que os resultados tivessem sido compensados.

CULTURISMO

A força disse presente no «Critério Nacional»

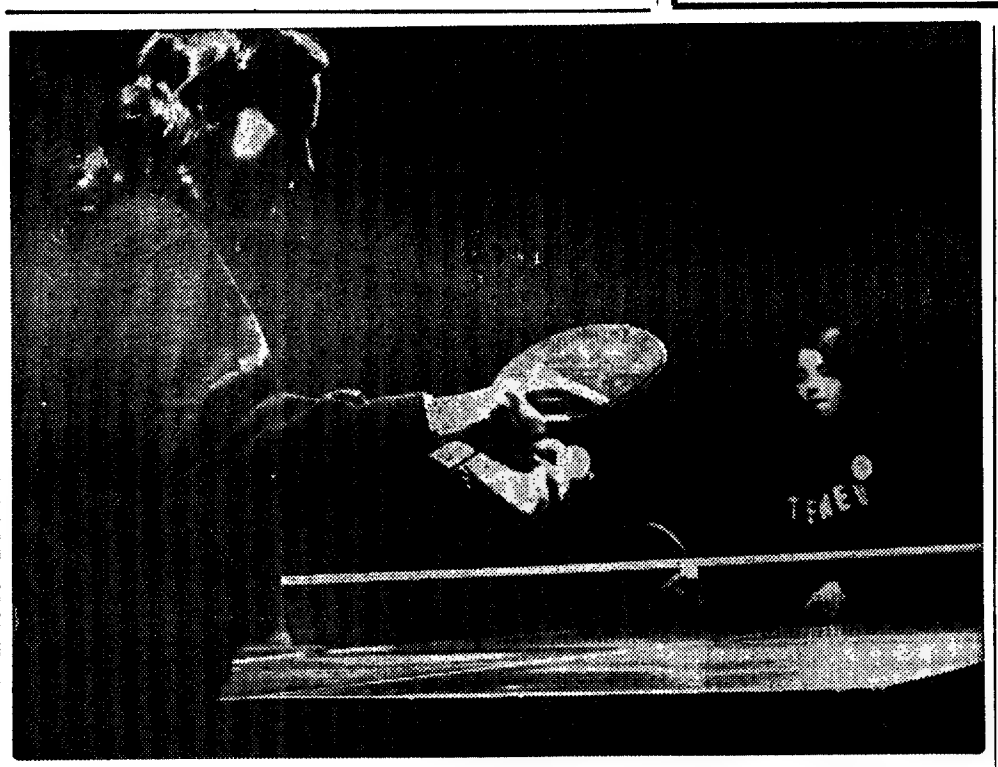
Contrariando a ideia (errada) dos muitos que imaginam o culturismo como uma modalidade em que só a plástica interessa, as provas de força — e até de destreza — vão aparecendo ligadas ás realizações culturistas propriamente ditas.

Assim aconteceu uma vez mais, agora no Ginásio Clube do Sul onde teve lugar o Critério Nacional de Culturismo (sector de levantamentos).

Para além dos progressos verificados em relação a alguns concorrentes, deve destacar-se a expressão qualitativa do Ginásio Clube do Sul na modalidade e a vitória que os seus atletas alcançaram em três das cinco categorias inscritas no Critério.

As classificações foram as seguintes:

Plumas — 1.º, José Almeida (Ginásio do Sul), 412,5 quilos; *Leves* — 1.º, João Isidro (Ginásio do Sul), 460 quilos; *Médios* — 1.º, Vítor Jorge (Ginásio do Sul), 447,5 quilos; *Meios-pesados* — 1.º, João Macedo (Ginásio Hércules), 350 quilos; *Pesados-ligeiros* — 1.º, José Sotto-Mayor (Lisboa Ginásio) 447,5 quilos.



O ténis de mesa é uma modalidade desportiva que procura progredir. No sector feminino conta o interessante jogo da bola de celuloide com muitas simpatias, que lhe granjearão certamente maior numero de praticantes. Entretanto decorrem os campeonatos individuais e aqui temos uma interessante imagem do jogo entre uma representante do Ateneu e outra do Paço de Arcos

JUDO – EXPANSÃO QUE SURPREENDE

Credor de uma expansão surpreendente — atendendo, sobretudo, ás características muito especiais de persistência e de calma julgadas pouco consentaneas com a fogosidade inerente ao temperamento latino — o Judo continua a suscitar admiração... e actividade.

Em face do crescimento verificado, quer no número de praticantes, quer no de clubes filiados, os dirigentes ondossam os melhores esforços no sentido de uma actualização constante dos regulamentos, por forma a torná-los funcionais e compatíveis com a dimensão já atingida.

Assim, reunido sob a presidência do eng.º Prista Caetano, o congresso da Federação Portuguesa de Judo apreciou as alterações a introduzir no regulamento interno, de acordo com o estudo realizado nesse sentido por uma comissão especialmente designada. Vários dos pontos discutidos e já definitivamente assentes dizem respeito a aspectos da arbitragem, de competições, de filiações e de hierarquia.

Estiveram presentes no congresso representantes do Grupo Desportivo do Liceu de Santarém, Judo Clube de Portugal, Clube Shell, Ginásio Clube Português, Associação Académica da Amadora e Centro Especial n.º 1 da Mocidade Portuguesa.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Leixões-Setúbal	X
U. Tomar-Braga	2
Boavista-Porto	X
C. U. F.-Varzim	X
Académica-Benfica ...	2
Belenenses-Guim. ...	1
Penafiel-Gouveia	1
Vizela-B. Mar	2
T. Novas-Sanjoan. ...	2
A. Viseu-Famalicão ...	1
Luso-Farense	X
Sesimbra-Portimon. ..	X
Tramagal-Peniche ...	2

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — O FILHO DE SHANE — A V I S

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
ESTREIA
Um movimentado «western»
O FILHO DE SHANE
com **Mike Marshall** e **Michele Girardon**
Eastmancolor

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 6.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor Technicope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais** e **Roger Hanin**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna e provocante sobre o amor e o sexo..
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ Susan George e Victor Henry

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.30
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRCTICO
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine** e **Patrick McGoohan**
Panavision - Metrocolor (70 mm)

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 3.ª SEMANA
TRES QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
UM HOMEM PARA IVY
O ÚLTIMO MOIKANO

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
O 41.º
O GRANDE INDUSTRIAL

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.30 e 21.30
Um filme gigante em 2.ª semana
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

Dia 26:
QUINZENA DE CINEMA INGLÊS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
VIDA SOLITÁRIA, de Brian Forbes, com Edith Evans e Eric Portman
Dia 30: **O Despertar do Amor** (Adultos)

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Oscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katharine Ross**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 3.ª SEMANA
Ingrid Bergman e **Walter Matthau**
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano! o par mais sensacional do momento

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Technicolor
A LOUCA DE CHAILLOT
com **Danny Kaye** e **Giulieta Massina**

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um filme sensacional de acção, violência e sexualidade!
QUE IMPORTA MORRER
com **Kirk Douglas** e **Sylva Koscina**

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
Êxito incomparável
Um filme de excepcional nível em realismo dramático
A MORTE DE UM PISTOLEIRO
com **Richard Widmark** e **Lena Horne**
A trágica odisseia de um «sherife» vítima de uma revolta contra ele...
TECHNICOLOR

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
MARIA ISABEL
com **Silvia Pinal** e **José Suarez**
A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga..
— EASTMANCOLOR —

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de Bob Fosse em cinemascope e technicolor:
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme seleccionado para inaugurar o Festival de Cannes de 1959

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
10.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de 1970, em cinemascope e technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O HOMEM DE KIEV
À PROCURA DO AMOR

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo
2.ª SEMANA
MISSÃO NO ÁRCTICO
Panavision Metrocolor
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine, Jim Brow**
70 mm

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
CINEMASCOPE
Um extraordinário filme de espionagem de intensa acção
O COMISSÁRIO X E AS 3 PANTERAS AZUIS
com **Tony Kendall** e **Corny Colins**

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 17 anos)
O DIABO À SOLTA
c/ **Yves Montand** e **Madaleine Renaud**

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo»

T E A T R O S

VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23. «Esperteza saloia» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

C I N E M A S

OLIMPIA — Às 21: «O monge da máscara negra» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O continente perdido» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Os filhos de ninguém» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O motim» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «4 Dólares de vingança» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Homens desesperados» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Surcouf, o maior de todos» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A batalha de El Alamein» (12 anos).
VOZ DO OPERARIO — Às 21: «Ao so com o meu amor» (12 anos)
S. L. BENFICA — Às 21: «Massacre no forte da perdição» (12 anos)
LUMIAR — Às 21: «A Primavera em Roma de Mrs Tone» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Ânsia de amar» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Quimera» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Quatro damas para um ás» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Magia da mulher» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «O Agiota» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O Detective» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A Piscina» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Diabo á solta» (17 anos).

● Outra Banda

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Cortina rasgada» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «As cartas do Escorpião» e «Duelo na cidade fantasma» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 2 e 5: «Operação Poker» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Anjo azul» e «O. S. S. 117 Terror em Tókio» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Agente secreto FX-15» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O cérebro» (12 anos.

GRANDE ÊXITO DA REVISTA «PEÇO A PALAVRA!»

De dia para dia mais se acentua o êxito obtido pela alegre revista «Peço a Palavra!», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites, ás 20 e 45 e ás 23 horas, no Variedades.

À frente do elenco, estão os artistas Aida Baptista, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro, Vítor Espadinha e Mariano Franco com a atracção nacional António Calvário, um formoso grupo de «discípulas» e um grande «ballet» internacional. Escrita por Paulo de Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e musicada por João Nobre e Carlos Dias, a revista «Peço a Palavra!» é um espectáculo com deslumbrante montagem e de rara alegria e comicidade.

Muitos são os quadros e os numeros que o publico aplaude com entusiasmo. Entre os numeros musicados de maior agrado, destaca-se «Cheira a Lisboa» uma linda canção, na voz de Anita Guerreiro.

Se ainda não viu «Peço a Palavra!», não perca a sua oportunidade de se divertir com um bom espectáculo.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

ALCÂNTARA — Probidade, R. de Alcântara, 95-A-B (638589)
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Al. Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ **Alentejo,** Av. da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845518)
AREEIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (776314) ✲ **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859) ✲ **Central do Areeiro,** Av. Paris, 2-2 A (720820)
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ✲ **Cardoso, Lda.,** Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✲ **Soldanha,** Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Filalho de Almeida, 38-A (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (31-12-16).
BAIXA — Frazão, R. dos Portos de St.º Antão, 72 (328180) ✲ **Durão,** R. Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ **S. João,** Est. da Luz, 124-A (783179)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) ✲ **Almeida,** R. Silva Carvalho, 136 (681726).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ **Rualto, Lda.,** Rua do Alto do Carvalhão, 5-A e 5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lob.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843)
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, 17-19 (660918)
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✲ **Progressiva,** Rua Santa Marinha, 18 (863619)
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790382)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C., 3, Lote 300 (311091) ✲ **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barriiaro Ruas, 7-C, Olivais-Norte (315539)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, -C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimer, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira 140-B-C (702703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficiência 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua F. Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 01 (321771)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO Grijó, Rua do Grilo, 25 ✲ **Alves de Carvalho,** Rua do Vale de St.ª Antônio, 7-9 (840125)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Telefone 2124020).
ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão 21-A (Tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Telefone 224302)
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 1116 (T. 2273085)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO — Moderna — R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 2290228).
SETUBAL — Higiene — R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal —** R. Cândido Castelo Branco (Tel. 28210)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2210580).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos —** Rua Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clobel —** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telefone 970528).
QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia —** L. do Mercado, 3 (T. 950905).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 291100120).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 0 (Tel. 933920)
COLARES — Colares — Abreu (Tel. 299088

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Aven. Comb. G. Guerra, 64 (T. 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Te. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás Rua Costa Pinto, 86 (Telefone 2432034)
OEIRAS — Godinho — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Brandão — Av. da Republica, 77-C (Tel. 2471054)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 280149); **Cascais —** Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel. 282407)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861358 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla idem e feriados **382069.**

BOMBEIROS — Sapadores **22222** Voluntários. 538524

POLICIA e G. N. R — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José. 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 530758

restaurante arameiro
LISBOA
(Restaurodores)
Trav. St.º Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente pouco nublado, havia nevoeiro em alguns locais e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia ao Rocha, 15°,3; mínima: Penhas da Saude. — 4°,6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 2°; Faro, 5°; Funchal, 16°; Lisboa, 5°; Pennas Douradas, 0°; Portalegre, 6°; Porto, 2°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 7°; na água do mar, 8°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de sudoeste; períodos de chuva passando a aguaceiros.

Amanhã
Nascer ás 8 e 46
Ocaso ás 18 e 53

Dia 30 Dia 6 Dia 13 Dia 21

MARES

PRAIA-MAR. **Hoje**—(3,8 m); (19 e 21 (3,5 m); **Dia 28** — 7 e 30 (3,7 m); 19 e 57 (3,5 m) **Dia 29** — 8 e 18 (3,5 m); 20 e 45 (3,4 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 0 e 21 (1,1 m); 2 e 50 (1,1 m), **Dia 28** — 0 e 58 (1,2 m); 18 e 28 (1,2 m) **Dia 29** — 1 e 45 (1,3 m); 14 e 15 (1,3 m)

Atribuído o Prémio Nacional Tomás Aquino

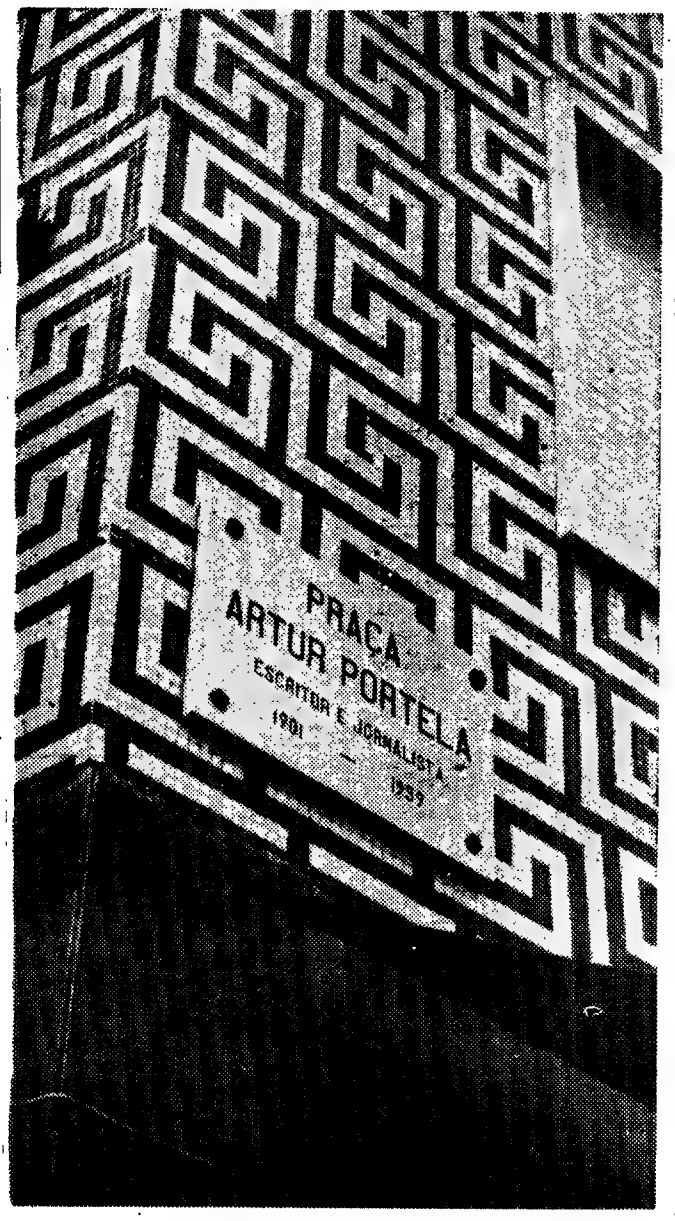
Em homenagem a memória do que foi competente profissional, abnegado dirigente de classe e grande colaborador do nosso prezado colega «Diário Popular», foi agora instituído o Prémio Nacional Tomás Aquino.

O prémio, que passa a ser atribuído anualmente pelo Centro de Formação Profissional das Artes Gráficas do Sul, destina-se a distinguir o aluno melhor classificado nos exames de aptidão profissional. O vencedor da primeira edição deste prémio foi o sr. António Jorge Custórido Cordeiro, sócio n.º 12421 do Sindicato dos Tipógrafos de Lisboa, portador da carteira profissional n.º 16729 e empregado da Empresa Tipográfica Casa Portuguesa, o qual obteve a média final de 15,5 valores.

A entrega do prémio efectua-se amanhã, ás 18 horas, na sede da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, Avenida Defensores de Chaves, 41, 4.º, dt.º, durante uma sessão pública á qual estará presente o presidente daquele organismo.

CONSELHO DE MINISTROS

No Palácio Nacional de S. Bento reuniu, esta tarde, o Conselho de Ministros, sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano. Foi a primeira reunião do Conselho depois da remodelação ministerial de 15 do corrente.



O nome de Artur Portela na toponímia de Lisboa

Ao assinalarmos, em 11 de Março do ano findo, a celebração do 10. aniversário da morte de Artur Portela, que se fazia no dia imediato com significativas homenagens á memória do grande jornalista, o «Diário de Lisboa» sugeria que o seu nome fosse dado a uma das ruas da cidade. Portela, dos maiores jornalistas de sempre, um dos que—acompanhando Joaquim Manso, ergueram, com muito talento e o generoso esforço de uma mocidade estuante e sonhadora, este jornal ao nível do seu prestígio, assinalando, assim, um marco evolutivo na história da Imprensa em Portugal—, esse extraordinário jornalista e vigoroso escritor fora um amorável e apaixonado cronista de Lisboa, que lhe ficou devendo páginas lapidares, inolvidáveis, com a forte sugestão dos dramas, dos anseios, dos sofrimentos e das alegrias da multidão — e de tudo o que há de emotivo e de aliciante no fulgurante impressionismo citadino. Isto e a estatura do jornalista saído do viveiro lisboeta justificavam essa homenagem da cidade que, ao perpetuar-lhe o nome na sua toponímia, trazia-lhe a memória — sempre avivada — ao convívio e ao reconhecimento do povo por ele exaltado.

Houve uma manifestação de intelectuais, impetrando da edilidade a concretização do alvitre do «Diário de Lisboa» e o seu presidente, sr. general França Borges — a quem jornalistas e outros trabalhadores intelectuais devem actos de justiça e expressivas manifestações públicas de apreço —, manifestando, desde logo, profundo interesse por tal solicitação, prometeu todo o seu esforço para que á Camara homenageasse o saudoso jornalista.

Assim foi, e em 17 de Abril seguinte, o «Diário de Lisboa», tributando o seu reconhecimento ao presidente do Município, anunciava a decisão camarária de dar a designação de Praça Artur Portela — escritor e jornalista (1901-1959). á praceta da Quinta do Brito, á Estrada do Poço do Chão, numa das modernas zonas urbanizadas que engrandecem a velha cidade.

Lá está nos cunhais da nova praça citadina o nome do grande jornalista e admirável e apaixonado cronista de Lisboa. E a cidade, prestando-lhe tal justiça, de algum modo se redimiu de muitas, injustas e molestadoras ingratidões para com tantos que a amaram e com o seu talento as graças lhe celebram.

Como conservar
Dentes postiços
com mais firmeza no seu lugar

A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

A Espanha e a URSS poderão estabelecer em breve relações diplomáticas

MADRID, 27 — (F. P.) — As possibilidades de aumento das trocas comerciais entre a Espanha e a União Soviética «não supõem implicações de outra natureza», declarou Nimésio Fernandez Cuesta, subsecretário de Estado espanhol para o Comércio.

Em 1969, segundo indicação do subsecretário, as exportações espanholas para a U.R.S.S. foram de 8 milhões de dólares. «Mesmo se estas exportações fossem bruscamente duplicadas, acrescentou, representariam ainda uma pequenissima parte do nosso comércio exterior».

A Espanha assinou, desde 1958, acordos comerciais bilaterais com todos os países europeus do bloco socialista com excepção da União Soviética.

Entretanto, o encontro que se registou recentemente no aeroporto de Moscovo, de Lopez Bravo, ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, com o subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros, Kovalliev, suscitou numerosos comentários em Espanha e evoca-se a eventualidade da assinatura numa data próxima de um acordo comercial hispano-soviético e mesmo o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.

Dr. Manuel Godinho Matos Júnior

Em visita oficial, á Dinamarca e Suécia, para assistir á reunião dos inspectores da E. F. T. A., seguiu ontem, por via aérea, para aqueles países, o sr. d'rector do Exercício Farmacêutico da Direcção-Geral de Saude, dr. Manuel Godinho Matos Junior.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, s/l (unico no género).

O Dique dos Vinte já dá passagem

SANTARÉM, 27 — As águas do Tejo continuam a baixar, e, esta madrugada, cerca das 6 horas, o Dique dos Vinte deixou de estar vedado ao transito. Assim, já se pode circular na estrada que liga a Chamusca á Golegã.

Fechadas ao transito continuam a estar as seguintes vias de comunicação: Tapada-Alpiarça, Santarém-Alcanhões, Reguengo do Alviela-Pombalinho e Valada do Ribatejo.

Mantém-se cercada pelas águas a localidade de Reguengo do Alviela — situação que se prolonga há 24 dias. Os seus 350 habitantes estão reduzidos, no que diz respeito a abastecimentos alimentares, ás duas mercearias da aldeia. Em caso de necessidade, recorrem ao barco, numa ida até Pombalinho. A viagem só é possível, contudo, quando o tempo está bom. As pessoas que têm obrigações profissionais a cumprir nesta cidade, também utilizam embarcações até Pombalinho, onde tomam a camioneta.

A prolongadíssima cheia deste ano agrava constantemente a crise da agricultura, mantendo inactivos (e desmoralizados) os trabalhadores rurais.

As ultimas leituras nas escalas hidrométicas de Vila Velha do Ródão, Barquinha e Santarém atestam que as águas do Tejo descem sensivelmente. Assim, na primeira localidade, entre as 3 e as 9 horas de hoje, o nível desceu de 8,30 metros para 7,90. Na Barquinha e em Santarém, em igual espaço de tempo, verificaram-se as seguintes descidas do nível das águas, respectivamente: 6,36 metros para 6,14 e 6,99 para 6,90.

Descoberto o autor do crime do Fundão

FUNDÃO, 27 — Acusado de ser o autor da morte do operário têxtil Fernando Sousa dos Santos (natural da Covilhã) cujo cadáver foi encontrado há nove dias no lugar das Sesmarias, a poucos metros da via férrea, encontra-se detido Joaquim Fernandes de Carvalho (de 25 anos, casado, carpinteiro, natural de Vila Chã, no concelho de Barcelos).

A detenção foi feita pela P. S. P. após uma busca à residência de Joaquim Fernandes de Carvalho, onde se descobriu, dentro de uma mala, a gabardina do assassinado. Em face da descoberta, o carpinteiro confessou o crime, entrando porém em contradições quanto aos pormenores do assassinato que — tudo parece — teve como objectivo o roubo dos valores que Fernando dos Santos costumava trazer consigo.

«OPERAÇÃO SAUDADE»

Vindo da Guiné, chegou hoje a Lisboa, o soldado Joaquim Gomes Rodrigues, residente em Fornelos (Barcelos), que foi contemplado com o prémio M. N. F. de «Operação Saudade».

FAZ HOJE 100 ANOS E ENTREGA-SE COM AFÃ À LIDE CASEIRA!

BEJA, 27 — A sr.ª D. Maria do Rosário Veríssimo, natural de S. Marcos da Taboeira, Castro Daire, e há muitos anos residente nesta cidade, completou hoje 100 anos. Apesar de tão avançada idade, D. Maria do Rosário possui uma memória prodigiosa e delicia os familiares e vizinhos com as recordações da sua longínqua mocidade. Entrega-se ainda, com a maior vivacidade, á lide caseira, sem precisar de usar óculos. Dois filhos, 3 netos e 10 bisnetos fazem-lhe companhia no dia em que, para ela, se fecha um século — e outro se inicia.

Deu hoje entrada na Clínica de S. Lucas o «matador» de touros Mário Coelho, que vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica pelo dr. José da Cunha. A operação é provocada por uma cornada em tempos sofrida por Mário Coelho em arenas espanholas, que lhe afectou os movimentos da perna esquerda e impossibilita, de momento, a deslocação do toureiro de Vila Franca de Xira a praças do México.

SEPTÊMPLICE

por Henrique Ferreira Rosa

Era um calor com gosto a agosto. O menino bem vestido tinha nos olhos o tamanho da montra onde se derretiam rosadamente sorvetes de morango. Pediu um á mãe que o acompanhava á distância de um braço estendido e uma mão fechada. mas esta recusou.

(Sinto-me a desmistificar os poetas-com-pena-das-lágrimas-nos - olhos dos-garotos).

2 — A verdade é mole como plasticina ou borracha quente. Molda-se com os dedos conforme os dedos, conforme as mãos.

A verdade é pegajosa e lógicamente não se a devia mastigar.

3 — Estou resolvido a não falar hoje de amor. Tenho pássaros na gaiola para me desforrar e todas as flores cá de casa para desfolhar. E uma para morder até só ser semente. Recuso-me hoje a falar de amor. Chegam-me as fotografias para rasgar e molduras de prata e pano para queimar no meu fogo.

Só espero que não me reste tempo para falar de amor.

4 — Os livros empilhados na mesa dizem-me que «ainda bem que agora uso óculos. se não». E uma jarra ali ao canto, com desenhos imitando pinturas rupestres. traz-me um sentido de antiguidade insuportável Também há pratos antigos pratas e quadros amarelos, mas tudo tão longe de mim como uma palavra. Como uma imagem.

5 — Iniciei ontem o meu processo de autodestruição. Lento como é, leva muita gente a julgá-lo inacessível). Desnudei-me frente ao espelho até me rir da minha pele e da minha cintura. Depois, cobri-me com cinzas de cigarros egípcios, que são fracos e cheiram mal. Amanhã cortarei as unhas dos pés e deixarei pela primeira vez crescer a barba.

Tudo acabará daqui a dois meses, quando for baptizado.

6 — Vieram-me agora dizer que aquela velha a que eu chamara idiota, morreu sob um anuncio de um eléctrico Estou arrependido do que fiz (Devia-lhe ter chamado sómente velha)

7 — O silêncio não é uma virtude do homem.

UMA NO CRAVO (ESPANHOL) OUTRA NA FERRADURA (LUSITANA)

por Mário Gabriel Bonito

I — A PEÇA

«O Cravo Espanhol» é um retrato de simplicidade. Nele se descrevem as relações humanas directas de um povo, as suas imediatas ambições, os conflitos mais puros. «O Cravo Espanhol» pretende ser esse retrato. Dizemos pretende, porque a intenção do autor não segue uma linha homogénea através de todos os actos. Precisamente quando Romeu Correia se divorcia do povo a que pertence, assiste-se a um esboroar de conceitos mais ou menos bem expostos até aí. Referimos as cenas do baptizado, no discurso de Chico Ferro Velho, o industrial (discurso com boas doses de demagogia) e o final que deveria ser orientado noutro sentido. Na direcção exacta da fusão poeta-povo, intenção que se perde, «retrocesso» que deve procurar-se.

Assistimos a uma cegada. Servindo-se de um Carnaval como «backgorund», os actores tomam as máscaras do que são e desenvolvem as suas ambições numa espécie de sonho. Sonho que não pode ignorar-se, alheamento que pretendemos todos os dias.

E o auto-retrato faz a destruição dos mitos onímicos. Fazer de touradas símbolos de algo a alcançar, eis uma boa escolha a ser destruída. Aí já um valor desta peça. Com a possibilidade de entrar em caminhos de sondagem de uma mentalidade portuguesa, o marialvismo na conduta do macho lusitano.

A cegada que o povo representa, a cegada que é o quotidiano da vida de um povo, sem que o sinta.

II — O ESPECTÁCULO

Daqui até ao espectáculo do Teatro Nacional existe um hiato assustador que justifica a continuação do desprezo a que nos dedicamos pela obra de Amélia Rey-Colaço.

A linha que gostaríamos ver imprimida ao Cravo Espanhol era a da farsa, sem qualquer compromisso com o melodrama. E aí entraríamos num acordo com o texto de Romeu Correia, no sentido de breves alterações. Nomeadamente na transformação de uma morte, que, aparecendo como um «castigo», atinge foros da mais fúnebre tragédia.

Edificar um espectáculo do Cravo Espanhol não nos parece tarefa fácil. A utilização de cor, luzes, recursos de interpretação, linha de encenação, foram coisas esquecidas com maior ou menor gravidade.

Mas também nada podíamos esperar de Pedro Lemos, obreiro de uma geração caduca a qual ainda não assistiu ao nascimento de qualquer outra nova. Uma que saiba pegar em cravos espanhóis, em forjas, em tombos no inferno, em pecados joãos agonias, mas sobretudo, pegar em coisas muito mais importantes.

A encenação perde-se, saltita entre texto e público oferecendo a este último apenas as palavras do primeiro que poucas vezes o animam. É um naturalismo estafado, ou qualquer coisa de indefinido que o valha (e que hoje em dia já não valha), exibido por uma confusão de actores cada qual puxando para o seu lado.

Uma linha possível seria a caricatura.

III — HENRIQUETA MAYA

E essa linha percebeu-a Henriqueta Maya. O seu populismo imanente desdobra-se na criação de uma caricatura notável que o é em ambas as cegadas. A da vida e a do carnaval. Ela sabe ser a rapariga da beira-Tejo e corresponder ás reacções e impulsos, á ternura e á ingenuidade de uma oferta de papoilas vermelhas.

É trágico, sabemo-lo, ignorar que uma peça de teatro significa uma equipa de actores empenhada em transmitir a recriação de um escrito. Mas uma vez que as coisas são como são, diante de uma encenação errada onde os actores se desafiam para ver quem faz pior, é justo que se destaque uma actriz que soube entender o texto, senti-lo, e que (admitindo

(Continua na 3.ª página)

UMA AVENTURA PARA NÓS

por Luís Manuel Mateus

Pois é!... — devem tomar uma expressão triste e um tom de voz resignado ao dizer este «pois é» inicial — vá, repitam comigo: Pois é! Pois é isso mesmo! E afinal nem sequer é muito difícil dizer isto assim. Basta desviar os olhos e encolher um bocadinho os ombros (não é preciso muito) e dizer...

Se por acaso acham que ainda não está bem voltem ao princípio, comecem tantas vezes quantas acharem necessárias e (vá lá. que é isso?), não achem graça, não se riam que isto não tem piada. Nós estamos aqui como numa aventura «vamos por um caminho numa floresta escura...» mas não, não é assim, e olhem que também não é nada semelhante a «entrar em castelos á meia-noite». É uma coisa muito diferente deste tipo de aventura-medo.

Já conseguem mesmo fazer o que vos pedi ao princípio? (repito — estão muito a tempo de recomeçar e garanto que com treino tudo se consegue). Mas vamos a isto, vamos á tal aventura. Vá, um bocado de coragem basta. Se querem mesmo entrar, a porta está aberta, a entrada é gratuita a partir dos quatro anos, só necessitam de dizer o tal «pois é» com sentimento. Vamos, mais expressão nesse olhar. É que, sabem, é mesmo assim — Pois é! (AAAA!. — admiração ou vontade de rir?) e não pode deixar de ser assim — resignação acima de tudo. Acreditem que só assim é possível entrar, acreditem e não perguntem porquê. Mas vamos a isto.

Pois é! Imaginem que eu estou num café. Eu ou qualquer um de vocês (aliás não é necessário escolher ninguém de especial). Mas vá lá, seja eu no café. Imaginem-me em frente de uma mesa de tampo verde-fórmica, com um caderno e uma caneta. Eu estou sentado a procurar palavras para contar a minha aventura e gostava que vocês entrassem nela. Mas só consigo encontrar uma descrição do café — aquela que já todos sabem de cor — e não quero estar a discutir se ela está ou não bem feita, se é ou não importante sentir o ambiente. Vocês concordam que não interessa estar a falar nisto; no fim de contas não é aí que está a minha história.

Vou falar agora da distância que vai de mim a todos os barulhos da rua, nomeadamente o dos automóveis. Sinto-me longe, sem dúvida que sinto (começam agora a tactear um certo «cisma» nas minhas palavras. Acertei?). Mas o sentir-me cada vez mais afastado, cada vez mais dentro da minha mesa, e só o rim do que me aconteceu. Se a rua tem pouco interesse para mim, enquanto vos estou a contar isto, e por causa de outras ruas em que passeei hoje Mas vamos ficar por aqui que isto não leva a nada

2.ª tentativa —

O que eu acabei de escrever foi a primeira tentativa. Não vos prevenI acerca disso só para não se assustarem a pensar em quantas eu posso ainda fazer.

Nesta altura (e pela segunda vez nesta noite) apetece-me falar dos cafés e das ruas. Mas vou fugir a isto. Vocês até se chateavam se eu fosse contar tudo de novo — favas! e esta insónia que não me deixa quieto...

Mas, voltando ao assunto de outra maneira, no meu dicionário quando se fala de aventura, fala-se de descoberta. E não há coisa mais verdadeira: eu, quando me sentei para tomar uma bica, era também para descobrir (talvez seja escusado dizer, mas vocês notaram isso logo, pela maneira como eu segurava a colher). Eu até estava a pensar que encontrar pode perfeitamente ser não encontrar coisa nenhuma, ou perder o que se achou e não cair na asneira de contar ás pessoas. Porque, não tenham ilusões, já ninguém acredita no amor-á-primeira-vista (por exemplo), ou no amor-á-segunda-vista (exemplo 2.º), e quem é que ainda consegue ver numa fonte um rio que desagua no mar?, ou perceber a dificuldade de estar numa cidade? (outros exemplos). E é que já não há quem tenha medo do papão ou dos lobisomens. E tudo isto são exemplos (como eu tive o cuidado de dizer) e nem sequer são dos mais típicos, não são. São escolhidos ao acaso — basta folhear a memória que eles surgem logo aos montes, dispersos, sempre dispersos.

3.ª tentativa —

Já devem ter percebido que a minha aventura não tarda a surgir, que estamos a chegar ao ponto-eixo de todo este palavreado. Pois é! (usem agora ao máximo aquilo que vos ensinei — enorme resignação — e preparem-se para o que vier) é verdade que ainda não vos contei a tal história que motivou tudo isto. Estou agora a tentar pela terceira vez — «não há duas sem três» — e eis-me na minha ultima oportunidade de contar que hoje de manhã, depois de... não, não é assim, isto também não levava a nada.

Acham que eu sou mesmo capaz de contar assim tudo, sem mais nem menos? sabem, é que eu duvido que me seja possível. Não consigo perceber bem porquê, sinto falta de palavras para dizer o que queria...

Estou muito inclinado a pensar que agora vocês ficam que nunca mais me podem ver — se chegaram até aqui vão querer que eu conte tudo, tintim por tintim, sem andar a fugir pelos cantos das palavras, corado e cheio de vergonha (vergonha de quê? não, não me perguntem isso por favor). Mas é mesmo verdade. Eu talvez nem vos diga mais nada, ficamos assim, com um segredo.

É uma aventura, isto de falar com vocês, é mesmo uma aventura. Não concordam? (vamos ponham-se no meu lugar a ver se não acham o mesmo).

E agora (vamos acabar em bem?) digam alto, com toda a expressão que conseguirem: Pois é! (ultima resignação desta barafunda toda) Pois é!...

Diário de Lisboa
juvenil
N.º 658
DOS JOVENS PARA TODOS

CINEMA DA CRUELDADE

sobre «DESEJO PERVERSO» e «CERIMÓNIA SECRETA» e um P. S. final para «O HOMEM DE KIEV» de Frankenheimer

por Tito Lívio

1 — No princípio era a solidão que destrói e corrói os corpos. Depois havia Alvise um jovem, filho de um burguês — rico — industrial. Alvise preso a uma cadeira de rodas. Como recusa e defesa ao mundo das pessoas «normais», assépticas e «saudáveis».

Alvise cuja ironia percorre todo o ritual, toda a cerimónia daquele almoço formal. A câmara a perpassar pelos rostos. Para além deles. Ávida, cruel. Numa dissecação útil.

A vida — jogo que diverte Alvise. Que se prepara para a cerimónia — ritual — eutanásia tomando banho e usando gravata. Alvise coberto de lama nessa cena espantosa da clínica. O homem-barro bíblico regressa ao pó, símbolo da abjecção.

O binómio Alvise — Lea. Personagens de um jogo cruel que conduz á impotência, à destruição mútua, ao Nada.

A destruição voluntária do ser. Como recusa à vida superficial dos homens — fechados — nos — seus casulos. Industriais, ídolos da canção. Convencionais mães de família.

«Desejo Perverso» acusa e testemunha. Pela mão inquietante de Salvador Samperi. Como eu Buñuel, Marco Ferreri ou Losey.

2 — Losey. O de «Acidente» e «Eva». Preocupado com a comunicação dos seres «robots». Perpassando de olhos vazios, amorfos pelas ruas. Sem se ver.

Cenci e Eleanora — o estranho binómio. A impotência e a frustação. A impossibilidade de aprender a viver só. Uma solidão que se agarra á pele como um vírus.

O encontro no autocarro. O vislumbre. A aliança.

A casa. Como presença obcessiva. Fundamental. Analisada nos seus mínimos detalhes. No barroquismo imponente. Tão ao gosto de Losey. Presença quase animista e animada. Onde se desenrola a cerimónia. Ritual da convenção entre Cenci a criança — menina — mulher que se recusa a crescer e Eleanora, prolongando doentiamente (o ritual perante o retrato da filha morta, a visita ao cemitério). Aliança que supõe reciprocidade com a troca ritual de presentes entre ambas.

Cinema simbólico em que os objectos adquirem um sentido subjectivo necessário ao ritual (os vestidos, a boneca, a caixa de música), das causas últimas dos nossos pensamentos e motivações (o carácter esquisofrénico — histérico de Cenci).

A psicanálise e a antropologia. Como em Polansky — «Repulsa» e a «Semente do Diabo».

Eleanora assumindo a personagem de mãe até ao fim. Até à impossível reconciliação. Ao crime final. A vingança. O suicídio de Cenci, repetindo a morte de Esther, a filha de Eleanora.

Como em o «Desejo Preverso» há o ritual — a preparação para a morte — o dispor metódico dos comprimidos na casa violada. O grito que morre na garganta «Mamã», como repetição de igual palavra no primeiro encontro.

A admirável cena da morte de Cenci — Mia Farrow, como cordeiro imolado no altar. O romper definitivo da aliança provocado por Albert. Mais uma vez o jogo, a cerimónia — a simulação da violação, o mimar da posse. A perversão de Albert — as rosas, os postais, os retratos de Cenci, a antevisão de Cenci — criança como objecto de posse possível e desejável.

As tias Hannah e Hilda elementos quase clownescos na sua crueldade. Invadindo e violando a intimidade da cerimónia.

A fim inevitável — a destruição — o suicídio de Cenci, a morte de Albert, o homicídio de Eleanora.

Vingança de Esther, a filha afogada. Reencarnada em Cenci. A infrusão do homem — Albert é Sansão (corte das barbas) e Electra. Mitos. A riqueza de um filme. Obra prima de Losey. Da dificuldade de comunicação, da necessidade que os seres têm uns dos outros. Do vazio das sociedades modernas. Do ritualismo dos pequenos gestos diários. Da sua sacralização (do real). Da presença omnipotente da Igreja (a noção de pecado e culpa). Puritanismo. Só os demasiado iconoclastas poderão ver em «Cerimónia Secreta» um filme menor de Losey.

P. S. — Para Frankenheimer. O de «O Homem de Kiev». Muito se falou. Pouco se percebeu (pecha de certas críticas de cinema de o Juvenil — pecha intelectualista). Apenas ainda,

1 — A recusa de Iakov Bok em se tornar herói. O herói pela força das circunstâncias. O anti-herói. Homem comum de todos os dias.

2 — A impossibilidade de uma neutralidade de opções perante a vida. Ninguém pode ser apolítico. Asserção nuclear.

3 — A conversa de Bibikov com o ministro czarista da justiça. O ódio aos judeus fomentado pelo poder. Como medida de diversão. De defesa. De derivação das agressividades incontidas do povo.

4 — O grandiloquente inútil da cena final. O fim necessário — revolta do guarda (paga com a morte) contra a máquina de repressão, a arbitrariedade, a injustiça.

JOSEPH LOSEY e «CERIMÓNIA SECRETA»

por Rui Manuel B. Manaças

Há dois tipos de cinema. Para uns, o cinema é uma mera mercadoria, para a qual os realizadores pretendem arranjar a melhor embalagem. Da observação da camada burguesa que vai ao cinema para esquecer os seus problemas, veio o código necessário para apresentar as ditas embalagens. Assim, as histórias de amor com rodriguinhos e tudo, as histórias de guerra e espionagem com todos os ingredientes necessários e alguns filmes eróticos destinados a explorar o gosto fácil de certo público, são utilizados das mais diversas maneiras. E objectivo de tais fitas fazer sonhar frustrados arrazados por uma vida agitada.

Para outros o cinema é uma continuação da vida, uma luta indeterminada pela compreensão do homem e da sua posição no mundo nas suas mais válidas aspirações — surge assim o cinema de autor — cinema apreciado por poucos, infelizmente (note-se, no entanto, que não estamos a fazer a apologia do cinema de minorias; pelo contrário, o cinema, como arte que é, destina-se a todos).

Está neste caso — o cinema de autor — Joseph Losey — cinema que, não se deve apenas ao impulso do seu autor. Este obedece, consciente ou inconscientemente, a uma ordem social ou moral, religiosa ou estética, a determinado estado das leis que o rodeiam e que moldam o espírito e a fisionomia duma época, de que este será ao mesmo tempo testemunha e intérprete. Aparece-nos então o cinema como testemunho histórico.

Postas estas considerações, destinadas a situar, embora sumàriamente, o autor e a sua obra num contexto social, passemos a analisar Losey e o seu último filme, agora em exibição num cinema de Lisboa.

Losey, mais que qualquer outro cineasta, é exemplo do que dissemos atrás: qualquer cineasta americano é, no dealbar da sua carreira, um empregado da gigantesca máquina hollywodiana. Daí que se compreenda o seu exílio na Inglaterra. O próprio Losey o disse: «Na Europa o realizador é um criador, na América é um operário especializado».

Aparece-nos, como em «Acidente» — único filme que conhecemos deste autor —, a exploração do mesmo tema: A violência. Mais uma violência diferente daquela que estamos habituados a ver: é a violência de relações.

Um caso de psicopatia — Cenic (Mia Farrow) — que perde a Mãe muito nova. Vive os primeiros anos da sua vida com duas tias, num ambiente luxuoso, isolada completamente do exterior. Aos 22 anos, julga encontrar a Mãe e vê-se então solicitada para dois pólos opostos de amizade e educação: o Pai — Albert (Robert Mitchum) e a suposta Mãe — Leonara (E. Taylor).

Desta mútua solicitação nasce o desenrolar da acção cuja característica fundamental é a constante tensão entre uma realidade exterior (Londres, a casa, os jardins, o Hotel na praia, os objectos, o quotidiano imóvel) e uma realidade interior (o enlouquecer progressivo que conduzirá ao suicídio de Cenic).

Mas o filme é mais que isto e reduzi-lo à fábula final de Leonara — «Dois ratos caíram num balde com leite. Um deles gritou por socorro e afogou-se. O outro continuou a dar às patas e encontrou-se a andar em manteiga» (citamos de memória). — seria limitá-lo. O filme, como aliás, outros de Losey, denuncia e acusa o «british way of life» pela «mútua destruição dos indivíduos através das reacções que são levados a travar uns com os outros no quadro da mais banal quotidianeidade e de específicos extractos sociais» (1).

Acerca de Losey disse Nöel Calef:

«Losey é, além de tudo, um homem que sabe exactamente o que quer — nunca aceitará um movimento de câmara gratuito. Pode parecer gratuito mas, para ele, tem um significado. Não lhe basta rodar uma cena como está escrita, mas de chegar a dar a cada movimento de personagens, a cada movimento de câmara, a cada objecto de cenário, a cada detalhe, um significado próprio (2).

Daqui nasce um cinema que se afirma mais pela sua rigorosíssima construção técnica do que por qualquer ideologia político-social do autor (de toda a maneira importantíssima) aí inscrita».

Pelo que dissemos e pelo muito que haveria a dizer, se nos afigura «Cerimónia Secreta» uma obra importante e a ver dentro do panorama cinematográfico da capital.

---

(1) — M. Machado da Luz in «Seara Nova», numa crítica a «Acidente».

(2) — Declarações de Nöel Calef, cenarista dum dos filmes de Losey, em «Joseph Losey, volume de «Cinema Aujourd'hui».

POEMA PARA UM DIA DE SOL AMARELO PERLADO AQUI E ALI DE FUMOS CINZENTOS

por José Anselmo

Meu amor
quando a manhã cair fugiremos juntos voando
passaremos de mãos dadas
sobre chaminés sem fumo de negros enganos
pessoas sempre com 2 olhos 1 nariz 1 boca

Sim amor
quando a manhã cair
tu e eu de mãos dadas fugiremos juntos
deixaremos a cidade-tédio
das casas-jardins-de-relva-portões-dourados
onde se plantam túlipas

Sim amor
amanhã talvez depois do primeiro frio de sol
partiremos
enfim mesmo que não pártamos
convém pensar que o poderíamos fazer.

AINDA «O HOMEM DE KIEV»

RESPOSTA A A. ROMA TORRES

por Ana M. da Costa

Amigo:

— Não sei há quantos anos nasceste, todavia, adivinho que, psicológicamente, és ainda uma criança. Uma criança que decora uns tantos assuntos e na primeira oportunidade atira a quem calha os seus esguichos de sabedoria.

Já alguma vez abriste os olhos para ver bem e meditar sobre tudo o que te rodeia, ou olhaste francamente para dentro de ti mesmo? Faz isto uma vez, pelo menos uma vez. Se conseguires encontrar a verdadeira razão, o «motivo» por que escreveste um artigo intitulado **«E ainda o Homem de Kiev»** talvez consigas encontrar algo proveitoso, até aqui desconhecido e abandonado no teu verdadeiro mundo introspectivo. Olha que é tempo de procurares umas migalhas de humildade. Se és sensacionalista, porque acusas os sensacionalistas?

Nós, os jovens, queremos a máxima verdade, de tudo e de todos. Estamos cansados de palavreado e flores mortas.

Quiseste ser positivo, lógico, incisivo e tudo! Mas falhaste redondamente. Tiveste que justificar em primeiro lugar que és um grande conhecedor do mundo cinematográfico, enumerando uma série de nomes de cineastas, títulos de filmes e até tiveste necessidade de transcrever palavras do Frankenheimer (para tornar o artigo ainda mais extenso).

Se queres ser um crítico — nunca faças comparações. Cada obra, cada ser, cada coisa tem de começar por ser distinta aos olhos de quem critica a fim de poder ser justo e imparcial. A fim de poder analisar calmamente o todo — bom ou mau — que lhe põem á frente do nariz. De contrário, torna-se o químico de todos os críticos.

É pena, lamento não teres conseguido ser, até aqui, um crítico original...

Ocorre-me perguntar-te se alguma vez estiveste preso. — Tu nunca estiveste preso. Por enquanto estás preso a ti próprio «incapaz», porque tal como tu dizes tomas uma posição mais exigente (exigência que não satisfaz os outros, sobretudo os que são capazes de meditar, de amar o pó, os sentimentos e a própria aragem). E, procuras justificar os teus juízos num artigo quilométrico bailando superficialmente á volta da sua essência com palavras gastas, usadas, repetidas, omitindo o pensamento, o teu verdadeiro sentir e pensar acerca de **«E ainda o Homem de Kiev»**.

Aprende a dizer, porque é que não gostas.

Sauda-te a tua amiga

Ana Isabel Monteiro da Costa

UMA NO CRAVO (ESPANHOL)...

(continuação)

a lógica do espectáculo) fugiu das directrizes (erradas, se as houve...) que o encenador apontava.

Porque Henriqueta Maya é a única que sabe estar em cena, a única que se movimenta com convicção e que exterioriza segundo uma linha firmemente traçada.

Desde a sua entrada em cena, o espectador fica preso á sua actuação cujos momentos são quase todos de um teatro sentido, de carne e osso, compreendido e exteriorizado: o choro fingido, o diálogo enquanto passa a ferro na abertura do segundo acto, o quebrar de elos na morte.

A sua caricatura atinge, porém, o auge, na cegada do carnaval, em que, funcionando de cavaleiro na tourada de trazer por casa, Henriqueta atinge um momento de antologia.

IV — A PATEADA

No final de cada acto e do espectáculo houve pateada.

Uma pateada é uma manifestação salutar, tanto como uma salva de palmas.

E, perante o espectáculo que é o «Cravo Espanhol», estará mais certa a pateada que a salva de palmas. Simplesmente, ambas as coisas se dirigem a objectos diferentes: á encenação, á interpretação, ao autor, etc. E, neste caso a pateada irá quase toda para o encenador, ou em última instância, para o empresário. Porque, se é o empresário que se responsabiliza pela escolha do repertório, é ele que sabe (neste caso ela) que linha está a dar ao seu teatro, através das escolhas.

A pateada será, pois, para Pedro Lemos e para Amélia Rey-Colaço. E nessa altura batemos os pés até á exaustão.

Não queremos bater os pés contra Romeu Correia. Por causa da sua ternura pelo povo que somos. Se ele sabe ou não transmiti-la, isso resultará de acordos com os encenadores. Mas, na verdade, ele enuncia uma temática populista que será mau ignorar.

V — DA OPORTUNIDADE DAS PATEADAS

Já que houve pateada e que se pediu um colóquio sobre a peça, pedido indeferido por um pano de cena caído e mudo entre os actores confundidos e o público aparvalhado, então cabe-nos falar da oportunidade das pateadas.

Em face dos outros espectáculos de teatro pseudo-português que passaram impunes (ou quase), a pateada no «Cravo Espanhol» é injusta.

«A Forja» era um mau espectáculo, compromisso entre nada e coisa nenhuma, de interpretação desorientada numa encenação á quem quer e não pode, ou melhor, á quem não pode e também não quer.

Mas pior que «A Forja» era «O pecado de João Agonia». Encenação que desprezava os valores (de oportunidade discutível) a retirar numa nova exegese do texto de Santareno, assim sem interesse nenhum para o momento português (e é por de mais conhecido um texto de Santareno que poderá servir um bom espectáculo).

E pior que tudo, porque é um insulto á colectividade esmagar a pés firmes Aquilino Ribeiro, foi o que aconteceu durante tanto tempo no horroroso Teatro Maria Matos com «O tombo no Inferno». Não há palavras que cheguem para descrever o que era dado contemplar ao espectador. Se tivesse existido teatro na Idade da Pedra, talvez tenha sido menos elementar que a demonstração levada a efeito junto á Avenida de Roma, no século XX, com um tombo nas profundezas do Inferno.

Neste momento em que, não se sabe como, *porque nada aconteceu na verdade*, aparece tanta peça portuguesa em cena, é bom que se comece a separar o trigo do joio. E há para aí tanto joio que a tarefa é fácil.

Essa tarefa é a de derrubar os mitos e a propaganda. E a de pegar nos autores e ver o que se pode fazer com a matéria-prima. Desmitificada, claro.

A DECRUÁ PARA A ISABEL QUE LADRA

por Manuel Augusto Frade

vinhas de longe. sempre. depois este hábito de beijar as pessoas à chegada, agradava-te. era assim que passavas os momentos seguintes a lamentar-te que o pó-de-arroz e não sei que mais. mas chegavas. e fornarias a partir porque interessava antes de tudo arejar. para chegar de longe a outro sítio. e haveria pó-de-arroz. entre outras coisas o rio. todas as tardes desciamos até à albufeira. havia a espanha e os pescadores. e havia sobretudo o pasmo dum a quem perguntaste se gostava das tuas canções porque as baladas falavam deles. e o pão. levantou-se e foi buscar água à mina na certeza dos restos da merenda. mas merenda não havia. dieta não cabe no poema que um homem aperta nos dedos grossos. nem a lua propriedade dos homens nos olhos daquele que encerrou o gado mais cedo e se foi sentar numa fraga com o cão ao lado pra ver se os via descer. mas não.
sorriste. sorrias. a cidade. era longe a cidade donte tu vinhas.
o corpo estendido na areia. um gesto difícil este dos dedos estendidos. a urgência dos remos feita de saliva e o céu a tornar-se pardo. eram tudo isto os dias que ficavas connosco. e contigo a cidade repito. havias de voltar um dia. de longe. então a estrada as árvores e o rio de novo. e a espanha. e os pescadores. entretinha-me a pensar em qualquer coisa enquanto não voltasses. era fácil uma pessoa aborrecer-se. ainda as noites. o tempo que quisemos fosse de construção. ficaria um jardim para roubar rosas. colher não era suficientemente largo. os dedos. hoje lembro-me de andares sempre a dizer que tinha as unhas sujas que porcaria para que serviam os dedos? para tudo menos para alisar os cabelos. nem para semear que não compensa. talvez que isto de usar um para cada anel não seja mesmo imitação. as velhas perguntavam o que faziamos nas tabernas. havias de sentir a falta disto na cidade. entretanto digo da satisfação de estar horas a discutir problemas dos outros. era preciso concluimos por fim uma aproximação. mas não fomos comer a casa da luísa nem nos levantámos às cinco horas pra ir pro campo. até a gente que está habituada sabe deus... os domingos. lembras-te uma vez teres dito que gostavas de ser folha? para quê pergunto. quando morrer não quero que as pessoas ponham perfume. prometo. connosco este hábito de procurar nas coisas ideias fáceis. isso era quando as tardes eram nossas e não havia mais nada para fazer do que ouvir música e passar as letras que sabíamos. (make love aparecia traduzido por: expressão ordinária). entretanto pergunto se estar uma tarde com vontade de cuspir só para não sair da sala significa paixão.
hoje a certeza de tudo isto ter ficado. a areia e os remos. e o caminho para o rio sobretudo. vereda de cabras. e o depois de almoço e o depois de jantar. e a tereza rural porque não alinhava com a malta. por isso digo que para saber a terra é preciso habitá-la deixar crescer as sementes até ser tudo verde e voltarmos lá um dia para sorrir porque é tudo erva. só por isso.

POEMA

por Vasco da Câmara Pestana

os olhos em torno da mesa as nossas palavras subiam no ar
formavam um cilindro um abraço contínuo os braços não existiam
ou então enterravam-se no chão e abriam um túmulo cilíndrico
lembro-me do cais era diferente as mãos eram precisas
para agarrarem para conservarem o corpo com mais força por mais tempo
os pés ninguém os sentia podiam ser os meus
esmagavam as lágrimas as uvas sem sumo
na mesa os olhos eram os dos cais
e os olhos do cais eram guindastes ferrugentos que subiam
talvez as palavras pesassem porque ninguém falava
mas os corpos erguiam-se com ruído as bocas cansadas de lábios secos
e o cilindro fechava-se num abraço
muitos cilindros transparentes erguiam-se no cais
eram leves e com o vento caíam.

APONTAMENTO

por Alberto Costa

Alberto entrou de novo em casa. Pegou na mala e lembrou-se da família. Abanou os ombros descontraidamente e ao passar pelo pátio reparou que o seu cão saltando tentava agarrar um osso que se encontrava numa saliência da parede. Agarrou-o e atirou-o ao animal que indiferente ao dono imediatamente o começou a roer.

Alberto caminhava ao longo do rio que de uma largura apreciável servia de esgoto aos produtos das fábricas. Ao longe já se via a ponte grande, metálica e arqueada. Alberto, ao subir, pôs a mão no varão do resguardo e olhou para os 500 metros maciços que se estendiam á sua frente. Ia andando vendo lá em baixo a água azul-verde-cinzenta, mas a ponte parecia-lhe enorme. Estava cansado. Sentou-se e pensou em sua casa: os seus pais seriam com certeza informados por sua amiga). Mas que importava isto (pensamentos estupidos). Novamente se pôs a caminho mas o fim da ponte parecia-lhe a distancia constante. A mala fazia-lhe doer a mão e o corpo Alberto caminhava, olhos fixos nos prédios, mas não progredia. As moradias sumptuosas já estavam iluminadas. Era noite. As horas passavam e o espaço mantinha-se. Acelerou o passo mas não conseguia aproximar-se da outra margem. Um automóvel grande e preto, guiado por um senhor de cartola passou por ele, veloz, e em breve se embrenhou nas ruas de acesso á cidade. Aturdido voltou para trás e ainda olhou uma ultima vez, para o fim da ponte. Em breve chegou á aldeia. Monoliticamente seguiu para casa passando por cima de jardins e de tudo o que lhe fizesse gastar mais tempo. Entrou no pátio e na escuridão distinguiu o seu cão a movimentar-se. Ainda roía o mesmo osso que ele lhe tinha dado. Entrou no quarto e deixou-se cair pesadamente na cama num lazer infinito.

EM 1969 — A POESIA

Luís de Miranda Rocha: — Antes de mais, por onde vamos começar? Que critério vamos usar na enunciação de livros e autores: — um critério de qualidade ou um criterio de representatividade? (significado, importância, etc.).

Fernando Almeida Ribeiro: — Entendo que o critério de representatividade é tremendamente falso e injusto, enfim, pouco democrático. Apesar de tudo, e como nos encontramos num meio onde é assustadora a falta de um ritmo de produção qualitativamente maior, aceito-o, embora com algumas reservas.

L. M. R.: — Então falaremos em primeiro lugar de uma estreia (a de António Franco-Alexandre, «A Distância») e de uma edição da obra quase completa de Adolfo Casais Monteiro (com um inédito ainda, muito interessante). O livro de Franco Alexandre não é certamente o melhor do ano. Mas é dos que se devem mencionar antes de muitos outros. Os melhores aliás não foram novos mas nomes já de certo modo consagrados: Ramos Rosa, Luísa Neto Jorge, Gastão Cruz...

F. A. R.: — Não estou de acordo. «A Distância», por ser uma estreia de um autor pràticamente desconhecido, constitui a revelação do ano.

L. M. R.: — Será. Mas está ainda demasiado preso a Jorge de Sena e a um tipo de discursivismo que já não constitui grande novidade entre nós nem é o melhor sintoma de modernidade na actual poesia portuguesa, já enriquecida com outras vias discursivas, com outros processos depois de Jorge de Sena.

F. A. R. — Também não concordo. Jorge de Sena demonstra-nos em «Peregrinatio ad loca infecta» um poder e uma actualidade francamente inovadores. Creio que este livro representa uma nova fase poética do autor. Mas, para falarmos dos mais novos, creio que, pela publicação de «Algumas Palavras», Eduardo Guerra Carneiro se afirmou mais um grande poeta.

L. M. R.: — Mas não podemos ser muito entusiastas. Porque, parece-me a mim, o livro de Guerra Carneiro enferma ainda de muitos vícios que têm anquilosado a produção dos poetas ligados ao neo-realismo, mesmo os mais novos, localizados em Coimbra em torno de «Poemas Livres». Todavia «Algumas Palavras» é um livro distinto, nele são visíveis aquisições valiosas, Ramos Rosa, o sorrealismo, o que há de positivo na lição experimental.

F. A. R.: — A propósito de Ramos Rosa, «A Construção do Corpo» é quanto a mim um livro extremamente difícil. Confesso que não possuo actualmente bagagem teórica para o analisar eficazmente. Mas talvez sobre o livro tu queiras dizer alguma coisa.

L. M. R.: — «A Construção do Corpo» é na minha opinião o melhor livro do ano e um livro do maior poeta português da actualidade. Isto parece um «slogan» vulgar mas eu queria que não fosse. Porque toda a actual poesia portuguesa está, advertida ou inadvertidamente, ligada à sua obra. Todos lhe devemos pelo menos isto: a recolocação dos problemas centrais da poesia no seu devido lugar e uma reflexão poética intensiva sobre o material poético específico — a linguagem.

F. A. R.: — Não: para mim os melhores poetas portugueses actuais são: Herberto Helder (em primeiro lugar), Nuno Júdice e Luísa Neto Jorge (dos Dezanove Recantos) (1).

L. M. R.: — O primeiro e o terceiro admito que possam ser polémica, jornalística e publicitáriamente declarados como tal. O segundo, não o conheço senão de meia duzia de poemas isolados. Isto parece-me demasiado escasso e nem sequer nos permite formular um juízo crítico, com um mínimo de fundamento e segurança.

F. A. R.: — Apesar de tudo os sintomas da poesia de Nuno Júdice são claramente inovadores e só é de desejar que ele publique em breve para se ver melhor como é.

L. M. R.: — Falemos de Gastão Cruz e de Luísa Neto Jorge. «As Aves» é talvez inferior a «Outro Nome». Mas é um livro exemplar sob o ponto de vista da unidade formal, estilística, temática, um livro rigorosamente unitário. E também um livro exemplar porque nos «diz» de uma experiência que na nossa literatura ainda não tinha merecido o interesse de ninguém (e isto não significa que Gastão Cruz tenha dito tudo), apesar de estar a ser vivida por um numero elevado de jovens autores. De «Dezanove Recantos» é um marco na actual poesia portuguesa. O livro instala um tipo de discurso verdadeiramente novo. E a realização efectiva do programa implícito (e ainda mal formulado) na produção jovem mais representativa do princípio da década.

F. A. R.: — De acordo. Mas falemos também de «A Fuminada Imagem». Um livro onde a nota dominante é a responsabilidade do poeta perante os outros homens e perante uma circunstância histórica determinada, definida.

L. M. R.: — A propósito: também Ary dos Santos, a seguir ao êxito triste da «Desfolhada», acreditando decerto antecipadamente na popularidade e na simpatia do público, publicou um livro que é um equívoco provocado por e provocador de erros e defeitos muito correntes num certo sector a-crítico. Mas sobre o livro já um Manuel Gusmão disse o que era mais urgente dizer-se (no Jornal de Letras e Artes, n.º 270). Eu acho que não se pode transigir com o mau gosto e corresponder ás exigências da mediocridade sem aceitar (e contribuir decisivamente para) uma subversão de valores e comprometer gravemente a qualidade da produção poética: Ary dos Santos não sabe (ou simula não saber) os riscos que corre. O que ele está a fazer não deve ser feito por nenhum poeta consciente dos problemas e das dificuldades do seu ofício e das responsabilidades daí decorrentes.

F. A. R.: — De acordo com a denúncia desse processo comercialista de vender poesia a metro.

L. M. R.: — Voltemos aos novos, às estreias. Além de Franco Alexandre, alguma outra que te mereça uma referência ou uma consideração especial?

F. A. R.: — Não. (Já mencionei o livro de Eduardo Guerra Carneiro). Toda a produção restante me parece irrelevante, dada a imaturidade prática dos autores.

L. M. R.: — Ocorrem-me três estreias: Rogério Vidigal, Eusébio Martins e Ana Maria Ferreira. Qualquer dos livros que publicaram justifica que se fixem os seus nomes. Um volume colectivo: «Três Poetas na Cidade». Leste?

F. A. R.: — Li. Não tem interesse de maior, a não ser alguns prosopoemas de Fernando Grade.

L. M. R.: — Há um grupo poético que começa a constituir-se, a definir-se no Jornal de Letras e Artes. Nuno Júdice, Rui Dinis, Manuel Gusmão. Que se oferece dizer sobre isto?

F. A. R.: — Entendo que a salvação da poesia está, terá de ser realizada colectivamente. Assim parece-me extremamente importante esta tentativa de Manuel Gusmão, Nuno Júdice, Rui Dinis.

L. M. R.: — Mas um grupo poético não se faz pela determinação de cinco ou seis individuos cultores do exotismo e da diferença (não sobretudo, mas também). Nuno Júdice e Rui Dinis parecem-me realmente dois bons poetas e Manuel de Gusmão um mau poeta e um crítico cujo terrorismo se torna a todo o instante inconsequente, pela gratuidade, pela infundamentação, pela arbitrariedade, pela pura ostentação.

F. A. R.: — Por isso mesmo, merecem o nosso apoio e a nossa crítica.

L. M. R.: — Já agora, e para terminar, falemos da crítica e do ensaísmo preocupados com questões teóricas e práticas relativas à poesia, à actividade e à produção poéticas. Parece que ainda não há entre nós uma crítica regular de poesia, além da de Gaspar Simões que já não nos interessa grandemente e da de Eduardo Prado Coelho, que aliás ùltimamente parece ter-se eclipsado.

F. A. R.: — A crítica de Gaspar Simões (que semanalmente leio e admiro...) é o modelo acabado, «cadáver adiado que procria», da má crítica de poesia, teatro e ensaio que se faz em Portugal. Só é pena que Manuel de Sousa Lobo, José Régio, etc, o defendam e aplaudam. Por outro lado, todos nós esperamos que Óscar Lopes, Fernando Guimarães Eduardo Lourenço, Jorge de Sena e Eduardo Prado Coelho se dediquem com mais frequência à crítica regular tanto de poesia como de ensaio e do romance.

L. M. R.: — Eu penso que Gaspar Simões é menos culpado do que aqueles que seguem um mesmo caminho ou um caminho idêntico. Eu leio Gaspar Simões porque ele tem atrás de si uma obra, uma tradição. Mas não leio Sousa Lobo que não tem nada a não ser um mau exemplo que não deve ser seguido por quem começa algumas décadas depois.

---

(1) F. A. R.: Distingo na prática teórica de António Ramos Rosa duas actividades a Poética e a Ensaística. Andam de certo modo ligadas. Empolga-me o combate por ele empreendido contra o empirismo, o pragmatismo e o dogmatismo de que certa fase de Alexandre Pinheiro Torres é péssimo exemplo, entre outros.